UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS – RIO CLARO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A SATISFAÇÃO ACADÊMICA DE GRADUANDOS DA UNESP DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19

BIANCA LOPES DA CUNHA NOGUEIRA

Rio Claro – SP
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS – RIO CLARO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A SATISFAÇÃO ACADÊMICA DE GRADUANDOS DA UNESP DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19

BIANCA LOPES DA CUNHA NOGUEIRA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Dra. Andréia Osti

Rio Claro – SP
2025

N778s

Nogueira, Bianca Lopes da Cunha
A satisfação acadêmica de graduandos da Unesp durante e após a pandemia de Covid-19 / Bianca Lopes da Cunha Nogueira. -- Rio Claro, 2025
100 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Andréia Osti

1. Ensino Superior. 2. Satisfação Acadêmica. 3. Adaptação Acadêmica. 4. Desempenho Acadêmico. 5. Rendimento. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Esta pesquisa tem sua importância e relevância ao contribuir para a compreensão do impacto que a pandemia teve para a rotina dos universitários, ao verificar as condições que envolvem o retorno ao ensino presencial. E possibilitar à adoção de estratégias que solucionem as dificuldades elencadas e contribuam para uma maior satisfação acadêmica entre os estudantes, ao evitar o aumento da evasão nas universidades e a queda do rendimento acadêmico. Aliada ao objetivo 05 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU ao contribuir para educação de qualidade, a pesquisa também abre possibilidade para investigações sobre as possibilidades do ensino remoto ou híbrido no futuro, considerando as condições materiais e os desafios de ensino aprendizagem nessa modalidade de ensino.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research holds importance and relevance as it contributes to the understanding of the impact the pandemic had on university students' routines by examining the conditions surrounding the return to in-person education. It enables the adoption of strategies to address the identified challenges and promote greater academic satisfaction among students, helping to prevent increased university dropout rates and declines in academic performance. In alignment with Goal 5 of the United Nations Sustainable Development Goals, by contributing to quality education, the research also opens up possibilities for further investigation into the potential of remote or hybrid learning in the future, considering the material conditions and teaching-learning challenges associated with this mode of education.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A SATISFAÇÃO ACADÊMICA DE GRADUANDOS DA UNESP DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19

AUTORA: BIANCA LOPES DA CUNHA NOGUEIRA

ORIENTADORA: ANDRÉIA OSTI

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Educação, pela Comissão Examinadora:

Assinado de forma digital por Andreia Osti:25035899870
Dados: 2025.08.28 10:21:06 -03'00'

Profa. Dra. ANDRÉIA OSTI (Participaçao Virtual)
IB / UNESP / Rio Claro (SP)

Prof. Dr. JOSÉ AIRTON DE FREITAS PONTES JUNIOR (Participaçao Virtual)
Centro de Ciências da Saúde / UECE - Universidade Estadual do Ceará

Assinado de forma digital por Maria Antonia Ramos de Azevedo:09207393859
Dados: 2025.08.28 10:23:09 -03'00'

Profa. Dra. MARIA ANTONIA RAMOS DE AZEVEDO (Participaçao Virtual)
Departamento de Educacao / UNESP - Instituto de Biociencias de Rio Claro - SP

Rio Claro, 28 de agosto de 2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, aos meus pais, Marcel e Cristina e ao meu irmão, João Pedro, pelo incentivo e apoio que me deram ao escolher a carreira docente e na continuidade de meus estudos na pós-graduação. Aos meus avós, Walter e Marina, Océlio e Maria José, por serem meu exemplo de carinho e persistência. E à minha bisavó Leoneta (in memoriam), que mesmo em nosso curto período de convivência me incentivou a construir meus próprios objetivos.

À professora Andréia Osti pela orientação atenciosa durante a graduação e o mestrado. Sou grata pela confiança e oportunidade que me proporcionou para desenvolver essa pesquisa, admiro sua postura competente e generosa como professora. Agradeço aos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Representações, Aprendizagem, Leitura e Escrita (GEPRALE) pelas discussões e aprendizados.

Ao Matheus por compartilhar comigo todos os momentos e me auxiliar durante a graduação e no mestrado. Aos meus amigos de Rio Claro da graduação e da pós-graduação, agradeço por todos os momentos partilhados que fizeram com que a trajetória fosse mais leve.

Ao Colégio Vitória de Vargem Grande do Sul- SP sou grata pelo período que atuei na escola, onde iniciei minha carreira como professora. E a E.E. Carmen Mendes Carvalho de Tambaú-SP, pela acolhida no início da minha carreira como professora da rede estadual de São Paulo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Deste modo, agradeço à CAPES pelo financiamento da pesquisa por meio da concessão de bolsa de Mestrado e ao Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGE) da Unesp Rio Claro pela formação proporcionada.

RESUMO

O presente estudo dedicou-se a realizar uma investigação de caráter quali-quantitativo sobre a temática da Satisfação Acadêmica no ensino superior visando identificar quais os fatores que envolvem a satisfação ou a insatisfação com a vida acadêmica de estudantes que cursaram parte da graduação no contexto da pandemia de Covid-19. Destaca-se ainda que em razão da pandemia Covid-19, que impactou toda a sociedade mundial e, em se tratando das universidades brasileiras, provocou a exigência de uma nova organização em termos de promover o ensino e considerando o elevado abandono de estudantes no ensino superior frente a essa realidade, torna-se relevante esta pesquisa. Participaram da pesquisa 75 estudantes de graduação da Unesp, campus de Rio Claro. Metodologicamente foi aplicado um questionário montado previamente e sua análise feita por estatística descritiva. Objetivou-se identificar junto a esse grupo de estudantes sobre seus níveis de satisfação e insatisfação acadêmica durante a pandemia e no retorno presencial; analisar impacto do cenário pandêmico do COVID para a capacidade de engajamento dos estudantes em atividades de aprendizagem e os impactos na retomada presencial; averiguar quais foram as condições materiais e espaço de estudo dos alunos para realizar as atividades remotas e identificar quais os sentimentos positivos e negativos dos alunos em relação ao processo de ensino e aprendizagem ocorrido durante o isolamento social e comparar com os sentimentos vivenciados no retorno presencial. Espera-se com essa pesquisa contribuir para o reconhecimento dos fatores que interferem na satisfação dos estudantes a fim de planejar ações de atendimento aos estudantes, além de possibilitar a adoção de estratégias dentro da própria instituição para melhorar as condições ofertadas aos discentes e entender quais foram as consequências da pandemia para esse grupo e buscar futuras alternativas ao ensino remoto.

Palavras-chave: Ensino Superior, Satisfação, Adaptação acadêmica, Desempenho acadêmico, Rendimento.

ABSTRACT

The present study is dedicated to carrying out a qualitative-quantitative investigation on the topic of Academic Satisfaction in higher education, aiming to identify which factors involve satisfaction or dissatisfaction with the academic life of students who completed part of their undergraduate course in the context of the pandemic. of Covid-19. It is also noteworthy that due to the Covid-19 pandemic, which impacted the entire world society and, in the case of Brazilian universities, caused the demand for a new organization in terms of promoting teaching and considering the high dropout of students in teaching superior to this reality, this research becomes relevant. Participated of the research 75 undergraduate students from Unesp, Rio Claro campus. Methodologically, a questionnaire was applied and its analysis was carried out using descriptive statistics. The aim is to identify with this group of students their levels of academic satisfaction and dissatisfaction during the pandemic and upon return in person; analyze the impact of the COVID pandemic scenario on students' ability to engage in learning activities and the impacts on in-person resumption; to find out what the wstudents' material conditions and study space were to carry out remote activities and identify the students' positive and negative feelings in relation to the teaching and learning process that occurred during social isolation and compare them with the feelings experienced upon returning in person. This research is expected to contribute to the recognition of factors that interfere with student satisfaction in order to plan student service actions, in addition to enabling the adoption of strategies within the institution itself to improve the conditions offered to students and understand what were the consequences of the pandemic for this group and seek future alternatives to remote teaching.

Keywords: Higher Education, Satisfaction, Academic adaptation, Academic performance, Performance.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Gênero.....72

Gráfico 2- Faixa etária.....73

Gráfico 3- Ano de curso.....73

Gráfico 4- Desempenho geral durante a pandemia.....74

Gráfico 5- Local de estudo.....78

Gráfico 6- Sentimentos vivenciados durante a pandemia.....79

Gráfico 7- Desempenho geral no retorno presencial.....83

Gráfico 8- Sentimentos vivenciados no retorno presencial.....85

Gráfico 9- Rendimento.....89

Gráfico 10- Preferência em relação ao formato das aulas.....90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-Artigos selecionados sobre os impactos da pandemia no ensino superior22

Quadro 2-Artigos sobre a saúde mental de estudantes universitários.....33

Quadro 3- Artigos selecionados sobre a satisfação acadêmica.....44

Quadro 4- Dificuldades e facilidades durante a pandemia.....82

Quadro 5-Dificuldades e facilidades no retorno presencial.....87

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

COVID-19- Doença do Coronavírus de 2019

SARS- COV-2- Síndrome Respiratória Aguda Grave causada pelo Coronavírus

CNE- Conselho Nacional de Educação

IES- Instituições de Ensino Superior

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira

UNESP- Universidade Estadual Paulista

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

OMS- Organização Mundial da Saúde

TDICS- Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....08

1.1. Trajetória acadêmica.....14

2. OBJETIVOS.....15

3. MATERIAL E MÉTODOS.....16

3.1- Delineamento da pesquisa.....16

3.2- Participantes.....16

3.3- Instrumento e Coleta de dados.....17

3.4- Métodos.....17

3.5- Análise de Dados.....18

5. IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO ENSINO SUPERIOR.....20

5.1- Covid-19 e Saúde Mental de Universitários.....33

6. SATISFAÇÃO ACADÊMICA.....42

6.1-Ensino Superior Brasileiro.....42

6.2-Estudos sobre a Satisfação Acadêmica.....43

7. RESULTADOS.....72

7.1 Durante a pandemia.....74

7.2 No retorno presencial.....83

7.3 Desafios e possibilidades.....88

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....91

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....93

10. ANEXO I.....99

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da vida acadêmica o estudante universitário necessita lidar com uma série de tensões e exigências, como a ser responsável por si mesmo, gerir a nova rotina de vida quanto às suas tarefas e estudos e, em muitos casos, viver longe da família, além de outras mudanças que provocam desamparo e exige adaptação no sentido de corresponder às demandas do novo contexto.

Neste contexto, em 2020 todo o mundo foi afetado pela pandemia do COVID-19, infecção respiratória aguda e potencialmente grave causada pelo coronavírus SARS-COV-2. Como forma de conter a propagação do novo vírus foram adotadas medidas de isolamento social que impactaram toda a sociedade. Na área educacional brasileira, dadas as condições da população e de muitos professores foi necessário aprender, em pouco tempo, sobre tecnologias para as aulas remotas. Nas universidades, provocou a exigência de uma nova reorganização em termos de promover o ensino. Isso exigiu de alunos, professores e funcionários uma reinvenção para corresponder às exigências institucionais alterando a forma como os estudantes se organizaram em relação aos estudos e rotina acadêmica, assim como seus professores que passaram a realizar os compromissos acadêmicos de forma remota.

A perda do contato social entre professores e estudantes é sem dúvida, uma das mais impactantes medidas decorrentes do distanciamento social. Considerando que o Conselho Nacional de Educação (CNE) estabeleceu a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação do COVID-19 e que a Medida Provisória nº 934 estipulou normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.

Sabe-se que inicialmente se pensava que logo voltaríamos as aulas presenciais, mas a gravidade da pandemia apenas reforçou a necessidade de isolamento e distanciamento. Neste interim, destaca-se a importância de se avaliar como um grupo de estudantes universitários, de diferentes áreas, teve sua satisfação acadêmica impactada. Almeida (2019) em recente pesquisa, alude a questão da satisfação acadêmica no ensino superior como situações que positiva ou negativamente interferem no processo de desenvolvimento social, interacional, relacional e cognitivo dos alunos em seu percurso acadêmico.

Tratando-se da Unesp- campus Rio Claro, em 18 de março de 2020 houve a suspensão do calendário escolar dos cursos de graduação, de modo que as aulas ficaram suspensas até o

dia 13 de julho do mesmo ano, momento em que as aulas retornaram de forma remota. Durante este período de paralisação das atividades acadêmicas, o que totalizou quatro meses, a universidade esteve empenhada em garantir que os estudantes em situação de vulnerabilidade social tivessem computador disponível, por meio de doações e empréstimos. O acesso à internet foi assegurado pela reitoria, por meio da distribuição de chips de telefonia móvel aos estudantes que não tivessem acesso ou tivessem acesso precário à internet. Houve também a composição de grupos de trabalho com o intuito de avaliar estratégias para a retomada de atividades didático-pedagógicas, devido a necessidade de reorganização da forma de promover o ensino que passou a ser remoto. As aulas presenciais só retornaram efetivamente no primeiro semestre letivo do ano de 2022, ou seja, após dois anos.

Dessa forma, entender a relação que as condições sociais causadas pelo contexto da pandemia de COVID-19 exercem nos vínculos estabelecidos no ensino superior e sua consequente relação a satisfação acadêmica passa a ser de sua importância, visto que estes cenários de conturbação no ensino foram ocasionados em razão da Pandemia. Para entender como a experiência acadêmica afeta o aluno, Araújo (2017), Osti, Chico, Oliveira e Almeida (2020), Chico, Oliveira, Osti, Almeida (2020) consideram que é preciso investir em pesquisas que analisem dados de natureza acadêmica, como dados de ordem atitudinal, afetiva e as percepções dos estudantes sobre sua vida universitária.

Segundo Grebennikov e Shah (2013), Magalhães, Machado e Sá (2012), a satisfação dos estudantes com a sua experiência acadêmica envolve o acesso e os recursos da instituição, a participação e sucesso no processo de ensino e aprendizagem, a organização do curso e sua estrutura curricular, os serviços de apoio. Todos esses aspectos corroboram para a satisfação ou insatisfação do estudante e tem implicações para seu compromisso e envolvimento durante o curso, sobretudo no contexto da pandemia. Frente ao exposto, intenciona-se verificar como os alunos estão lidando com todos esses aspectos a partir do distanciamento social e das mudanças no ensino, organizadas pela universidade.

Ajustar-se à universidade implica em estar socialmente integrado com as pessoas que fazem parte desse contexto, o que direciona a considerar a dimensão interpessoal. Segundo Teixeira, Dias, Wottich e Oliveira (2008) é a qualidade da relação e o diálogo sobre questões relativas a vida na universidade que podem contribuir para uma melhor adaptação. No entanto, as interações foram totalmente afetadas pelo ensino remoto. Alunos do primeiro ano não tiveram um processo, tal como era no presencial, de conhecer seus novos colegas de turma e não conheceram o espaço físico da universidade, enquanto os estudantes dos anos posteriores,

que já tinham tido contado com colegas, professores e instituição, passaram a manter contato somente virtual.

Pesquisas nacionais (Suehiro e Andrade, 2018) e internacionais (Osti, Chico, Oliveira e Almeida, 2020, Grebennikov e Shah, 2013) consideram que o suporte parental pode ser determinante para o sucesso ou fracasso de alunos na medida em que necessitam no decorrer de seu processo de escolarização, de apoio e orientação para enfrentar as diversas situações vivenciadas na instituição de ensino. Novamente, se pensarmos no contexto de isolamento, muitos dos alunos retornaram para suas famílias, e passaram a estudar de dentro de casa.

Neste sentido, o envolvimento no contexto universitário é efetivamente um conceito multidimensional e pode ser descrito, de acordo com Araújo (2017), através de suas manifestações em três domínios: comportamental, cognitivo e emocional. O domínio comportamental diz respeito às regras do contexto educacional, o envolvimento na aprendizagem, o tempo na tarefa e a participação em atividades curriculares. Do ponto de vista cognitivo incluem-se aspectos como o investimento e esforço na aprendizagem e compreensão, bem como o uso de estratégias e autoeficácia. O domínio emocional descreve a intensidade emocional relacionada com a experiência da aprendizagem, sendo manifestada em sentimentos de pertença, prazer e interesse intrínseco pela tarefa.

Neste âmbito, o estudo de Limeira, Batista e Bezerra (2020) concluiu que tanto professores quanto alunos concordam que a qualidade do ensino presencial é superior ao ensino remoto e alegaram a falta de interatividade no ambiente virtual. Além disso, verificou-se que a maioria dos estudantes não possuíam condições de acesso e permanência nos ambientes virtuais, devido à problemas relacionados à falta de internet ou equipamentos adequados para tal finalidade. Somado a isso, a pesquisa de Ferreira, Branchi e Sugahara (2020) apontou que grande parte dos professores de Ensino Superior alegaram que a falta de contato visual e interação presencial com os alunos impediram a percepção real de como estava sendo a aprendizagem e a realização de avaliações também não forneceram garantia sobre o real desempenho dos alunos.

O estudo realizado por Flores et al. (2021) que contou com a participação de estudantes de várias instituições de Ensino Superior portuguesas apontaram para percepções negativas dos estudantes em relação à diversos aspectos de adaptação ao ensino remoto. Verificou-se que a dificuldade de concentração e a gestão de tempo foram as principais dificuldades enfrentadas e, em relação as expectativas para o futuro, a maioria afirmou que desejaria um ensino misto (presencial e online) para o ano letivo posterior. Dessa forma, compreende-se a importância de

que as instituições de Ensino Superior retirem lições desta situação de gestão de crise, a fim de promover mudanças no planejamento das atividades letivas no futuro.

Nesta lógica, Galve-González et al. (2022) verificaram que a satisfação com os estudos representa um papel importante como variável preditora da intenção de abandono universitário, assim, os estudantes que se sentem satisfeitos com a escolha do curso demonstraram menor intenção de abandono. A investigação também demonstrou que o desempenho acadêmico durante a pandemia de Covid-19 mostrou-se importante, pois, estudantes que consideram que seu desempenho acadêmico pouco sofreu com o ensino remoto mostram pouca intenção em abandonar o curso. Todavia, para o grupo que acredita que o desempenho acadêmico foi prejudicado pela pandemia apresentaram uma maior intenção de abandono.

Gundim et al. (2020) apontaram que a alteração da saúde mental entre os estudantes é decorrente de fatores como o afastamento de colegas, a quebra da rotina acadêmica, a preocupação com o atraso das atividades e, por consequência o adiamento da formatura, interrupção de aulas práticas e estágios e a realização de atividades remotas em um cenário de dificuldade de acesso à internet e adaptação às novas formas de aprendizagem. Compreende-se, portanto, que a pandemia de Covid-19 provocou alterações no estado emocional dos estudantes, o isolamento social, o medo frente a possibilidade de adoecimento, o grande fluxo de informações e o afastamento das atividades acadêmicas foram fatores cruciais para o sofrimento psíquico.

Na mesma perspectiva, o estudo de Freires et al. (2023) evidenciou aspectos importantes relacionados aos efeitos das atividades remotas no cotidiano pandêmico e que se mostraram condições estressoras para os estudantes. As consequências da crise sanitária como a alteração ou interrupção parcial dos planos de vida dos universitários e elementos de ordem mais ampla, como as instabilidades política, social e econômica. Neste sentido, o estudo de medidas com o intuito de minimizar o sofrimento psíquico e seus efeitos sobre os estudantes universitários permitem a adoção de estratégias que possam auxiliar a diminuição dos impactos psicológicos e formas de atendimento baseado nas necessidades estudantis. Verifica-se, portanto, a necessidade de realização de estudos que valorizem os aspectos subjetivos relacionados ao impacto da pandemia em estudantes universitários (GUNDIM, et al; 2020).

Neste contexto, compreende-se que o período pandêmico e seus aspectos que alteraram a rotina acadêmica e as condições físicas dos estudantes e de seus familiares causam efeitos negativos à saúde mental dos universitários e da sociedade como um todo. Entende-se, nesse aspecto, que a promoção de medidas de redução e manejo do das questões psicológicas sejam adotadas, tanto por parte das autoridades de saúde quanto pelas universidades e profissionais

da educação. Estudos que refletem a realidade vivida no contexto pandêmico servem de base para medidas que estimulem a saúde mental, a redução dos efeitos negativos causados no período de emergência mundial e promovam uma avaliação criteriosa dos danos que podem ocorrer em longo prazo (GUNDIM, et al; 2020).

Em se tratando da volta às aulas na universidade, objeto de estudo nesta pesquisa, o retorno presencial tem evidenciado os efeitos e impactos da pandemia: estudantes com problemas psicológicos, dificuldades para estudar, problemas para se manter comprometido, para se socializar e com a leitura de textos e execução de trabalhos. Destaca-se aqui que segundo Neves (2021) a pandemia de Covid-19 trouxe impacto na sua saúde mental de sete a cada dez universitários brasileiros, o maior índice registrado em 21 países analisados. Para a maior parte houve aumento de estresse e ansiedade. Apenas 21% buscaram ajuda, e 17% declararam ter pensamentos suicidas.

Em outra pesquisa que investigou os efeitos dos afetos positivos e negativos, da ansiedade e dos pensamentos e comportamentos obsessivos e compulsivos nos estudantes universitários brasileiros, Pereira (2021) afirma que os estudantes apresentaram alto nível de ansiedade e níveis moderados para os pensamentos e comportamentos obsessivos e compulsivos. Além disso, verificou-se que os afetos positivos se relacionaram negativamente à ansiedade, assim como se relacionaram negativamente aos pensamentos e comportamentos obsessivos e compulsivos, enquanto os afetos negativos se relacionaram positivamente às variáveis independentes.

Ao aliar a satisfação acadêmica com o contexto pandêmico, Osti, Júnior e Almeida (2021) se debruçaram sobre o novo ambiente educacional imposto pela pandemia e a adoção generalizada do ensino remoto e, deste modo, verificaram categorias de análise em que foi possível identificar os principais impactos decorrentes da pandemia: a) capacidade de engajamento, b) estrutura familiar e doméstica, c) tempo dedicado aos estudos, d) informações sobre a situação acadêmica, e) fatores emocionais que afetam o acadêmico e f) diferenças em função da idade e do sexo. Os resultados obtidos pelos autores indicaram alteração na capacidade de engajamento em atividades de aprendizagem, o que afetou o acompanhamento das atividades universitárias de forma geral, bem como o tempo dedicado ao estudo. A necessidade de isolamento e ausência de contato com pessoas, sobretudo os colegas e amigos do curso, gerou, para grande parte dos estudantes, um elevado grau de estresse cotidiano comprometendo a saúde física e mental. As pesquisas aqui mencionadas auxiliam a embasar e destacar a relevância da presente pesquisa por possibilitar entender os reflexos da pandemia

que ainda estão presentes e repercutindo sobre o envolvimento acadêmico dos estudantes universitários e a influência para seus níveis de satisfação.

Além disso, Osti e Almeida (2022) embasam a importância e necessidade da presente pesquisa. A partir de levantamento bibliográfico sobre a presença da satisfação acadêmica em pesquisas sobre o Ensino Superior verificaram que a temática tem aparecido como coadjuvante ao tratar processos de adaptação, desenvolvimento e sucesso acadêmico. Deste modo, os autores reconhecem que a temática da satisfação acadêmica carece de mais investimentos no Brasil, uma vez que possibilita a análise de situações de permanência ou abandono de estudantes do Ensino Superior e a identificação de variáveis que interferem na (in) satisfação acadêmica, com a finalidade de traçar perfis dos estudantes que proporcionem planos de ação mais eficazes dentro das universidades.

Cabe salientar ainda que os resultados da pesquisa de iniciação científica realizada pela pesquisadora com financiamento FAPESP (Processo 2021/06305-4) indicaram que a capacidade de envolvimento em atividades de aprendizagem foi afetada durante a pandemia, em razão de fatores emocionais e materiais, como a falta de recursos para acompanhar as aulas, tal como acesso à internet e a qualidade dela, notebook ou computador, além de microfone e câmera. A necessidade de isolamento social alterou o estado físico e emocional dos estudantes e influenciou o acompanhamento das atividades acadêmicas, de modo que grande parte dos participantes não conseguiram cumprir integralmente com as atividades não-presenciais propostas. O estudo permitiu verificar o predomínio de sentimentos negativos, como medo, tristeza, raiva e pessimismo afetando o engajamento e a rotina de estudos. Com base nesses resultados considera-se que a temática da pesquisa permite continuidade em uma pesquisa de Mestrado, para a compreensão do impacto que a pandemia teve para a rotina dos universitários, verificar as condições que envolvem o retorno ao ensino presencial, após o período de isolamento, assim como possibilitar à adoção de estratégias que solucionem as dificuldades elencadas e contribuam para uma maior satisfação acadêmica entre os estudantes. Também intenta-se verificar se após o retorno presencial, a questão dos sentimentos se alterou, bem como o engajamento e índices de satisfação, tendo assim um melhor parâmetro sobre os fatores que implicam o ensino remoto / virtual e o ensino presencial.

1.1 Trajetória Acadêmica

Minha inquietação em relação à temática pesquisada surge de minha trajetória acadêmica. Em 2018 ingresso na UNESP – campus de Rio Claro no curso de graduação em Geografia, após dois anos de adaptação, desafios e aprendizados da rotina acadêmica recebemos a notícia de que as aulas presenciais seriam paralisadas em função de uma pandemia. No início, parecia que após um breve período tudo voltaria ao normal, mas conforme os meses foram passando foi possível perceber a gravidade do que estávamos vivenciando e que, consequentemente, as aulas na faculdade não retornariam tão cedo, assim como teríamos que seguir com ano letivo de uma forma totalmente nova: através das aulas remotas.

Testemunhei os desafios e angústias de diversos colegas de turma durante esse período. Dificuldades financeiras, medo de adoecer ou de perder algum familiar, sobrecarga com trabalho doméstico, transtornos psicológicos em razão do isolamento social, dificuldade no acompanhamento das atividades acadêmicas e tantos outros desafios decorrentes desse período.

Paralelamente, iniciei minha pesquisa de iniciação científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP) que tinha justamente o objetivo de investigar os níveis de satisfação acadêmica de um grupo de estudantes da Unesp ao longo da pandemia de Covid-19, verificando as diferenças entre os estudantes das diferentes áreas de graduação: Exatas, Humanas e Biológicas. Os resultados evidenciaram um grande impacto do contexto pandêmico para o engajamento dos estudantes em atividades acadêmicas o que gerou novas inquietações sobre a temática e a disposição de seguir na pós-graduação com a pesquisa sobre os impactos da pandemia para os estudantes de ensino superior. Em 2023, inicio o mestrado com o interesse de escutar os estudantes que, assim como eu, viveram parte de sua graduação durante a pandemia de Covid-19. Entender de modo mais profundo como esse período foi vivenciado com todos os desafios que estiveram presentes e verificar as consequências no retorno das aulas presenciais.

2. OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Investigar junto a um grupo de estudantes da UNESP que cursaram parte da graduação no contexto da pandemia COVID-19 sobre seus níveis de satisfação e insatisfação acadêmica durante o período de isolamento social e no retorno presencial.

Objetivos específicos:

- Analisar o impacto do cenário pandêmico do COVID para a o envolvimento dos estudantes em atividades de aprendizagem e os impactos na retomada presencial;
- Averiguar quais foram as condições materiais e sociais dos alunos para realizar as atividades remotas e para o retorno presencial;
- Identificar quais os sentimentos positivos e negativos dos estudantes em relação ao processo de ensino e aprendizagem ocorrido durante o isolamento social;
- Comparar os sentimentos vivenciados durante o isolamento com o retorno presencial;

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Delineamento da pesquisa

O presente estudo é decorrente de minha pesquisa de iniciação científica que foi financiada pela FAPESP e que faz parte de uma pesquisa maior que foi realizada entre Brasil e Portugal em três universidades: Universidade Estadual Paulista - Unesp, Universidade Estadual do Ceará - UECE e Universidade do Minho - UMinho. O trabalho caracteriza-se como pesquisa quali-quantitativa e a revisão bibliográfica foi direcionada para artigos que constam no banco de dados do Scientific Electronic Library OnLine (Scielo) e do Google Scholar (Google Acadêmico), selecionando apenas trabalhos publicados nos últimos dez anos (2015-2024) sobre a temática da satisfação acadêmica utilizando as palavras-chave “satisfação acadêmica” e “ensino superior” e dos últimos cinco anos (2020-2024) sobre a pandemia e suas repercussões para o ensino e aprendizagem no ensino superior, utilizando as palavras-chave “Covid-19” e “ensino superior”.

3.2 Participantes

Participaram da pesquisa cerca de 75 estudantes da UNESP, campus de Rio Claro, sendo todos maiores de idade e pertencentes aos cursos de Geografia e Pedagogia, por serem, respectivamente, o curso de origem da pesquisadora e o curso em que a orientadora é docente. No campus temos dois institutos, o de Biociências que oferece os seguintes cursos: Pedagogia, Ecologia, Educação Física e Ciências Biológicas e o Instituto de Geociências que oferece os cursos de: Geografia, Geologia, Matemática, Física, Ciências da Computação e Engenharia Ambiental. A amostragem foi aleatória entre os alunos que cursaram parte da graduação de forma remota, no sentido de não escolhermos os participantes em relação a idade, sexo ou ano de matrícula. Tendo em vista que, em cada ano, ingressam 40 alunos de Geografia Integral e 40 alunos no curso de Pedagogia, a escolha de 75 participantes justifica-se caso não fosse possível atingir o número máximo de estudantes de um determinado ano, todavia se o número de pessoas interessadas em participar ultrapassar o número estipulado elas também serão incluídas na análise. Os participantes foram convidados pelo e-mail institucional.

3.3 Instrumento e Coleta de Dados

Foi aplicado um questionário (Anexo I), desenvolvido em uma pesquisa maior entre Brasil e Portugal, que conta com questões fechadas de múltipla escolha que abordam sobre as condições de estudo, sentimentos vivenciados durante a pandemia e no retorno presencial além de questões abertas com a possibilidade de explicação sobre as percepções e sentimentos positivos ou/e negativos que os estudantes vivenciaram em meio à pandemia e as condições de estudo no contexto de isolamento social e os impactos no retorno presencial.

As respostas ao questionário, recolhidas por escrito de forma presencial e individualmente, em folhas de papel sulfite que serão guardadas por cinco anos no arquivo pessoal da orientadora em sua própria sala no Departamento de Educação da Universidade. Os dados foram digitalizados, transcritos e armazenados em uma planilha de Excel a fim de serem compartilhados em atividades acadêmicas, como a publicação de artigos e apresentação em eventos científicos observando as recomendações e normas que regulamentam as pesquisas que envolvem seres humanos. Participaram os que deram seu consentimento e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Cabe salientar, que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer n° 6.304.577).

3.4 Métodos

A metodologia aplicada consiste na Análise de Conteúdo, que segundo Franco (2007) inicia-se com a mensagem, que pode ser oral ou escrita, gestual, figurativa, silenciosa, documental ou diretamente provocada. A autora ainda salienta o papel da mensagem como expressão das representações a partir de elaborações mentais construídas socialmente devido a interação dinâmica entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. A emissão de mensagens está articulada às condições contextuais de seus produtores, isto é, as situações econômicas e socioculturais nas quais os emissores estão inseridos resultando em mensagens carregadas de componentes ideológicos, cognitivos, afetivos e historicamente mutáveis (FRANCO, 2007).

Além disso, é necessário extrapolar a análise de mensagens expressas apenas por palavras, pois a análise de conteúdo não se restringe apenas a este campo. É necessário conhecer novas possibilidades para identificar e analisar de forma consistente o conteúdo das mensagens que expressam crenças, valores e emoções a partir de indicadores figurativos. Portanto, a análise

de conteúdo requer que as descobertas apresentem relevância teórica, de modo que um dado sobre o conteúdo de uma mensagem esteja relacionado, no mínimo, a um outro dado (FRANCO, 2007).

Tendo em vista que a análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação, vale salientar que toda comunicação é composta por cinco elementos básicos: fonte, processo codificador, mensagem utilizando um canal de transmissão, receptor e processo decodificador. De modo que o investigador possa analisar mensagens e inferir sobre as características do texto, as causas das mensagens e os efeitos de comunicação (FRANCO, 2007).

Neste sentido, uma importante finalidade da análise de conteúdo é produzir inferências acerca dos elementos básicos do processo de comunicação: a fonte emissora, o processo codificador, a mensagem, o detectador e o processo decodificador. A inferência é o procedimento intermediário entre a descrição e a interpretação e é ela que confere relevância teórica à análise de conteúdo, pois pressupõe a comparação dos dados, obtidos por meio de discursos e com pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, indivíduo e sociedade (FRANCO, 2007).

3.5. Análise de Dados

Quantitativamente os dados recolhidos junto da amostra foram primeiramente transcritos para uma planilha Excel em que os alunos receberam um número e os itens do questionário foram inseridos. Após a planilha estar pronta, os dados foram analisados por estatística descritiva. A abordagem quantitativa baseia-se na frequência de aparição de determinados elementos da mensagem. Sendo rígida, esta análise é útil na fase de verificação das hipóteses (BARDIN, 2011).

Em relação a abordagem qualitativa, há a utilização de indicadores não frequenciais possíveis de realizar inferências que é fundada sempre na presença do índice (tema, palavra ou personagem). Corresponde a um procedimento mais intuitivo e adaptável a índices não previstos, sendo utilizado principalmente no lançamento de hipóteses, pois permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma situação de comunicação (BARDIN, 2011).

Segundo Franco (2007), na análise de conteúdo, após a definição dos objetivos de pesquisa, delineado o referencial teórico e verificado o tipo de material a ser analisado é

necessário a definição das unidades de análise (unidade de registro e unidade de contexto). A unidade de registro é a menor parte do conteúdo a partir das categorias levantadas, pode ser a palavra, o tema, o personagem ou o item. Em relação a unidade de contexto, trata-se da parte mais ampla do conteúdo analisado, é o cenário que fornece significado à unidade de análise, como a caracterização dos informantes, as condições de vida, a inserção em grupos sociais, e assim por diante. Nesta pesquisa, a unidade de registro utilizada será o tema, considerada por Franco (2007) como a mais útil unidade de registro de conteúdo. E a unidade de contexto são as relações de ensino e aprendizagem dos estudantes da Unesp- campus Rio Claro no período da pandemia Covid-19.

A organização da análise de conteúdo organiza-se em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A etapa de pré-análise é a fase de organização. Momento em que emergem as intuições, mas que tem por objetivo sistematizar as ideias iniciais a fim de construir um plano de análise, como a escolha de documentos, levantamento de hipóteses e dos objetivos. Em relação à exploração do material consiste em procedimentos de codificação, decomposição ou enumeração aplicados mecanicamente. No que diz respeito ao tratamento dos dados, inferências e interpretação, os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos, por meio de operações estatísticas simples ou complexas, o que permite estabelecer quadros de resultados. Também é possível adiantar interpretações com base nos objetivos previstos ou relacionados a descobertas inesperadas (BARDIN, 2011).

5. IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO ENSINO SUPERIOR

Logo após o início do ano de 2020, o mundo foi alertado sobre o surto do novo coronavírus, doença infecciosa causada pelo vírus Sars-Cov-2 e que apresenta como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Os primeiros casos desse tipo de doença respiratória ocorreram, primeiramente, na cidade de Wuhan, na China. A Organização Mundial da Saúde (OMS) advertia sobre o risco de uma expansão da nova infecção fora do epicentro inicial, constituindo uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, ou seja, o mais alto nível de alerta da Organização de acordo com o Regulamento Sanitário Internacional. Em fevereiro do mesmo ano, a nomenclatura oficial para referir-se à síndrome respiratória aguda grave causada pelo novo vírus passou a ser o termo Covid-19.

Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada como uma pandemia, devido à distribuição geográfica da doença que se espalhou por vários países e regiões, alcançando uma escala global. Diante desse cenário, a OMS buscou estimular a coordenação e cooperação mundial para a adoção de medidas capazes de conter a propagação do vírus. No Brasil, o primeiro caso da doença foi registrado em 26 de fevereiro de 2020 e em, menos de um ano já haviam sido contabilizadas mais de 200 mil mortes causadas pelo novo vírus, segundo as informações das secretarias estaduais de saúde divulgadas pelo Ministério da Saúde. No final do mesmo ano, a crise foi agravada pela descoberta de uma nova variante, denominada P.1(gama), encontrada em um primeiro momento na cidade de Manaus- AM, mas que, rapidamente, se espalhou pelo território nacional elevando o número de casos e mortes relacionados à Covid-19.

Em meio ao cenário desolador, um pouco de otimismo só foi possível com o início do programa de vacinação, em meados de janeiro de 2021, após a Agência Nacional de Vigilância Sanitária conceder a autorização temporária de uso emergencial de vacinas. A gravidade da pandemia do novo vírus provocou a adoção de diversas medidas para conter a propagação da Covid-19 e tentar reduzir o número de infectados. Em sua grande maioria, governos de todo o mundo adotaram como uma das medidas de segurança, o isolamento social, sendo necessário, portanto, a reorganização de inúmeras atividades da sociedade a fim de evitar o contato direto entre as pessoas. Cabe salientar que o impacto gerado pela COVID-19 não atingiu apenas o âmbito sanitário e os sistemas de saúde, mas trouxe consequências sociais, econômicas e políticas em escala global: crises econômicas, desemprego, dificuldades de acesso à bens essenciais, aumento das desigualdades sociais e impactos na saúde mental. Nas instituições de

ensino não foi diferente, as aulas e atividades acadêmicas passaram a ser realizadas de forma remota com o uso de tecnologias.

No dia 17 de março de 2020, através da portaria n° 343 o Ministério da Educação do Brasil autoriza a substituição das aulas presenciais por meios digitais enquanto durasse a situação de pandemia do Covid-19. Após as orientações, as instituições de ensino superior brasileiras precisaram adaptar-se à modalidade remota, denominado Ensino Remoto Emergencial, que foi uma mudança temporária devido a circunstância de crise, uma alternativa de fornecer uma solução que atendesse a necessidade de isolamento social e evitasse a paralisação das atividades acadêmicas, por meio da oferta do ensino de maneira on-line. Neste contexto, a diretoria do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro, por meio da portaria n° 39 de 18 de março de 2020, suspendeu o calendário escolar dos cursos de graduação referente ao ano letivo de 2020. O reinício das aulas do 1° semestre letivo de 2020, de forma remota, só ocorreu no dia 13 julho (portaria n° 65 de 10 de junho de 2020) após quatro meses de atividades paralisadas.

Ao perceber o papel da tecnologia nesse novo contexto em que as relações educativas passaram a ser mediadas por telas, inúmeros pesquisadores se dedicaram a estudar o impacto e os desafios no uso das tecnologias educacionais para o ensino superior. O rearranjo de todo processo de ensino e aprendizagem gerou situações de distanciamento do relacionamento entre estudantes e professores; o uso excessivo da tecnologia como ferramenta de comunicação para o ensino e aprendizagem; a dificuldade de professores e estudantes com o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's); além de todas as questões socioemocionais que envolvem docentes, discentes, famílias e sociedade.

Posto as dificuldades e entraves do contexto socioeconômico que permeou a vida das pessoas durante o período pandêmico e os impactos gerados nos diversos âmbitos da sociedade, incluindo a Educação, inúmeros pesquisadores dedicaram-se a estudar as novas condições de ensino e aprendizagem. Foram averiguadas desde condições materiais para o prosseguimento das atividades de forma remota e dificuldades com o manuseio da tecnologia, até a saúde mental de professores e estudantes que precisaram retomar o trabalho pedagógico em meio às incertezas e adaptarem-se ao novo modo de vida. Além disso, questionava-se, ao encerrar a pandemia, acerca dos prejuízos que seriam levados para o retorno presencial. Diante do exposto, a revisão bibliográfica direcionada à artigos que contemplem os efeitos da pandemia de Covid-19 no Ensino Superior se debruçam, majoritariamente, sobre três temáticas centrais: desafios no acesso à tecnologia, desafios no processo de ensino aprendizagem e desafios institucionais

à implementação do ensino remoto. O Quadro 1 apresenta os artigos selecionados para a revisão bibliográfica realizada.

Quadro 1- Artigos selecionados sobre os impactos da pandemia no ensino superior.

Autores	Título	Ano	Temática Central
Carneiro et. al.	Uso de tecnologias no ensino superior público brasileiro em tempos de pandemia COVID-19	2020	Desafios ao acesso à tecnologia
Limeira, Batista e Bezerra	Desafios da utilização das novas tecnologias no ensino superior frente à pandemia da COVID-19	2020	Desafios ao acesso à tecnologia
Nhamtumbo	Capacidade de resposta das instituições educacionais no processo de ensino-aprendizagem face à pandemia de Covid-19: impasses e desafios	2020	Desafios institucionais à implementação do ensino remoto
Salvagni, Wojcichoski e Guerin	Desafios à implementação do ensino remoto no ensino superior brasileiro em um contexto de pandemia	2020	Desafios ao processo de ensino aprendizagem
Silus, Fonseca e Neto de Jesus	Desafios do ensino superior brasileiro em tempos de pandemia da COVID-19: repensando a prática docente	2020	Desafios ao processo de ensino aprendizagem
Fior e Martins	Docência universitária no contexto de pandemia e o ingresso no ensino superior	2020	Desafios ao processo de ensino aprendizagem
Batista	Equidade no Ensino Superior Brasileiro: Respostas dadas à pandemia da COVID-19	2021	Desafios institucionais à implementação do ensino remoto
Flores et al.	Ensino e aprendizagem à distância em tempos de COVID-19: um estudo com alunos do Ensino Superior	2021	Desafios ao processo de ensino aprendizagem
Silva et al.	Coronavírus: consequências da pandemia no ensino superior	2021	Desafios ao acesso à tecnologia
Ribeiro et al.	Desafios do processo de ensino-aprendizagem no ensino superior em tempos de pandemia da Covid-19: Uma Revisão de Literatura	2021	Desafios ao processo de ensino aprendizagem

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Neste sentido, em relação à disponibilidade de dispositivos tecnológicos necessários para o acompanhamento das atividades remotas, Carneiro et al (2020) ao identificarem os desafios no uso das tecnologias educacionais para o ensino superior público em razão da

dificuldade de acesso a recursos por parte dos discentes e a falta de equipamentos por parte dos docentes, buscaram problematizar, por meio de pesquisa bibliográfica, o uso das plataformas on-line e recursos educacionais para a continuidade do ensino em período de isolamento social. Sobretudo, analisaram o cenário do ensino superior público brasileiro a partir da inclusão digital que estas instituições de ensino estão envolvidas e relacionaram com as possibilidades de êxito ou não do uso de ensino mediado por tecnologias.

Os dados levantados pela pesquisa, em um primeiro momento, estavam relacionados com a experiência internacional para a realização de uma abordagem crítica, principalmente considerando o cenário educacional e de inclusão digital no Brasil; posteriormente, o estudo se dedicou à análise de dados referentes à inclusão digital e o processo de adesão das universidades federais brasileiras no ensino de graduação e pós-graduação de tecnologias de ensino à distância. As informações extraídas pelos autores, constavam no site do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – CETIC, que coordena pesquisa e publica sobre a disponibilidade e uso da internet no Brasil, no site do MEC que acompanhou em tempo real as informações das universidades brasileiras em relação à pandemia do COVID-19 e no site do Moodle que fornecia dados sobre quais as universidades do Brasil que fizeram uso dessa plataforma de ensino.

Deste modo, a análise dos dados buscou relacionar de forma descritiva como o acesso à internet está disposto no território brasileiro, considerando aspectos regionais e de distribuição de renda. Os resultados apontaram que, inicialmente, a adesão das universidades federais às aulas à distância, no período pandêmico, foi baixa. Ademais, quase a totalidade das Universidades Federais têm experiência em educação à distância e acesso a Plataforma Moodle, bem como a outros recursos tecnológicos. Os dados indicaram que 83% das universidades do Brasil suspenderam suas atividades acadêmicas e somente 17%, continuaram com os cursos de graduação funcionando de forma remota. Um dos principais desafios para a implementação do ensino remoto no Brasil pode estar relacionado ao acesso à internet. Ao realizar comparações internacionais, o Brasil não apresenta necessariamente um baixo acesso à Internet, com indicador acima da média dos países em desenvolvimento, apesar de estar distante da média dos países desenvolvidos. Entretanto, a internet com maior velocidade obtida a partir de redes de banda larga fixa, são mais presentes nas regiões mais desenvolvidas do país (Sul e Sudeste) e nas classes mais ricas (A e B).

O estudo verificou que existe uma grande desigualdade regional quando se trata de acesso dos domicílios à internet com banda larga fixa. Existem estados, como o Distrito Federal,

que este acesso chega a 72% dos domicílios, enquanto no Maranhão este indicador chega a apenas 16% dos domicílios. Por outro lado, observa-se que a maioria das residências possuem somente o celular como meio para acessar a internet, sendo que essa desigualdade está mais presente em regiões brasileiras mais pobres.

Neste sentido, Carneiro et al. (2020) concluíram que apesar do país apresentar um indicador de acesso à internet de 61%, a distribuição é bastante desigual no território nacional, com diferenças significativas na distribuição da forma de conexão disponível entre as regiões brasileiras e os diferentes estratos de renda da população. Associado a isso, a maior parte da população de baixa renda não tem computador ou tablet em casa, o que explica em grande parte a não oferta regular de ensino à distância pelas universidades federais, principalmente nos cursos de graduação. Assim, o cenário evidencia a necessidade de implementação de políticas públicas no sentido de democratizar o acesso à internet de qualidade, procurando atender de maneira ampla todos os domicílios e localidades.

O estudo de Limeira, Batista e Bezerra (2020) corrobora com as pesquisas sobre dificuldade de acesso e manuseio dos recursos tecnológicos no ensino superior brasileiro em tempos de ensino remoto emergencial. No intuito de compreender como docentes e discentes de ensino superior têm conseguido dar continuidade às atividades acadêmicas diante da pandemia do COVID-19, os autores buscaram identificar as ferramentas tecnológicas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem, durante o período de isolamento social, em uma universidade pública localizada ao sul do estado do Ceará. O público-alvo da pesquisa consistiu em docentes e discentes, atingindo um total de 126 indivíduos participantes, sendo 32 professores e 96 alunos que estiveram engajados nas aulas remotas durante a crise sanitária.

Para a obtenção dos dados, foram aplicados questionários semiestruturados através do Google Forms, com perguntas sobre os métodos e ferramentas tecnológicas utilizadas pelos alunos e professores para estudo e a prática de aulas remotas. Além disso, os autores buscaram identificar os efeitos da modalidade remota no processo de ensino e aprendizagem, bem como os desafios encontrados tanto pelos docentes quanto pelos discentes diante da mudança abrupta dos métodos utilizados. A partir da análise dos questionários aplicados, os dados foram, inicialmente, tabulados e, posteriormente, identificados a partir do percentual das respostas obtidas para cada questionamento.

A pesquisa evidenciou que há desigualdade nas condições de acesso à rede mundial de computadores. Quanto ao acesso à internet via Wi-Fi, 86% responderam que possuem e apenas

14% alegaram não possuir, sendo que esses últimos apontaram que o acesso à internet se dá por meio de rede móvel e na casa de parentes/vizinhos de forma proporcional. Dentre as ferramentas utilizadas para acesso remoto aos estudos durante a pandemia, 95 % apontaram o uso de smartphones, 53% indicaram o notebook, 6% o computador e apenas 1% utilizou a TV.

Em relação à forma de participação nas aulas remotas, havia a possibilidade de indicar mais de uma opção de resposta, sendo assim, 84% apontaram que se dava a partir do envio de material de estudo pelos professores, 82% através de videoconferência, 65% por meio de aulas previamente gravadas e 1% através do WhatsApp. Cabe salientar que 72% dos participantes alegaram que já tinham utilizado essas ferramentas, e 28% afirmaram que não tiveram contato prévio com as ferramentas citadas anteriormente. Ao serem indagados sobre a qualidade das aulas, 91% afirmaram que as aulas remotas não são melhores que as presenciais e 9% responderam que a qualidade é tão boa quanto as presenciais. Foi observado, ainda, que 76% dos entrevistados afirmaram atrasos nas disciplinas em relação ao estudo presencial, e 24% indicaram que os estudos estão no mesmo ritmo do presencial.

Em suma, a maioria dos estudantes entrevistados (67%) acreditam que, após o período de isolamento, as tecnologias serão fortemente inseridas na didática do professor, enquanto 32% acreditam que as tecnologias não farão parte das aulas presenciais e apenas 1% crê que o ensino a distância ou o remoto substituirá as aulas presenciais.

Ao analisar o contexto dos professores participantes, quando indagados se antes da pandemia tinham utilizado algum desses recursos, 51% responderam que sim e 49% indicaram que não. A maior parte dos docentes, 94%, indicaram que o ensino presencial é melhor que o remoto, concordando entre eles que a qualidade do ensino remoto é afetada devido à falta de interação com os alunos e a baixa adesão às aulas remotas por parte dos estudantes, que, mesmo possuindo acesso à internet, apresentam uma certa resistência a participar. Apenas 6 % responderam que o ensino remoto é tão bom quanto o presencial. Neste ínterim, os autores puderam concluir que tanto professores quanto alunos concordam que a qualidade do ensino remoto é inferior ao presencial, o que pode refletir numa formação inadequada para as disciplinas ofertadas. Além disso, as condições de oferta do ensino são afetadas pela falta de condições de acesso e permanência nos ambientes virtuais pelos estudantes, devido à falta de internet ou até mesmo de ferramentas apropriadas para tal finalidade.

De modo semelhante, Silva et al. (2021) com o objetivo de analisar as consequências do coronavírus para o ensino superior, realizaram uma pesquisa exploratória do tipo revisão

integrativa selecionando os artigos publicados em português e inglês, entre 2019 e 2021 em tempos de pandemia. Os resultados apresentados demonstraram que os alunos universitários, de forma geral, experimentaram o forte impacto da pandemia, e tiveram que recorrer a outras alternativas de aprendizado, em meio às expectativas de uma possível retomada das aulas presenciais. A maior dificuldade, contudo, consistiu no quesito material: computador, notebook, tablet, smartphone e acesso à internet de qualidade que permitisse a continuidade do aprendizado. A flexibilidade ao acesso e recursos pedagógicos são escassos na maioria das universidades/faculdades. Outras dificuldades também puderam ser observadas: a queda do desempenho dos acadêmicos; acréscimo da perspectiva de evasão do ensino superior; desgaste dos docentes, que estiveram sobrecarregados pelas múltiplas atividades e pelos desafios de lidar com a tecnologia a fim de promover um ensino de qualidade.

Em busca de compreender sobre como as universidades federais brasileiras responderam ao momento de crise posto às inúmeras desigualdades de acesso à tecnologia no Brasil. Batista (2021) objetivou analisar as ações tomadas pelo ensino superior brasileiro no período da pandemia a partir do papel da universidade pública federal na redução das desigualdades de oportunidade. Os dados coletados pela pesquisa são derivados da aplicação de questionário estruturado e de entrevista semiestruturada com os reitores das universidades públicas federais, além da análise de documentos oficiais das universidades. O levantamento indicou que o primeiro conjunto das respostas emanadas pelas IES públicas federais foi a criação de grupos e/ou comitês de enfrentamento ao problema da covid-19. Posteriormente, com a finalidade de reduzir as chances da disseminação do vírus entre a comunidade acadêmica, ocorreu a suspensão do calendário acadêmico, momento em que entrou em cena o diagnóstico de necessidades, principalmente de assistência estudantil e inclusão digital, com intuito de retomada do ensino de forma remota. No que tange aos diagnósticos de necessidades relatados, identificou-se uma preocupação com a situação socioeconômica, de modo que o ensino remoto fosse adiado para que cada instituição pudesse conhecer as especificidades de seus públicos. Cabe salientar que mesmo após a suspensão do ensino presencial, as instituições não paralisaram suas atividades de assistência à comunidade estudantil.

Além disso, o autor indica que novas medidas foram tomadas, como a concessão de bolsas institucionais de apoio; concessão de auxílio-alimentação e/ou fornecimento de alimentação; e auxílio-moradia e/ou manutenção do funcionamento de moradias estudantis. Relacionado às medidas de inclusão digital, identificou-se que nenhuma IES deixou de empreender política nesse sentido, estando entre as principais ações: concessão de pacotes de

dados ou chips de internet móvel; capacitação e/ou suporte no escopo das principais ferramentas para atividades síncronas/assíncronas; auxílio financeiro para aquisição ou melhoria de equipamentos; auxílio financeiro para aquisição de chips de internet móvel ou pacotes de dados; e empréstimo de equipamentos da instituição. Mesmo com todas as medidas tomadas os resultados indicaram ainda um possível comprometimento de indicadores, como a conclusão de curso dentro do prazo previsto, trancamentos parciais e evasões após o ensino remoto emergencial.

No cenário internacional pesquisas semelhantes foram realizadas. Tendo em vista todas os desdobramentos ocasionados pelo ensino remoto e as respostas dadas pelas Instituições de Ensino Superior (IES), Nhamtumbo (2020) analisou a organização e planificação das atividades nas IES na busca por atender às novas necessidades de aprendizagem em meio a pandemia de Covid-19, bem como identificou o nível de conhecimento apresentado por professores e alunos no uso das tecnologias de informação.

Participaram do estudo nove indivíduos pertencentes às IES de Moçambique, sendo três responsáveis pedagógicos, três professores com experiência profissional entre 5 e 30 anos e três estudantes da modalidade presencial. O instrumento utilizado foi um questionário e o processamento dos dados ocorreu por meio da análise de conteúdo. Os resultados apontaram que quando questionados sobre as medidas tomadas pelas Instituições do Ensino Superior logo após o encerramento das aulas presenciais, os professores participantes afirmaram que imediatamente as Instituições se organizaram face ao distanciamento social.

Os discursos convergem no sentido de que as Instituições de Ensino responderam muito rapidamente com relação às estratégias para continuar com as aulas, substituindo as aulas presenciais pelo formato online, todavia, apesar de terem mobilizado constantemente recursos e orientado os professores à adoção de aulas remotas o uso das tecnologias está sendo deficiente na interação professor/aluno, além da dificuldade com o manejo das plataformas online. A partir das entrevistas ainda foi possível inferir sobre a dificuldade de acesso à internet, em particular destaque para os estudantes de baixa renda, porque nem todos têm igual acesso às tecnologias e recursos digitais. Os alunos entrevistados reportaram dificuldades no uso de tecnologias, bem como no acesso aos ambientes virtuais de ensino devido ao custo de acesso à internet e má qualidade do serviço.

Neste sentido, é possível concluir que as IES organizaram novas ações para darem continuidade ao processo de ensino-aprendizagem de forma remota, porém, apesar da

reorganização de novas atividades, impactos negativos para os estudantes não puderam ser evitados, devido a incompatibilidade das plataformas online com os seus dispositivos, o difícil acesso à internet nos seus locais de residência e a falta de recursos financeiros para arcar com os custos de internet. Além disso, foi possível perceber a falta de domínio no uso das diferentes plataformas digitais durante as interações online devido à falta de conhecimento de estudantes e professores e capacitações na matéria.

O estudo de Flores et. al. (2021) trata-se de uma investigação sobre a aprendizagem online durante a pandemia dos estudantes do Ensino Superior português. Os autores, de modo geral, buscavam conhecer a experiência prévia e os recursos informáticos identificados pelos estudantes no âmbito do ensino e aprendizagem à distância, perceber o processo de adaptação dos estudantes ao ensino e aprendizagem à distância e identificar as principais dificuldades no ensino e aprendizagem à distância durante o confinamento. Participaram no estudo 2718 estudantes de várias instituições de Ensino Superior portuguesas situadas em todas as regiões do país.

A coleta de dados foi realizada através de um questionário que contava com questões abertas e fechadas sobre as condições de ensino e aprendizagem online e a experiência de ensino e aprendizagem, onde se incluíam itens sobre a experiência de aprendizagem à distância durante a pandemia. Os resultados indicaram que, embora se tenham identificado aspetos positivos, as percepções dos estudantes apontam para uma visão mais negativa do que positiva. Na adaptação à universidade e na avaliação global da experiência de ensino e aprendizagem online é possível identificar alguns motivos internos que afetaram essa adaptação. Competências sociais e emocionais como o reconhecimento e a gestão das próprias emoções, a capacidade de definir objetivos positivos e de tomar decisões que sejam adequadas ao alcance desses objetivos são relevantes para o sucesso académico no ensino presencial e provavelmente terão o mesmo papel na adaptação ao ensino à distância.

A importância de competências de gestão da atenção, das emoções, do tempo, planejamento e gerir distrações também sugere a necessidade de as instituições de Ensino Superior promoverem um conjunto de competências autorregulatórias e socioemocionais consideradas essenciais para o estudante lidar com a incerteza e a imprevisibilidade que caracteriza o momento atual.

O estudo de Flores et. al. (2021) trata-se de uma investigação sobre a aprendizagem online durante a pandemia dos estudantes do Ensino Superior português. Os autores, de modo

geral, buscavam conhecer a experiência prévia e os recursos informáticos identificados pelos estudantes no âmbito do ensino e aprendizagem à distância, perceber o processo de adaptação dos estudantes ao ensino e aprendizagem à distância e identificar as principais dificuldades no ensino e aprendizagem à distância durante o confinamento. Participaram no estudo 2.718 estudantes de várias instituições de Ensino Superior portuguesas situadas em todas as regiões do país.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário que contava com questões abertas e fechadas sobre as condições de ensino e aprendizagem online e a experiência de ensino e aprendizagem, em que se incluíam itens sobre a experiência de aprendizagem à distância durante a pandemia. Os resultados indicaram que, embora se tenham identificado aspetos positivos, as percepções dos estudantes apontam para uma visão mais negativa do que positiva. Na adaptação à universidade e na avaliação global da experiência de ensino e aprendizagem online é possível identificar alguns motivos internos que afetaram essa adaptação: competências sociais e emocionais como o reconhecimento e a gestão das próprias emoções, a capacidade de definir objetivos positivos e de tomar decisões que sejam adequadas ao alcance desses objetivos são relevantes para o sucesso acadêmico no ensino presencial e provavelmente terão o mesmo papel na adaptação ao ensino à distância.

A pesquisa conclui, portanto, que a importância de competências de gestão da atenção, das emoções, do tempo, planejamento e gerir distrações sugerem a necessidade de que as instituições de Ensino Superior promovam um conjunto de competências autorregulatórias e socioemocionais consideradas essenciais para o estudante lidar com a incerteza e a imprevisibilidade que caracterizou o período pandêmico.

Entendidas as limitações tecnológicas e as desigualdades de acesso entre os universitários e a organização feitas pelas universidades para retomada das atividades acadêmicas por meio do ensino remoto emergencial, uma parte dos estudos almejam analisar os impactos para o processo de ensino e aprendizagem. A partir da necessidade de utilização de ambientes virtuais de aprendizagem, Salvagni, Wojcichoski e Guerin (2020) buscaram compreender os prejuízos acarretados à aprendizagem, devido um ambiente de ensino não presencial nas instituições privadas de ensino superior. A partir de uma revisão bibliográfica sobre a temática, os resultados alcançados revelaram a falta de estrutura de preparo dos docentes para o ensino remoto, bem como, uma sobrecarga de trabalho. No que diz respeito aos discentes, uma parcela não apresentava condições materiais de acesso a tecnologias e à internet para acompanhar as atividades no formato remoto, acarretando impactos relativos à aprendizagem

em razão da falta de interação entre o professor e o estudante, a ausência de debates e questionamentos que despertem no aluno diferentes formas de pensamento e a falta de espaços de trocas e discussão que propiciaram um posicionamento passivo do estudante frente ao conteúdo.

Neste âmbito, Silus, Fonseca e Neto de Jesus (2020) apresentaram, através de pesquisa quali-quantitativa os desafios didático-pedagógicos da prática docente do ensino superior brasileiro em tempos de pandemia. Participaram do estudo 442 docentes de ensino superior no Brasil, que responderam a um questionário estruturado enviado por e-mail e respondido através do aplicativo Google Forms. Os dados coletados pelos autores foram analisados a partir do conjunto de respostas dos questionários respondidos, buscando a integração (quanti + quali), de forma mixada, ou seja, estabelecendo uma estratégia de triangulação concomitante por intermétodos, que considera os dados que estavam fundidos, os que se mantiveram separados ou ainda o que estavam de modo combinados.

Os resultados apresentados pelo estudo verificaram que a rotina se intensificou, causando um alto nível de stress, devido à sobrecarga de trabalho com o ensino remoto, o distanciamento social e a falta de participação/engajamento dos estudantes. Além disso, as maiores dificuldades apresentadas pelos docentes extrapolam os limites pedagógicos, tendo em vista que estão associados a necessidade de infraestrutura e acessibilidade necessária que as instituições de ensino superior (IES) precisam considerar ao tratar o ensino com maior qualidade. Deste modo, Silus, Fonseca e Jesus (2020) concluíram que com a pressão provocadas pelas IES para atendimento do ensino remoto emergencial, os docentes buscaram diversas novas formas de interagir com os estudantes, procurando atender as demandas que vão além da habilidade tecnológica como também emocional, devido ao stress causado pelo acúmulo de atividades: produção de conteúdo e mudanças para a modalidade de trabalho em home office. No contexto externo à educação, mudanças impostas pelo isolamento social, tem potencial para afetar consideravelmente a saúde mental dos docentes.

A partir das novas demandas para lidar com a pandemia, as desigualdades de acesso dos estudantes e as condições de trabalho de docentes e discentes, Fior e Martins (2020) entendem que a excepcionalidade da docência universitária na pandemia e a adaptação das práticas pedagógicas ao novo contexto influenciaram a transição do estudante para o ensino superior podendo tanto facilitar o ingresso nesse nível de ensino como criar barreiras, neste sentido o estudo das autoras objetivou conhecer as adaptações pedagógicas realizadas durante o período pandêmico que puderam favorecer ou dificultar o ingresso dos estudantes ao Ensino Superior.

Os oito universitários participantes da pesquisa são de universidade pública matriculados em cursos das áreas de Ciências Exatas, Humanas e Biológicas, sendo seis homens e duas mulheres entre 17 e 24 anos. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, em dois momentos: primeiro no ato da matrícula no ensino superior e após oito semanas do ingresso na universidade. O roteiro das entrevistas abordou vivências acadêmicas na transição para o ensino superior, dificuldades e fatores que auxiliaram na transição. Além disso, foi solicitado aos estudantes que descrevessem as contribuições da docência universitária na transição para o ensino superior. Os relatos foram analisados qualitativamente e divididos em eixos de análise, sendo eles: as adaptações pedagógicas realizadas na migração para o ensino remoto; as interações professor-aluno; o compromisso com a formação do aluno; bem como o reconhecimento da qualidade do trabalho docente.

Os resultados indicaram que com a suspensão das atividades presenciais até o início e desenvolvimento das atividades remotas, os estudantes perceberam as adaptações pedagógicas relacionadas aos ajustes dos recursos tecnológicos e ambientes de aprendizagem propostos pelo docente e à organização da disciplina, assim como a escolha da plataforma de aprendizado por meio da qual ocorreram os encontros síncronos criando condições para a ampliação da motivação do estudante, foram mencionados ainda que a presença de convidados nos momentos síncronos e o esclarecimento sobre as possibilidades de participação em atividades não obrigatórias contribuíram para o envolvimento dos estudantes com o curso.

Em relação à interação estabelecida entre professor e aluno no novo ambiente de ensino, essa categoria foi identificada no relato dos ingressantes como facilitadora do ingresso no ensino superior, com destaque para o contato estabelecido pelos docentes com os alunos, a atenção disponibilizada pelos professores para o esclarecimento de dúvidas e auxílio na superação dos desafios acadêmicos, atitudes fundamentais para a permanência dos estudantes. A expectativa de retorno ao ensino presencial, bem como a disponibilidade e o compromisso dos docentes em resgatarem os conteúdos e as experiências que não foram desenvolvidas devido ao ensino remoto também são pontos chaves neste período de transição, estimulando o compromisso do estudante com o graduar-se, todavia os ingressantes, que já são um grupo com maior vulnerabilidade para evadir, tiveram esse risco aumentado em 2020 devido a mudanças nas condições de vida decorrentes da Covid-19 e das medidas de isolamento social. Além disso, o ensino remoto pode levar a desapontamentos com a experiência universitária e com o curso, influenciando a decisão do estudante de evadir.

Neste contexto, é possível concluir que os relatos de estudantes presentes neste estudo são de universitários que tiveram condições de acompanhar as disciplinas e de participarem da investigação, todavia eles não representam a totalidade dos universitários. A distribuição de equipamentos de acesso à internet é fundamental para a participação no ensino remoto, mas não é suficiente, devido às desigualdades de espaços físicos, de condições materiais, de papéis sociais exercidos nas famílias e que podem culminar numa decisão de abandono do curso.

Neste cenário de readequação do novo processo de ensino, Ribeiro et al. (2021) buscaram compreender os principais desafios no processo de ensino aprendizagem no ensino superior advindas da pandemia da COVID-19 e, consequentemente, descrever as estratégias metodológicas frente ao processo de ensino-aprendizagem na pandemia da COVID -19, neste intuito foi realizado uma revisão integrativa, em que o referencial teórico foi articulado a partir de duas categorias: 1- Desafios no processo de ensino-aprendizagem no ensino superior advindas da pandemia da Covid-19. 2- Estratégias metodológicas frente ao processo de ensino-aprendizagem na pandemia da Covid-19.

Os resultados apontaram que na primeira categoria os autores apontam que o distanciamento social é o maior impacto provocado pela pandemia, devido ao impacto para a saúde mental, haja vista que o medo reforça o grau de estresse, angústia e ansiedade, podendo impulsionar alterações comportamentais, como também, a suspensão das aulas presenciais na universidade obrigou o desenvolvimento de estratégias educacionais para dar continuidade ao processo de ensino, todavia diversos obstáculos foram revelados: dificuldades com o uso da internet, a inexperiência no manuseio de plataformas digitais e aparelhos tecnológicos, o ambiente de estudos, condições de avaliação dos estudantes e a dificuldade de participação do estudante nas aulas interferindo no processo de ensino e aprendizagem. Em relação à segunda categoria, as universidades buscaram alternativas para reduzir os impactos e suprir as demandas das atividades remotas, através de salas virtuais de ensino, onde os alunos poderiam acompanhar as aulas através de dispositivos tecnológicos, com suporte das instituições por meio de acompanhamento das atividades remotas, as normatizações das ações e dos procedimentos, empréstimos de equipamentos e editais de bolsas para pacote de dados.

Neste âmbito, a pesquisa de Ribeiro et al. (2021) permite concluir que a pandemia acentuou diversas fragilidades da sociedade de forma geral, mas, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem no nível superior, inúmeras foram as dificuldades para sua manutenção e construção, frente a necessidade emergencial de renovar as técnicas de ensino e

adotar novas metodologias pedagógicas na tentativa de conduzir o ensino superior no período de pandemia.

5.1 Covid-19 e saúde mental de universitários

A pandemia impactou gravemente as instituições de ensino superior em todo mundo, acarretando prejuízos à saúde mental dos estudantes. No Brasil a situação é alarmante, sete a cada dez universitários brasileiros declararam que a pandemia trouxe impacto para a sua saúde mental, o maior índice registrado em 21 países analisados, segundo um estudo internacional intitulado "Global Student Survey" que ouviu 16,8 mil estudantes de 18 a 21 anos. Para 87% dos estudantes, houve aumento de estresse e ansiedade, sendo que 17% declararam ter pensamentos suicidas (Oliveira, 2021). Neste sentido uma parte da revisão de bibliografia da presente pesquisa dedicou-se a analisar os impactos da pandemia para a saúde mental de universitários, selecionando artigos que contemplem a temática do impacto da pandemia para a saúde mental de estudantes do ensino superior, como consta no Quadro 2.

Quadro 2- Artigos sobre a saúde mental de estudantes universitários.

Autores	Título	Ano
Chang, Yuan e Wang	Mental health status and its influencing factors among college students during the epidemic of COVID-19	2020
Gundim et al.	Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19	2020
Ma et. al.	Mental health problems and correlates among 746 217 college students during the coronavirus disease 2019 outbreak in China	2020
Maia e Dias	Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19	2020
Barros et. al.	Os impactos da Pandemia do COVID-19 na saúde mental dos estudantes.	2021
Oliveira et. al.	Saúde mental de estudantes do ensino superior durante a pandemia da COVID-19: scoping review	2022A
Oliveira et. al.	Covid-19: Repercussions on the mental health of higher education students	2022B
Sunde, Giquira e Aussene	Efeitos da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos universitários: caso de estudantes da Universidade Rovuma, Moçambique	2022

Freires et. al.	Estresse em universitários: conhecendo o efeito das atividades remotas no cotidiano pandêmico	2023

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Na China, primeiro país afetado pela pandemia de Covid-19, a preocupação com a saúde mental dos estudantes em períodos de isolamento foi alvo de diversas pesquisas. Chang, Yuan e Wang (2020) a fim de investigar o estado de saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19 e identificar os fatores que influenciaram a saúde mental dos estudantes, utilizaram um questionário com o intuito de conhecer o comportamento cognitivo sobre a pneumonia por coronavírus em relação ao Transtorno de Ansiedade Generalizada 7 (GAD-7) e o Questionário de Saúde do Paciente 9 (PHQ-9), o questionário veiculado pela Internet contou com a participação de 3.881 estudantes universitários na província de Guangdong. Um modelo de regressão logística multinomial foi utilizado para analisar os dados coletados.

Os resultados indicaram que 69,47% dos universitários apresentavam alto nível de conscientização sobre a COVID-19; a incidência geral de ansiedade foi de 26,60%, em relação à incidências de ansiedade leve, moderada e grave foram de 23,19%, 2,71% e 0,70%, respectivamente. Emoções depressivas foram detectadas em 21,16% dos estudantes, e as incidências de depressão leve, moderada e moderada a grave foram de 16,98%, 3,17% e 1,01%, respectivamente. Deste modo, foi possível concluir que os estudantes universitários apresentaram diferentes níveis de ansiedade e depressão durante a pandemia, estando as duas intimamente relacionadas, todavia os fatores que contribuem para os diferentes níveis de tais emoções podem ser diferentes, e, portanto, as faculdades e departamentos relacionados são requisitados a fornecer educação em saúde mental para estudantes universitários.

Ma et. al (2020) objetivaram avaliar os problemas de saúde mental e fatores associados em uma grande amostra de estudantes universitários durante o surto de COVID-19 na China. A pesquisa foi realizada na China de 3 a 10 de fevereiro de 2020, utilizando como instrumento um questionário autoaplicável com a finalidade de avaliar fatores psicossociais relacionados à pandemia de COVID-19 e problemas de saúde mental. Estresse agudo, sintomas depressivos e de ansiedade foram medidos pelas versões chinesas do impacto da escala de eventos-6, Questionário de Saúde do Paciente-9 e Transtorno de Ansiedade Generalizada-7, respectivamente. Análises de regressão logística univariada e hierárquica foram realizadas para examinar fatores associados a problemas de saúde mental.

Entre 821.218 estudantes que participaram da pesquisa, 746.217 (90,9%) foram incluídos para análise. No total, 414 604 (55,6%) dos alunos eram do sexo feminino. Cerca de 45% dos participantes tinham problemas de saúde mental. As taxas de prevalência de prováveis sintomas agudos de estresse, depressão e ansiedade foram de 34,9%, 21,1% e 11,0%, respectivamente. Os fatores pandêmicos de COVID-19 que foram associados ao aumento do risco de problemas de saúde mental foram a infecção de familiares ou amigos (razão de probabilidade ajustada = 1,72-2,33). Os estudantes com exposição à cobertura midiática da COVID-19 ≥3 h/dia tinham 2,13 vezes mais probabilidade do que os estudantes com exposição midiática <1 h/dia de terem sintomas de stress agudo. Indivíduos com baixo apoio social percebido tinham 4,84-5,98 vezes mais probabilidade do que indivíduos com alto suporte social percebido de apresentar ansiedade e sintomas depressivos.

Neste sentido, é possível concluir que nesta pesquisa em larga escala com estudantes universitários na China, o estresse agudo, a ansiedade e os sintomas depressivos foram predominantes durante a pandemia da COVID-19, decorrentes de múltiplos fatores pandêmicos e psicossociais, como a infecção de familiares, o nível de exposição aos meios de comunicação, a percepção de apoio social, o ano de escolaridade e problemas de saúde mental anteriores. Apoio psicossocial e serviços de saúde mental devem ser fornecidos aos estudantes em risco.

Ainda em cenário internacional, Sunde, Giquira e Aussene (2022) com a intenção de avaliar os efeitos da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos estudantes universitários da Universidade Rovuma, em Moçambique, realizaram uma pesquisa com seis estudantes da instituição mencionada. Os dados foram coletados a partir de uma entrevista semi-estruturada com o intuito de verificar os efeitos da COVID-19 para a saúde mental dos estudantes universitários. O estudo concluiu que o cancelamento das atividades presenciais impostas impactou a rotina dos estudantes devido o afastamento de colegas e professores. O medo de contaminação, a incerteza sobre o fim da pandemia e o retorno das aulas, aliados ao distanciamento social prolongado fizeram parte dos riscos à saúde mental. Com a retomada das aulas na modalidade remota, muitos estudantes passaram a ter dificuldades de acesso às tecnologias de informação e comunicação. Em razão dessas experiências verifica-se o aumento do estresse, da ansiedade e do medo de contaminação da doença agravados pela ausência de serviços de atendimento e apoio psicológico dentro da universidade para responder à demanda da pandemia.

No cenário nacional, a fim de comparar os níveis de depressão, ansiedade e estresse em estudantes universitários durante a pandemia e em períodos anteriores, Maia e Dias (2020) realizaram um estudo que foi constituído por dois grupos, sendo a amostra 1 constituída por 460 sujeitos com idade média de 20,14 anos, e a amostra 2 por 159 sujeitos com idade média de 20,40 anos. Os dados foram recolhidos por meio de questionário sociodemográfico e as escalas de ansiedade, depressão e estresse na versão portuguesa da Depression, Anxiety and Stress Scales (DASS-21) (Lovibond & Lovibond, 1995), qual seja, a Escalas de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS-21). Na amostra 1 a coleta de dados ocorreu em dois momentos distintos: primeiro, em fevereiro/março de 2018 e, depois, em fevereiro/março de 2019, ambas em contexto de sala de aula, em duas universidades portuguesas, uma ao norte e outra no centro do país. A segunda amostra de estudantes universitários foi recolhida através de um questionário online devido ao período pandêmico.

Os estudantes que integraram o estudo durante a pandemia apresentaram níveis significativamente mais elevados de depressão, ansiedade e estresse comparativamente aos que integraram o estudo no período normal. Os resultados sugerem um impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes e confirmam um aumento significativo de perturbação psicológica (ansiedade, depressão e estresse) entre os estudantes universitários no período pandêmico comparativamente a períodos normais.

O estudo de Gundim et al. (2020) buscou identificar as evidências disponíveis sobre as formas de apresentação do sofrimento psíquico na saúde mental em estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19, por meio de uma revisão integrativa de literatura. Verificou que entre os artigos investigados, publicados em 2020, observaram-se reações emocionais descritas por estresse, ansiedade, luto, raiva e pânico, associadas à preocupação com o atraso das atividades acadêmicas e ao medo de adoecer. O que levou os autores a concluir que a pandemia e os aspectos relacionados a ela interferem na vida acadêmica e na saúde dos estudantes e de seus familiares, causando efeitos negativos à sua saúde mental. Tal resultado corrobora com a pesquisa de Barros et al. (2021). Ao considerar as adaptações necessárias à nova realidade universitária com as aulas sendo mediadas pelas plataformas virtuais e o elevado tempo de afastamento do ambiente acadêmico, os autores buscaram identificar os impactos do distanciamento social ao demonstrar as estatísticas relacionadas aos impactos da pandemia na saúde mental dos estudantes universitários.

O estudo procedeu por meio de uma revisão integrativa realizada em julho de 2021, nas plataformas LILACS, SciELO e Pubmed via MEDLINE. Foram selecionados artigos

publicados no ano de 2020 e 2021, nos idiomas português, inglês, espanhol, francês. Dos 202 artigos encontrados, após avaliação criteriosa, 10 foram selecionados por permitirem evidenciar o aumento de manifestações psicológicas negativas nos estudantes de ensino superior durante a pandemia da COVID-19.

As pesquisas selecionadas pelo estudo de Barros et al. (2021) concluíram que os estudantes universitários sofreram impactos na saúde mental de diversos fatores provocados pela pandemia, entre eles: afastamento social, a falta de informações claras por parte das autoridades de saúde, prejuízos financeiros, mudanças repentinas na rotina, perdas de produtividade nos estudos e preocupações com a saúde. Além disso, notícias relacionadas ao número de doentes e mortos e as "fake news" divulgadas amplamente nos meios de comunicação estiveram presentes em relatos de dificuldades em problemas emocionais. O novo padrão de vida levou ao aumento de emoções e vivências negativas expressadas através de sentimentos como solidão, desesperança, medo e frustração. Ademais, os estudantes ainda tiveram de se adaptar à nova realidade tecnológica de ensino, manifestando indícios de déficit de atenção e fadiga mental devido às novas demandas. Soma-se a isso a aflição com o acúmulo de conteúdo apresentou relação com o adoecimento mental durante a graduação, o que pode levar a efeitos danosos e irreversíveis à saúde.

Oliveira et al. (2022a) explorou evidências disponíveis sobre formas de apresentação das problemáticas psíquicas que afetam a saúde mental de estudantes universitários, durante a pandemia da COVID-19. Por meio de uma revisão de escopo, subdividida em seis etapas: identificação do tema; questão de pesquisa; critérios de inclusão e exclusão de estudos; amostragem; categorização; avaliação; discussão dos resultados e apresentação da revisão, foi desenvolvida a questão de pesquisa: quais evidências científicas estão sendo produzidas sobre a saúde mental de estudantes do ensino superior durante o isolamento social? As bases de dados utilizadas foram: Web of Science, LILACS, MEDLINE, SciELO, Scopus e BDENF.

A amostra final foi constituída por 95 artigos. A dimensão temporal de publicação dos artigos compreendeu o período de 2020 a 2021, dispondo de maior amostra no ano de 2020, com 72,63% das pesquisas, enquanto 2021, com 27,36%. O processo de seleção e elegibilidade dos estudos foi conduzido conforme as recomendações Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA), revisão de uma questão claramente formulada que usa sistemática e métodos explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente a pesquisa, além de coletar e analisar dados dos estudos que são incluídos na revisão.

A revisão apresenta evidências de que a saúde mental de estudantes do ensino superior foi afetada pela pandemia do SARS-CoV-2 e os resultados indicaram que o momento vivenciado e a necessidade de ficar distante das atividades e pessoas, assim como a expectativa com o futuro compromete a saúde físico-psíquica, de modo que a pandemia e as medidas a ela relacionadas foram determinantes para o adoecimento mental. O isolamento está relacionado a vários sintomas e alterações emocionais que em fator da crise de saúde mundial são esperadas, mas é necessário conhecer os reais impactos na vida dos estudantes do ensino superior para encontrar soluções adequadas. Sintomas como ansiedade, depressão, estresse, sono irregular, medo, insônia e ideação suicida se tornaram evidentes. O estresse pode influenciar também as alterações do sono e ocasionar danos psicológicos. A privação do sono e as respectivas alterações podem provocar fadiga, irritabilidade, dificultar nos relacionamentos familiares, afetar na concentração e memória, transtornos comportamentais e psiquiátricos e tendência à depressão.

Outro sintoma bastante citado entre os estudos analisados foi o medo, uma vez que com a adesão ao isolamento e as constantes notícias sobre o agravo da crise sanitária, surgem temores sobre a própria saúde e o medo de infectar outras pessoas. Esse medo mostra a preocupação constante durante o período de pandemia e pode ser definido como mecanismo de defesa e preparação para eventos ameaçadores, entretanto, pode gerar sofrimento mental e piorar os sintomas psiquiátricos, por isso, pode ser um sinal de alerta. Assim, é relevante notar que a causa principal para os sinais e sintomas relatados foram causados pela mudança súbita de realidade. As consequências do isolamento social, como atraso das atividades e semestre acadêmico para os estudantes, a adesão ao ensino remoto, questões sobre quando irão se formar ou quando terão a rotina presencial novamente podem ter afetado a saúde dos estudantes universitários.

Neste sentido, é possível concluir que durante a pandemia, os estudantes universitários sofreram muitas mudanças e apresentaram novos sinais e sintomas de doenças, como ansiedade, estresse e depressão. Por ser um período de incertezas, medo e perdas, esses sintomas apresentaram crescimento. Os objetivos das publicações em análise pontuaram e mostraram a necessidade de atenção mais aprofundada sobre o que estava acontecendo com essa população, no decorrer da pandemia, e o como é o ambiente e a vida desses indivíduos. Os resultados dos estudos apresentados confirmaram os objetivos desta revisão, visto que se tornou evidente que a saúde mental dos estudantes foi afetada pela pandemia da COVID-19 de diversas formas: na quebra da rotina, no medo de ser infectado ou de infectar um familiar, no isolamento. Logo, a

pandemia se apresenta como intensificadora de sintomas, em que pessoas que já tinham ansiedade, depressão ou estresse tiveram esses sinais e sintomas intensificados.

Em outro estudo, Oliveira et al. (2022b) avaliaram as repercussões da recente pandemia e do isolamento social na saúde mental de estudantes do ensino superior no Ceará. A amostra foi composta por 3.691 alunos do ensino superior participando de aulas on-line no período de junho a setembro de 2020 e os dados coletados através de dois questionários: um sociodemográfico e um situacional referente à pandemia/isolamento social e o Inventário de Saúde Mental. Os resultados mostraram que 21,2% dos alunos tiveram suas atividades canceladas, sem expectativa de retorno. A maioria, 77,2%, relatou preocupação com a morte de parentes e conhecidos pela Covid-19. Neste sentido, o estado geral de saúde mental médio, medido pelo inventário, foi de 48,8, o que sugere que os alunos tiveram sua saúde mental afetada pelas condições impostas pela pandemia.

Freires et al. (2023) ao verificar o estresse em universitários em decorrência da pandemia de Covid-19 e a adoção do ensino remoto objetivou investigar se as atividades de ensino superior poderiam ser consideradas um fator estressor no contexto pandêmico. Participaram do estudo 136 alunos com atividades acadêmicas remotas e 131 com atividades acadêmicas suspensas que responderam um questionário sociodemográfico e uma pergunta aberta sobre os fatores que teriam elevado o seu nível de estresse nos meses de abril, maio, junho e julho de 2020. O questionário foi divulgado em redes sociais e ficou hospedado na plataforma Google Forms entre os dias 19 e 24 de junho de 2020. Os corpora textuais foram processados com o auxílio do software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires.

A primeira parte dos resultados da pesquisa buscou esclarecer os estressores psicossociais em estudantes decorrentes da pandemia do novo coronavírus em atividades acadêmicas remotas e foi segmentado em quatro classes. A primeira classe associa fatores “emocionais, educacionais e familiares” como geradores de estresse no período pandêmico. As palavras mais relevantes destacadas pelos autores foram: família”, “aula”, “casa”, “medo” e “quarentena”. Os discursos dessa classe demonstraram a instabilidade pessoal e as adaptações a um novo formato de convivência familiar como preocupações centrais.

A classe 2 relaciona-se às “mudanças de rotina e consequentes necessidades de adaptação” como geradoras de estresse durante esse período. As palavras destacadas foram: “falta”, “rotina”, “dificuldade”, “plano” e “pensamento”, evidenciando os danos causados pela

pandemia e a necessidade de enfrentamento às adversidades: o isolamento social, o adiamento de planos, o cenário político e às dificuldades em desenvolver uma rotina produtiva.

A classe 3 enfatiza o "mal-estar acadêmico inerente às experiências acadêmicas no cotidiano pandêmico". As seguintes palavras foram as mais frequentes: "estresse", "faculdade", "pressão", "fator" e "dia". Os discursos vincularam o estresse diretamente a fatores acadêmicos. A quarta classe indicou como estressores o contexto "político, sanitário e interpessoal", com destaque para os termos: "política", "saúde", "discussão", "problema" e "instabilidade". Essa classe incluiu outras esferas da vida como agentes potencializadores do estresse como a política brasileira, a saúde pública e a consciência social relacionada à Covid-19.

Em relação aos estudantes na condição de atividades acadêmicas suspensas, a subdivisão foi feita em três classes. A classe 1 revelou "preocupações decorrentes do isolamento social" como responsáveis pelo estresse durante a pandemia. As palavras mais relevantes foram: "isolamento social", "falta", "relacionamento", "aula" e "covid-19". Nessa classe verifica-se a centralidade das dificuldades relacionadas ao cotidiano pandêmico e suas repercussões em diversos aspectos da vida. A classe 2 indica as "relações familiares e a alteração na rotina" como propulsoras de estresse. Com destaque para as palavras: "família", "rotina", "mudança", "período" e "poder". Nessa classe, o protagonismo é assumido pelas relações interpessoais e a família aparece como uma preocupação diante do vírus e também como um estressor dentro da própria casa devido às recorrentes readaptações do cotidiano.

Por fim, a classe 3 organizou evocações que representam "incertezas e falta de perspectivas" como fatores promotores de estresse. São evidentes as preocupações e inseguranças em relação ao futuro. As palavras mais frequentes nos discursos foram: "incerteza", "futuro", "medo", "ter" e "conseguir". Diante do cenário adverso e a interrupção dos planos foi necessária uma reorganização incerta que é agravada com as atividades acadêmicas paralisadas.

Neste sentido, os resultados apontam uma vinculação do estresse à atividade acadêmica por parte do grupo em atividades acadêmicas remotas. Os discursos apresentados, revelaram que, em três das quatro classes, foram citados como estressores fatores relacionados ao contexto do ensino remoto, além de aspectos não diretamente relacionados ao contexto do ensino, como problemas em estabelecer relações interpessoais com os familiares, dificuldades em manter rotinas, pressão psicológica frente às incertezas futuras, distanciamento das pessoas queridas e preocupação com o futuro do país.

Entre os fatores estressores relacionados ao contexto de aulas remotas, foram citadas as dificuldades em ter um ambiente adequado à aprendizagem, problemas de ordem tecnológica, pressão em relação à universidade, dificuldade com as aulas on-line, insegurança quanto à qualidade do ensino, entre outras. No contexto do grupo em atividades acadêmicas suspensas, duas classes apresentaram fatores estressores relacionados à paralisação das atividades acadêmicas: a suspensão das aulas, a falta de recursos para continuar na universidade, a preocupação em realizar o estágio e a falta de segurança sobre a conclusão do curso. Entretanto, os autores apontaram também alguns eventos estressores não relacionados diretamente às atividades acadêmicas: a própria covid-19, o isolamento social, a falta de rotina, dificuldades nos relacionamentos, a instabilidade política, o adoecimento de familiares e a perda de pessoas conhecidas, a falta de recursos financeiros e a incerteza sobre o futuro.

6. SATISFAÇÃO ACADÊMICA

6.1 Ensino Superior Brasileiro

O ensino superior brasileiro no século XXI é marcado por um grande número de políticas públicas com o intuito de expandir e democratizar o acesso às instituições de ensino superior (IES) do país. Além do número crescente de instituições de ensino privadas, o surgimento de programas de bolsas de estudos parciais e integrais, a criação de novas unidades de ensino e centros tecnológicos, a incorporação de medidas afirmativas e programas de reservas de vagas contribuíram para a democratização do acesso ao ensino superior brasileiro, assim como garantiu uma maior diversidade de estudantes nas IES.

Apesar das diversas políticas de inclusão, o acesso ao ensino superior brasileiro ainda é limitado. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), somente 20% da população entre 25 e 34 anos possui diploma de nível superior, todavia a grande desigualdade social não atinge somente o acesso, mas também a permanência no Ensino Superior, mesmo com as diversas políticas públicas existentes relacionadas à permanência. Além do aumento do número de vagas oferecidas no Ensino Superior é necessário o desenvolvimento de estratégias institucionais que auxiliem o estudante durante o percurso acadêmico ao garantir a permanência e evitar casos de evasão. Muitos são os aspectos associados ao abandono, tanto internos, quanto externos à instituição: qualidade da instituição, capacitação e didática docente, oferta de atividades extracurriculares, infraestrutura, políticas de assistência estudantil, características pessoais do aluno, motivação, conhecimento do curso e das rotinas da instituição, prestígio social da carreira escolhida, condições socioeconômicas entre outros.

Neste sentido, o instituto Semesp (Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo) publicou, em 2024, a 14ª edição do Mapa do Ensino Superior no Brasil, apresentando um panorama do setor pós pandemia de Covid-19. O documento revelou que as matrículas em cursos presenciais aumentaram após o período afetado pela pandemia, com uma diminuição do ritmo de crescimento da modalidade EAD. A participação feminina nas IES supera a masculina, também houve um crescimento do número de estudantes que se autodeclaram pretos e pardos evidenciando a importância e necessidade do avanço das políticas públicas de cotas, em relação à faixa etária os cursos presenciais são frequentados por uma maioria de estudantes de até 24 anos. Outro ponto de discussão são as constantes quedas nos números de matriculados nos cursos presenciais de

licenciaturas, com a predominância de estudantes nos cursos de pedagogia, o que indica uma queda de profissionais de licenciaturas específicas na educação básica brasileira.

Desta forma, é evidente a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que definam um perfil do estudante de ensino superior brasileiro nas diversas instituições do país a fim de formular estratégias que aprimorem a educação acadêmica e garantam o sucesso de políticas de permanência no ensino superior. Estudos sobre a satisfação acadêmica dos estudantes podem oferecer um arcabouço de conhecimento prévio de como os universitários vivenciam sua experiência e adaptação acadêmica com o objetivo de identificar atuações que atendam a necessidade do público envolvido.

6.2 Estudos sobre a Satisfação Acadêmica

Como enfatizado anteriormente, a ampliação do ensino superior brasileiro, nas últimas décadas, incentivada por políticas públicas com objetivo de democratizar o acesso às universidades públicas, bem como a expansão do setor privado do ensino superior, permitiu uma maior diversidade econômica e social nas IES do país, todavia verifica-se que essa mudança não foi acompanhada por políticas contundentes de promoção da adaptação, permanência e sucesso no ambiente acadêmico. Apesar do esforço governamental, ainda são escassas as ações voltadas à adequação das instalações, das políticas, dos processos educativos e do atendimento às expectativas do estudante universitário.

Neste contexto de compreensão da interação entre os estudantes de ensino superior e as novas vivências na universidade, a satisfação acadêmica é uma das variáveis de destaque nessa temática, permitindo formular estratégias a fim de melhorar a adaptação e experiência do estudante ao longo de sua jornada acadêmica, visto que a vida universitária é comumente marcada por um conjunto de tensões e percepções muito variadas, em que o estudante necessita lidar com uma série de exigências.

Santos et al (2013) já indicavam a importância da satisfação para a avaliação de eficácia institucional. Para os autores, a satisfação acadêmica é entendida como a percepção dos estudantes sobre a sua experiência educacional e, portanto, está relacionada com o envolvimento do aluno com a instituição, bem como as suas condições de permanência ou a opção por evadir. Deste modo, verifica-se que a satisfação se mostra associada à integração ao

ensino superior, pois interfere no envolvimento do estudante com a instituição e com o curso e na sua decisão de permanência, envolvendo as vivências pessoais, acadêmicas e sociais.

Neste âmbito, cabe salientar que a satisfação ou insatisfação com a experiência acadêmica envolve inúmeras dimensões, como o acesso aos recursos da instituição, a participação e o sucesso no processo de ensino e aprendizagem, a organização do curso, os serviços de apoio e a qualidade das relações interpessoais. Identificar os fatores que permeiam a vida universitária e investigar como elas afetam a experiência dos estudantes é fundamental para a tomada de ações dirigidas a variáveis do contexto acadêmico que são relevantes para os estudantes das instituições de ensino superior. Desta forma, essa temática surge, tanto nacional quanto internacionalmente, ao verificar um interesse crescente dos investigadores sobre o envolvimento da adaptação acadêmica dos graduandos com o sucesso acadêmico nas universidades, a necessidade de construção de escalas que avaliem a satisfação com a experiência acadêmica, a relação com a autoeficácia e a investigação de fatores que levam a satisfação ou insatisfação com a graduação. O Quadro 3 apresenta os trabalhos selecionados para a revisão de bibliografia com obras que englobam a temática da satisfação acadêmica nos últimos dez anos e revelam a importância da temática para o Ensino Superior.

Quadro 3- Artigos selecionados sobre a satisfação acadêmica

Autores	Título	Ano	País
Araújo	Sucesso no Ensino Superior: Uma revisão e conceptualização	2017	Portugal
Pinto et al.	Satisfação acadêmica no ensino superior brasileiro: uma análise das evidências empíricas	2017	Brasil
Salomão, Abacar e Aliante	Satisfação acadêmica em estudantes do Curso de Graduação em Ensino Básico da Universidade Pedagógica – Delegação de Nampula	2018	Moçambique
Aragão, Alfinito e Luís	Satisfação com a Experiência Acadêmica de Estudantes do Ensino Superior	2018	Brasil
Suehiro e Andrade	Satisfação com a experiência acadêmica: um estudo com universitários do primeiro ano	2018	Portugal
Carvalho et al.	Avaliação da Satisfação Acadêmica, expectativa de futuro e motivação acadêmica em estudantes de graduação do Instituto Federal de Rondônia Campus Ariquemes	2019	Brasil
Lobo, Ribeiro e Moreira	Entendendo a insatisfação acadêmica como fator de evasão escolar: percepção dos estudantes evadidos do curso de administração (2017-2018) do Centro Universitário Projeção	2019	Brasil

Santos, Zanon e Ilha	Autoeficácia na formação superior: seu papel preditivo na satisfação com a experiência acadêmica	2019	Brasil
Osti et al.	Satisfação Acadêmica de Estudantes Universitários: construção de uma escala de avaliação	2020A	Brasil
Osti et al.	Satisfação académica: Pesquisa com estudantes brasileiros de uma universidade pública	2020B	Brasil
Osti et al.	Investigação de fatores relacionados à satisfação acadêmica no ensino superior brasileiro	2020C	Brasil
Rossato, Pinto e Muller	Satisfação Acadêmica de estudantes de ensino superior: o caso de um campus universitário	2020	Brasil
Oliveira et al.	Autoeficácia no ensino superior e satisfação com as experiências acadêmicas: percepções de estudantes de educação física	2020	Brasil
Osti, Júnior e Almeida	O comprometimento acadêmico no contexto da pandemia da covid-19 em estudantes brasileiros do ensino superior	2021	Brasil
Galve- González et al.	Influencia de la satisfacción, expectativas y percepción del rendimiento em el abandono universitário durante la pandemia	2022	Espanha
Campira, Almeida e Araújo	Satisfação acadêmica: um estudo qualitativo com estudantes universitários de Moçambique	2022	Moçambique
Osti e Almeida	A satisfação acadêmica no contexto do ensino superior brasileiro	2022	Brasil
Nogueira e Osti	Os impactos do Covid-19 para a satisfação acadêmica de estudantes da UNESP	2023	Brasil

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Araújo (2017) indica que ter sucesso no Ensino Superior atualmente é mais do que concluir um curso ou obter um elevado rendimento académico. As instituições e as políticas educativas estão preocupadas com o valor que a educação superior acrescenta às vidas dos indivíduos e à sociedade. Neste sentido, a autora objetiva sistematizar indicadores de sucesso no ensino superior, incluindo tanto descritores objetivos e de resultado, como indicadores experienciais e processuais. Através de uma revisão da literatura, o estudo dedica-se a apresentar um mapeamento dos indicadores chave que têm sido apresentados, formal ou informalmente, na literatura relativamente ao sucesso no ES.

A investigação torna claro que o sucesso no ES é influenciado por variáveis da própria experiência no contexto, incluindo-se aqui a qualidade do envolvimento e adaptação dos estudantes, mas também por variáveis prévias ao ingresso dos estudantes. Deste modo a revisão e conceptualização do sucesso no ES permitiu o mapeamento do conceito, elencando uma diversidade de critérios e indicadores para a sua definição. Este sucesso pode ser descrito

através de indicadores objetivos e descritores mais subjetivos e experienciais, passando pelo rendimento, satisfação, ganhos em termos de desenvolvimento pessoal e social, envolvimento e adaptação.

A revisão dos conceitos apresentados de sucesso no ES e das variáveis que contribuem para este sucesso permite-nos identificar focos de atenção para a intervenção e investigação futura. Em primeiro lugar, os investigadores, docentes, administradores, gestores e técnicos que estejam preocupados com a transição e adaptação dos estudantes e promover a adaptação acadêmica, comportamental e psicológica nesta transição. Neste sentido, os serviços de apoio aos estudantes em contexto de ES deverão centrar-se, em primeiro lugar, na aprendizagem e desenvolvimento global do estudante e no apoio às transições operadas durante a experiência universitária. Neste sentido, são importantes os programas de acolhimento e as atividades de aconselhamento de carreira, os serviços psicopedagógicos e os serviços de carreira podem ter um papel importante na identificação de competências dos estudantes, na clarificação dos seus valores, e na exploração de domínios profissionais particulares, relacionados com o âmbito da formação.

Neste cenário, o objetivo do estudo de Pinto et. al. (2017) consiste em analisar as evidências empíricas de estudos relacionados à satisfação acadêmica no ensino superior brasileiro, analisando os estudos desse aspecto no país. Além disso, foram levantadas questões que envolvem o panorama dos estudos a fim de verificar em quais pontos os trabalhos futuros neste tema podem avançar. O trabalho apresenta uma técnica indireta de tratamento de dados, por meio de levantamento bibliográfico. No que se refere ao procedimento, utilizou-se o método monográfico e comparativo.

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio do levantamento de estudos que abordaram questões relacionadas à satisfação acadêmica dentro da realidade brasileira, coletados nas seguintes bases de dados: Scielo, Redalyc e Google Acadêmico. Foram definidos que os trabalhos deveriam conter dentro do seu título, resumo ou palavras-chave as expressões “satisfação” e “ensino superior” ao mesmo tempo e deveriam datar a partir do ano 2000. Após a coleta de dados, seguiu-se com a leitura dos resumos dos artigos com a finalidade de identificar aqueles que possuíam o caráter empírico, isto é, que houve aplicação de pesquisa sobre satisfação acadêmica em alguma realidade, gerando resultados e conclusões a partir de aplicação prática. Assim, foram descartados artigos estritamente teóricos, de levantamentos bibliográficos ou de reflexões sobre a temática.

A literatura referente à satisfação acadêmica no ensino superior demonstra que alguns autores tiveram a iniciativa de analisar essa questão em certas realidades no contexto brasileiro. Dentre esses, os autores citaram os trabalhos de Schleich et al. (2006), Igue et al. (2008), Souza e Reinert (2010), Gomes et al. (2013), Santos et al. (2013), Santos et al. (2014), Ramos et al. (2015) e Cunha et al. (2016).

O estudo de Schleich et al. (2006) verificou a satisfação acadêmica de alunos de uma instituição particular de ensino superior do interior de São Paulo. Por meio da utilização da Escala de Satisfação com a Experiência Acadêmica (ESEA), os 351 estudantes pesquisados nos cursos de Administração, Ciência da Computação e Comunicação demonstram que a satisfação com o curso tem maior importância na percepção do valor da experiência acadêmica durante a formação do estudante.

O estudo de Igue et al. (2008) utilizou um Questionário de Vivência Acadêmica (QVA-r) aplicado em 203 estudantes do primeiro e quinto ano do curso de Psicologia. Como principais resultados destacam-se a boa vivência acadêmica entre calouros e veteranos, além de que somente os alunos do quinto ano apresentaram disparidades na dimensão total de expectativas. O trabalho de Souza e Reinert (2010) por meio de um estudo de caso com estudantes das modalidades de ensino presencial e à distância em uma universidade no Mato Grosso do Sul avaliou, por meio de questões abertas, aspectos de satisfação do curso de ensino superior. Deste modo, é demonstrado que a satisfação dos alunos do curso presencial está concentrada na estrutura curricular, enquanto na modalidade à distância, a satisfação está concentrada no corpo docente.

A pesquisa de Gomes et al. (2013) apresenta uma pesquisa com 212 alunos do curso de Ciências Contábeis em uma faculdade paranaense. Os resultados apontam que a forma como o professor aplica o conteúdo didático em ambiente de aula, além do seu envolvimento em sala de aula, tem relevância na satisfação dos alunos. De modo semelhante, o trabalho de Santos et al. (2013) objetivou avaliar a satisfação e a integração acadêmica de 203 estudantes de Psicologia e Odontologia de uma universidade particular do interior do Rio Grande do Sul por meio de um Questionário de Vivência Acadêmica (QVA-r) e da Escala de Satisfação com a Experiência Acadêmica (ESEA). Os resultados de vivência e integração acadêmica foram mais favoráveis aos alunos do curso de Psicologia frente aos de Odontologia. No geral, alunos da etapa intermediária dos cursos revelaram níveis mais baixos em todas as dimensões de integração e satisfação acadêmica.

O estudo de Santos et al. (2014) foi aplicado a 1.349 alunos, entre os anos 2000 e 2011, durante a parte de estágio do sexto ano do curso de Medicina de uma universidade pública. Os resultados obtidos reforçam a importância das práticas aliadas ao programa teórico, que contribuem para a melhoria da aprendizagem e da satisfação do estudante. Ramos et al. (2015), objetivando avaliar a satisfação com a experiência acadêmica em estudantes de graduação em Enfermagem, aplicou a Escala de Satisfação com a Experiência Acadêmica (ESEA) em 170 estudantes em uma universidade pública no sul do Brasil. Os resultados apontaram para um grau de satisfação discente médio em relação às dimensões analisadas, sendo que os alunos com maior sobrecarga de atividades acadêmicas, profissionais e/ou pessoais, juntamente com os que desejavam desistir do curso revelavam maior insatisfação com uma ou mais dimensões estudadas.

Por último, Cunha et al. (2016), a fim de avaliar as determinantes da satisfação geral de alunos, realizaram uma pesquisa com 257 alunos do curso de Ciências Contábeis em universidades públicas de Santa Catarina. Dentre os resultados, destaca-se que o envolvimento dos professores e o interesse do aluno tem relação direta com a satisfação geral dos estudantes. Tendo em vista a relevância da satisfação acadêmica dentro do contexto brasileiro, apesar da diversidade de aspectos que envolvem a questão, nota-se uma predominância de escolhas epistemológicas e metodológicas semelhantes ao abordar essa temática. Diante desse contexto, os autores avaliaram as evidências empíricas existentes no cenário brasileiro com o intuito de fazer um mapeamento dos estudos publicados e realizar um panorama para estudos futuros.

De modo semelhante, Salomão, Abacar e Aliante (2018) ao notarem os crescentes estudos relacionados à temática de satisfação com experiência acadêmica entre estudantes do ensino superior em alguns países, todavia em Moçambique essa temática mantinha-se incipiente e pouco explorada. Consequentemente dedicaram-se a avaliar a satisfação com a experiência acadêmica e sua relação com as variáveis sociodemográficas entre estudantes de graduação em Ensino Básico da Universidade Pedagógica em Moçambique, Delegação de Nampula. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, do tipo descritivo, realizada no Curso graduação em Ensino Básico da Universidade Pedagógica.

O estudo contou com uma amostra constituída por 143 estudantes do curso de graduação em Ensino Básico. A distribuição dos participantes por faixa etária possibilitou verificar que a maior parte dos estudantes estavam no intervalo de 31 a 40 anos de idade; seguido de estudantes cuja faixa etária varia entre 20 a 30 anos; de estudantes de 41 a 50 anos e, finalmente, os de 51 a 60 anos. Em termos de gênero, a maior parte dos participantes é do sexo feminino, num total

de 99 estudantes contra 44 do sexo masculino. Importa referir que do número total da amostra 94 são solteiros, 29 casados e 20 viúvos/divorciados.

A coleta de dados foi feita por meio do questionário de dados sociodemográficos elaborado pelos autores e da Escala de Satisfação com a Experiência Acadêmica (ESEA) de Schleich et al. (2006). A ESEA é composta por 35 itens, compreendendo três dimensões: satisfação com o curso, oportunidade de desenvolvimento e satisfação com a instituição. A escala compreende cinco pontos, designadamente: 1) "Nada satisfeito", 2) "Pouco satisfeito", 3) "satisfeito", 4) "Bem satisfeito "e 5) "Completamente satisfeito". O questionário apresenta dois blocos, sendo o primeiro que aborda aspectos sociodemográficos nomeadamente: Idade, sexo, estado e civil, ano de frequência, número de vezes de reprovação e número de cadeiras em dívida. O segundo engloba questões relacionadas com as três áreas de satisfação acadêmica já mencionadas.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de maio a julho de 2016. Os dados da pesquisa foram tabulados e analisados considerando os seus objetivos. A técnica usada para esta pesquisa, foi a de análise estatística. As análises descritivas e inferenciais foram feitas por meio do software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) versão 14.0, e os resultados estão organizados em tabelas, para permitir uma melhor visualização e interpretação. No processo de análise foram achados os resultados em frequências absoluta e relativa e, aplicados os testes Qui quadrado e de coeficiente de correlação linear de Spearman.

Inicialmente foi verificada a frequência das respostas dos estudantes do curso de graduação em Ensino Básico da Universidade Pedagógica. Na primeira dimensão (satisfação com o curso), a percentagem mais elevada é dos estudantes que se mostram pouco satisfeitos com 30.1% e a mais inferior é dos que se mostram completamente satisfeitos com 4,9%. Na segunda dimensão (oportunidade de desenvolvimento), a percentagem mais elevada é dos que acham ter oportunidades de desenvolver, com 33.6% e a mínima, de 2.1%, para os que se revelam completamente satisfeitos com a oportunidade de desenvolvimento. Para a terceira dimensão (satisfação com a instituição), a percentagem máxima é dos que se mostram satisfeitos com a instituição, correspondendo a 43.3% e a mínima de 2.1% para os que se mostram completamente satisfeitos.

Em relação a associação entre as variáveis sexo, idade e estado civil com as três dimensões, somente verifica-se associação positiva da variável sexo, com a segunda dimensão, (oportunidade de desenvolvimento), mostrando que as mulheres acham que tem maior

oportunidade de se desenvolver em comparação com os homens. A variável idade associou-se positivamente com a terceira dimensão (satisfação com a instituição), sugerindo que na medida em que a idade aumenta o nível de satisfação com a instituição também aumenta, ou seja, os estudantes mais velhos tendem a se mostrar mais satisfeitos com a instituição em relação aos mais novatos.

A variável anos de frequência correlacionou-se negativamente com a satisfação com o curso, contrariamente as dimensões oportunidade de desenvolvimento e satisfação com a instituição que não demonstram qualquer correlação estatisticamente significativa, mostrando que quanto maior forem os anos de frequência, menor é a satisfação com o curso e, quanto menor for o ano de frequência, a satisfação com o curso aumenta. A variável "número de vezes que o estudante reprovou" apresentou uma correlação significativamente negativa com a segunda dimensão (oportunidade de desenvolvimento), mostrando que os estudantes que têm maior número de reprovações tendem a diminuir a sua oportunidade de desenvolvimento, isto é, os estudantes que já reprovaram de ano acham que não têm oportunidade de se desenvolver em relação aos que nunca reprovaram. O mesmo acontece na correlação entre a variável número de cadeiras em dívida, sendo que os que têm cadeiras em dívida, sentem-se menos satisfeitos com o curso e com a instituição em relação aos que não têm cadeiras em atraso.

Em relação aos comentários dos alunos, 24,4% afirmaram que as áreas de infraestrutura precisam ser melhoradas, 37,8% enfatizaram a área referente aos professores, sinalizando que muitos não possuem especialização e não dominam o conteúdo. No que se refere ao currículo, 27 (18.9%) estudantes, referiram-se às questões de dificuldades de domínio da língua inglesa, mostrando falta de relevância dos seus conteúdos para o curso e a redução do número de disciplinas nos anos finais. Em relação aos aspectos a serem melhorados ao nível da direção, esta é uma área menos crítica em relação às outras, tendo sido destacada apenas por 19 (13.3%). Segundo depoimento dos questionados, há a necessidade de capacitar docentes e pessoal da secretaria e equipar a biblioteca de obras literárias.

Conclui-se, portanto, que a análise dos resultados verificou associações positivas entre a variável idade com a dimensão satisfação com o curso e entre a variável sexo com a dimensão oportunidade de desenvolvimento, sendo os estudantes do sexo feminino que mais percepcionam as oportunidades de desenvolvimento. Além disso, foi observado que a variável ano de frequência correlacionou-se negativamente com satisfação com o curso, o número de vezes que o estudante reprovou de ano com a oportunidade de desenvolvimento e a variável número de cadeiras em dívida com a satisfação com o curso e com a instituição.

Aragão, Alfinito e Luís (2018) ao identificarem a falta de empenho das instituições de ensino superior em relação à questões como a adequação das instalações, políticas e processos educativos, além de satisfação dos alunos, propuseram um estudo com o objetivo de avaliar a satisfação com a experiência acadêmica dos estudantes do ensino superior no curso de administração da Universidade de Brasília, com a finalidade de realizar uma comparação entre os estudantes ingressantes, os que se encontram no meio do curso e aqueles em fase de conclusão.

O nível de satisfação acadêmica foi medido em três grupos diferentes: estudantes em fase inicial do curso (primeiro e segundo semestres); estudantes em meio de curso (terceiro, quarto, quinto e sexto semestres); e estudantes em fase final de curso, ou formandos (sétimo, oitavo e maiores semestres). Os participantes foram escolhidos em uma amostragem não-probabilística por conveniência, onde os pesquisadores aplicaram o instrumento com alunos do curso de administração. A amostra foi delimitada para que cada grupo contasse com 100 estudantes que responderam à pesquisa, segundo cálculo no software GPower, a fim de se alcançar 95% de nível de confiança e 5% de intervalo de confiança, totalizando assim 300 estudantes dos dois turnos do curso.

O instrumento utilizado para medir a satisfação dos estudantes foi a Escala de Satisfação com a Experiência Acadêmica – ESEA – criado e validado por Schleich, Polydoro e Santos (2006). O instrumento conta com 35 itens do tipo Likert variando entre totalmente insatisfeito (1) até totalmente satisfeito (5). Os itens são divididos em três dimensões: satisfação com o curso, oportunidade de desenvolvimento e satisfação com a instituição. A coleta dos dados foi realizada a partir da aplicação do instrumento citado de maneira presencial aos estudantes do curso de administração, regularmente matriculados na Universidade de Brasília, no período de setembro a outubro de 2015.

Para analisar os dados, foram utilizadas técnicas de estatística inferencial, visando identificar diferenças nas médias das respostas de cada grupo. Procurou-se identificar diferenças de satisfação acadêmica entre os turnos de estudo e o sexo do respondente. Para tal, foram realizados testes de Mann-Whitney U, a fim de verificar se existem diferenças significativas quanto às dimensões de satisfação entre os grupos, conforme indicações de Field (2009). Em seguida foram conduzidas análises para se comparar a satisfação acadêmica entre os grupos descritos (1, 2 e 3). Para tanto, foram realizados diversos testes de Kruskal-Wallis, além de testes post-hoc a fim de identificar as diferenças específicas entre os grupos.

Nenhuma diferença significativa foi identificada entre os sexos feminino e masculino. Da mesma maneira que o sexo, o turno de estudo não mostrou diferenças entre as três dimensões de satisfação acadêmica. Quanto aos grupos, as três dimensões de satisfação apontaram diferenças, ou seja, entre eles, existem diferenças na satisfação acadêmica entre alunos do curso. A partir tanto da análise estatística quanto da análise gráfica, evidenciou-se uma diminuição da satisfação acadêmica por parte dos alunos à medida que estes prosseguem no curso. Isso mostra que, ao passo que o estudante adquire experiências em relação à universidade, o seu nível de satisfação decai, levando-se em conta os resultados obtidos para todas as três variáveis estudadas.

Os autores concluíram, ao analisar os resultados obtidos, que há uma crescente percepção de inadequação das recompensas esperadas em relação aos sacrifícios prestados. Em outras palavras, à medida que os alunos aumentam seu tempo na universidade, a recompensa recebida passa a ser menos adequada, acarretando uma diminuição da satisfação do aluno. Pode-se entender também que, à medida que um aluno adquire mais experiência em relação à universidade e ao seu curso, sua satisfação vai diminuindo. Tendo tal resultado em mãos, os gestores devem atentar não somente para a satisfação dos ingressantes na IES, mas também para os alunos que já estão lá e estão perto de formar-se em seus respectivos cursos.

Tendo em vista a falta de preocupação das instituições de ensino superior em realizar aferições sobre a satisfação de seus alunos, visto que a satisfação acadêmica é um importante fator no processo de adaptação e sucesso dos estudantes na realidade acadêmica, Suehiro e Andrade (2018) buscaram avaliar a satisfação acadêmica dos universitários de uma instituição pública e explorar eventuais diferenças em razão do sexo, idade, área do conhecimento e do fato de trabalharem e estudarem ou só estudarem e identificar quais aspectos ou variáveis contribuem, tanto para seu nível de satisfação, quanto para suas tomadas de decisão.

Participaram do estudo 232 estudantes, com idade entre 17 e 61 anos, do primeiro ano de cursos de Biológicas e Saúde, Exatas, Humanas e Sociais de uma universidade pública. Do total da amostra, 43 universitários (18,5%) frequentavam o curso de Agronomia, 57 (24,6%), Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS), 12 (5,2%) Biologia, 34 (14,7%) Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas (BCET), 7 (3,0%) Engenharia Sanitária Ambiental (ESA), 34 (14,7%) História, 19 (8,2%) Psicologia e 26 (11,2%) Serviço Social.

Foram utilizadas fichas de caracterização com informações sociodemográficas dos alunos e a escala de satisfação acadêmica, composta por 35 itens com cinco possibilidades de

resposta que variam de 1 (nada satisfeito) a 5 (totalmente satisfeito) inspirada no Questionário de Satisfação Acadêmica (QSA) de Soares, Vasconcelos e Almeida (2002). A coleta de dados foi efetuada em contexto de sala de aula. Inicialmente os universitários preencheram a ficha de caracterização e, na sequência, a Escala de Satisfação com a Experiência Acadêmica (ESEA). Para caracterização do desempenho dos estudantes utilizou-se provas de estatística descritiva. Já para a identificação de eventuais diferenças em razão do sexo, idade, área do curso e do fato de trabalhar ou não, recorreu-se ao teste t de Student e à Análise de Variância (ANOVA).

Os resultados indicaram que a pontuação total média obtida pelos estudantes avaliados foi 3,31 pontos de um total de 5 possíveis. Os dados evidenciaram, por um lado, que os universitários obtiveram média superior no fator 'satisfação com o curso' e, por outro, que a média mais baixa foi em 'oportunidade de desenvolvimento'. As comparações em razão da idade evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre os participantes somente para o fator 'satisfação com a instituição'.

Na questão idade observa-se que os mais novos foram os estudantes que obtiveram as maiores médias em todos os fatores do ESEA, exceto em 'satisfação com o curso', no qual os universitários mais velhos superaram os demais. Já no que se refere às grandes áreas do conhecimento, a Análise de Variância (ANOVA) apontou diferença estatisticamente significativa entre o desempenho dos universitários em todas as medidas realizadas. Por último, na relação entre os universitários que trabalhavam e estudavam e aqueles que só estudavam os resultados evidenciam que os estudantes que trabalham e estudam obtiveram as médias mais altas em todas as medidas, embora só se tenha observado diferença estatisticamente significativa em 'satisfação com o curso'.

Conclui-se, portanto, que os dados obtidos apontaram que a maioria dos universitários manifestou estar satisfeita com o curso, o que indica que o envolvimento com os pares, a forma de percepção em relação aos professores, às aulas e aos conteúdos, a qualidade da formação, além da magnitude da correspondência entre e o envolvimento pessoal e o desempenho obtido, são aspectos importantes na avaliação da satisfação acadêmica. A menor pontuação na dimensão 'oportunidade de desenvolvimento', mostrou que na percepção dos seus estudantes, a instituição de ensino frequentada precisa diversificar ainda mais as atividades extracurriculares oferecidas, proporcionando melhor qualidade de formação e favorecendo o seu desenvolvimento. Em relação à idade os dados apontam para uma menor satisfação entre os estudantes mais velhos. Em relação à variável trabalho-estudo apresentou-se de forma

positiva em todas as dimensões de satisfação indicando que, na amostra pesquisada, a condição de estudar e trabalhar não dificultou o envolvimento com as atividades acadêmicas.

Carvalho et. al. (2019) no intuito de conhecer os fatores associados aos processos motivacionais dos estudantes que incidem na adequação de políticas públicas destinadas à educação, visando a melhoria do rendimento acadêmico e a diminuição do abandono escolar, foi desenvolvido um estudo que consiste em avaliar as percepções da expectativa de futuro, da motivação acadêmica e da satisfação acadêmica dos alunos dos cursos superiores de Licenciatura em Biologia e Agronomia do IFRO Campus Ariquemes. Buscou-se identificar quais fatores apresentaram maiores índices nas escalas e comparar os resultados em função do sexo, idade e período acadêmico com todos os fatores das escalas.

Participaram da pesquisa 79 estudantes, com média de idade de 26,06 anos, variando de 17 anos a idade mínima a 58 anos na idade máxima. Na distribuição por sexos, 36,7% dos respondentes (29 alunos) são do sexo masculino e 63,3% são do sexo feminino (50 alunos). Em relação aos cursos de graduação participaram 24 alunos do curso de Agronomia (período integral) e 55 do curso de licenciatura em biologia (período noturno). O questionário de investigação continha questões sobre dados sociodemográficos (sexo e idade) e variáveis acadêmicas (período e ano). Na avaliação da motivação acadêmica foi utilizada a Escala de Motivação Acadêmica (EMA) desenvolvida por Vallerand et al. (1992), validada por Sobral (2003) e revalidada para amostras brasileiras por Davoglio et al. (2016). Trata-se de uma escala Lickert de 28 itens e com 7 subescalas de motivação (intrínseca para conhecimento; intrínseca para realização; intrínseca para experiências estimulantes; extrínseca por identificação; extrínseca por introjeção; extrínseca por regulação externa e a motivação).

Para avaliar a percepção de satisfação foi utilizada a Escala de Satisfação Acadêmica Universitária, proposta e validada por Sisto et al. (2008). A Escala de satisfação possui 35 itens distribuídos em 4 fatores: percepção do ambiente pedagógico; percepção da afetividade; percepção do ambiente físico e percepção da autoestima. Para mensuração da expectativa de futuro foi utilizada a Escala de Expectativa de Futuro, construída e validada por Souza et al. (2013), composta por 18 itens, distribuídos por três fatores: sucesso profissional e financeiro; condições da sociedade e realização pessoal.

Na análise dos dados foi utilizado o software IBM SPSS v. 22. Assim, foi realizada, inicialmente, uma análise exploratória de dados de modo a descrever as variáveis do estudo. Na comparação das médias observadas em duas variáveis independentes foi utilizado o teste t de

Student. Já para a comparação dos escores nos fatores das escalas, optou-se em utilizar o teste t de Student para dados pareados, visando comparar o comportamento nas respostas dos mesmos indivíduos nos fatores. Em seguida, na avaliação da relação das variáveis do estudo foi utilizado o coeficiente de correlação linear de Pearson (HAIR et al., 2009). O nível de significância adotado foi de = 0,05.

Os resultados indicaram escores em média favoráveis nos fatores da satisfação acadêmica: ambiente pedagógico, afetividade, ambiente físico e autoestima. Os fatores com maiores médias foram o ambiente pedagógico e a afetividade, seguido do fator autoestima e, por fim, o ambiente físico. Em relação à expectativa de futuro, os alunos apresentaram escores maiores nos fatores de sucesso profissional e financeiro e realização pessoal em relação ao fator melhores condições da sociedade. Apesar do último fator ser positivo, seu escore ficou próximo do ponto de corte (3,00).

No que diz respeito aos fatores motivacionais, a que apresentou menor escore foi a motivação intrínseca para experiências estimulantes, sendo esta, caracterizada pela experimentação de sensações estimulantes, de natureza sensorial ou estética. Observa-se que dentre os respondentes as maiores pontuações nos escores da motivação intrínseca foram: motivação para o conhecimento, seguido da motivação intrínseca para realização e, por fim, a motivação para experiências estimulantes. A análise das escalas em função do sexo, idade e período não apresentaram diferença significativa. Os autores sugerem futuros estudos tendo como foco relacionar as medidas de satisfação, motivação e expectativa entre os docentes e discentes da instituição.

O estudo de Lobo, Ribeiro e Moreira (2019) debruça-se sobre o fenômeno da evasão escolar e os diversos fatores que permeiam esse processo. Portanto, o objetivo da pesquisa consiste em apresentar a representação social da insatisfação acadêmica para estudantes em situação de evasão escolar no curso de Administração presencial do Centro Universitário Projeção, considerando o período de 2017 até 2018.

Utilizou-se a abordagem metodológica qualitativa com o uso da técnica de associação livre de palavras. Na amostra, optou-se por ouvir somente alunos do curso de Administração presencial, e com data de evasão entre 2017 e 2018. A escolha por esta amostra se deu de forma aleatória, sendo que 37 pessoas participaram do estudo. Como fonte de informação, foram consultadas literaturas sobre as temáticas evasão escolar e democratização do ensino, bem como documentos institucionais que trazem indicadores qualificados sobre evasão escolar. Os

participantes foram contatados por e-mail ou por telefone, quando se evocou o questionamento “o que foi evasão escolar para você?”; para as respostas apreendidas foram aplicadas as técnicas de associação livre de palavras e análise das respostas.

Entre as 47 palavras registradas mais de 50% atribuem atendimento e financeiro para definir insatisfação acadêmica. Considerando as quatro palavras com maiores ocorrências, citam-se: atendimento, financeiro, identificação e pessoal. Estes dados são interessantes, visto que os quatro itens não definem claramente uma relação com o âmbito acadêmico. Quase 90% dos respondentes atribuíram ao atendimento e ao financeiro a justificativa para a evasão escolar, sendo que os números individuais ficaram muito próximos, sendo 45,83 e 43,75, respectivamente. Para o grupo estudado, a insatisfação acadêmica é representada pelo atendimento. É possível considerar atendimento em diferentes âmbitos acadêmicos, como relação professor e estudantes, estudantes e coordenação de curso, secretaria acadêmica, entre outros. Entretanto, é preciso destacar que um número significativo atribui o termo financeiro para o mesmo fim. Estes parecem ser os fatores mais próximos para justificar a resposta à insatisfação acadêmica ao entrarem em situação de evasão. Cada um desses fatores desdobra-se em muitos outros e, no seu conjunto, compõem o quadro que pode favorecer a evasão ou a permanência do estudante.

Tendo em vista que o objetivo deste estudo foi apresentar a representação social da insatisfação acadêmica para estudantes em situação de evasão escolar no curso de Administração presencial do Centro Universitário Projeção, considerando o período de 2017 até 2018, para o grupo participante da pesquisa, a representação social de insatisfação acadêmica é o atendimento. Entretanto, este resultado pode parecer enviesado, pois o atendimento está presente em todos os processos institucionais, sejam acadêmicos, administrativos, financeiros, tecnológicos etc. Ainda assim há um caminho, visto que o atendimento precisa ser de qualidade para que os estudantes possam ter as melhores experiências no seu percurso acadêmico. Por outro lado, para a IES estudada, cabe reflexões sobre os atendimentos de cunho financeiro, visto a relação de proximidade e correspondência dos resultados alcançados.

Santos, Zanon e Ilha (2019) ao considerar que o ingresso no ensino superior pode estar associado a uma série de conflitos e crises, sendo essencial a investigação de fatores que possam contribuir para a adaptação e satisfação acadêmicas, desenvolveram um estudo que tem como objetivo avaliar se a autoeficácia na formação superior pode predizer a satisfação com a experiência acadêmica.

Participaram da pesquisa 372 alunos de uma instituição de ensino superior paulista, com idade entre 17 e 53 anos, sendo 66,4% do sexo feminino. Os universitários foram provenientes dos cursos de Psicologia, Arquitetura e Urbanismo, Administração, Engenharia Civil, Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Engenharia da Produção, Engenharia Elétrica e Engenharia da Computação. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Autoeficácia na Formação Superior (Polydoro & Guerreiro-Casanova, 2010) e a Escala de Satisfação com a Experiência Acadêmica (Schleich, Polydoro, Santos, 2006). O primeiro instrumento avalia as crenças dos estudantes em sua capacidade frente às tarefas da formação superior. Ele possui 34 itens dispostos em formato Likert, cuja atribuição de pontos varia de 1 (pouco capaz) a 10 (muito capaz). O segundo instrumento mede o grau de satisfação atribuído pelo sujeito a diferentes aspectos da sua experiência acadêmica. A escala tem 34 itens dispostos em escalas Likert, cujas alternativas variam de 1 (nada satisfeito) a 5 (totalmente satisfeito).

Os fatores obtidos na análise fatorial da escala de autoeficácia foram: (1) Autoeficácia acadêmica, que avalia a percepção dos estudantes sobre a confiança em sua capacidade de aprender, demonstrar e aplicar o conteúdo do curso; (2) Autoeficácia na regulação da formação, referente à confiança percebida na capacidade de estabelecer metas, fazer escolhas, planejar e autorregular suas ações no processo de formação e desenvolvimento de carreira; (3) Autoeficácia em ações pró-ativas, que diz respeito à identificação da confiança percebida na capacidade de aproveitar as oportunidades de formação, atualizar os conhecimentos e promover melhorias institucionais; (4) Autoeficácia na interação social, que avalia a percepção dos estudantes sobre a confiança em sua capacidade de se relacionar com os colegas e professores, com fins acadêmicos e sociais; (5) Autoeficácia na gestão acadêmica, que se refere à confiança percebida na capacidade de se envolver, planejar e cumprir prazos em relação às atividades acadêmicas.

A escala de satisfação acadêmica foi submetida à análise da estrutura interna dos itens por meio da análise fatorial, que apontou uma estrutura de três fatores: (1) Satisfação com o curso, referente ao relacionamento com professores e colegas do curso, relevância de conteúdos e disciplinas; (2) Oportunidade de desenvolvimento, que abrange os eventos sociais oferecidos pela instituição, o currículo do curso e o envolvimento pessoal nas atividades do curso; e (3) Satisfação com a instituição, que diz respeito ao acervo disponível na biblioteca, recursos e equipamentos audiovisuais disponíveis e infraestrutura física da instituição.

Com o intuito de avaliar possíveis diferenças de autoeficácia e satisfação com o curso, entre homens e mulheres e entre os cursos pesquisados (variáveis independentes), realizaram-

se testes “t” e ANOVA one-way, tendo como variáveis dependentes as dimensões de autoeficácia e satisfação com o curso. Para avaliar o quanto as facetas da autoeficácia predizem a variância da satisfação acadêmica, foi realizada uma regressão múltipla (método Enter) tendo como variáveis preditoras as facetas da autoeficácia e, como variável critério, a satisfação acadêmica.

O modelo de regressão múltipla investigado indicou que o conjunto de facetas da autoeficácia acadêmica explicou grande parte da variância da satisfação com a experiência acadêmica total (aproximadamente 64%), o que indica a relevância da autoeficácia para a percepção de satisfação no contexto acadêmico. Deste modo, os resultados indicam que a satisfação com a experiência acadêmica é, consideravelmente, predita pela autoeficácia na formação superior. A autoeficácia com a interação social parece ser a faceta mais relevante para a satisfação com a experiência acadêmica. Deste modo, os alunos mais auto eficazes socialmente tendem a se mostrar mais satisfeitos com o curso escolhido, mas também que a satisfação com o curso pode depender, em grande parte, da capacidade de interação dos alunos.

Em síntese, pode-se afirmar que os resultados suportam a hipótese do estudo, que apontou para a autoeficácia como preditora da satisfação com a experiência acadêmica em universitários. Esse resultado sugere que as instituições de ensino superior poderiam obter ganhos ao promover possibilidades de interação entre seus alunos. Intervenções desse tipo poderiam produzir ganhos para os alunos, que se sentiriam menos incapazes, isolados e frustrados, e para os professores, que poderiam ter alunos mais satisfeitos e engajados.

O estudo de Osti et. al. (2020A) ao descrever o processo de construção e validação de escala multidimensional para a avaliação da satisfação acadêmica em estudantes do primeiro ano do ensino superior objetiva contribuir para o desenvolvimento de pesquisas, a partir da identificação de fatores que afetam o sucesso acadêmico e a permanência dos estudantes, e consequentemente, auxiliar na implementação de práticas institucionais que promovam a satisfação acadêmica dos estudantes na sua formação superior.

Participaram deste estudo 267 estudantes universitários, repartidos por Brasil (50,9%) e Portugal (49,1%), predominantemente do 1º ano (89,5%) e frequentando cursos nas áreas das ciências (64,7%) e humanidades (45,3%). As idades oscilaram entre 18 (21%) e 45 anos (0,4%). Cabe salientar que a maioria desses estudantes responderam frequentar um curso de primeira opção (64,1%), ao mesmo tempo em que 84,5% afirmam estar na instituição de ensino superior de sua primeira escolha.

A Escala de Satisfação Acadêmica utilizada passou por algumas etapas e versões, sendo que foi aplicada uma versão do Questionário de Satisfação Académica em processo de construção e validação pelos autores. Tomando-se em consideração outros instrumentos na área e procedendo-se a entrevistas individuais de estudantes e professores do ensino superior, recolheram-se itens indicadores de satisfação académica dos estudantes repartidos por seis áreas: Recursos Econômicos, Carreira e Emprego, Qualidade do Ensino e Relacionamento com os Professores, Relacionamento Interpessoal com Colegas, Aprendizagem e Rendimento Acadêmico e Qualidade dos equipamentos e Serviços da Instituição de Ensino. Os 55 itens foram respondidos numa escala Likert de 5 pontos, desde 1 (muito insatisfeito/a) a 5 (muito satisfeito/a).

A coordenação de cada curso na universidade foi comunicada da pesquisa e os professores avisados sobre a coleta durante as aulas. Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa em sala de aula, informados dos objetivos do estudo e deram o seu consentimento livre e esclarecido para sua participação na pesquisa. As análises estatísticas foram realizadas com recurso do programa IBM/SPSS, versão 25.0. Procedeu-se a uma análise fatorial exploratória dos resultados pelo método dos componentes principais, seguido de rotação varimax, tomando a amostra conjunta dos dois países, obtendo-se, de início, 11 componentes com valores próprios superiores à unidade. Dado verificar-se maior concentração de itens nos primeiros seis fatores e, por causa das seis áreas em que teoricamente foram agrupados os itens, avançou-se para uma nova análise fatorial, fixando os primeiros seis componentes. Esses seis primeiros componentes retidos na análise explicavam 52,4% da variância dos 55 itens.

O processo de análise permitiu identificar os quatro primeiros componentes muito na lógica das áreas teoricamente definidas: componente 1 formado por 11 itens de carreira, emprego futuro e qualidade de formação; componente 2 formado por 8 itens e todos referenciados ao relacionamento interpessoal com colegas; componente 3 formado por 9 itens e todos reportados a estudo, aprendizagem e rendimento escolar; e componente 4 formado por 7 itens e todos reportados aos recursos económicos do estudante. Os componentes 5 e 6, respectivamente com 7 e 8 itens, misturam itens do relacionamento com os professores, qualidade do ensino e da avaliação, equipamentos e serviços da instituição, havendo ainda três itens soltos de outras áreas no componente 6.

Com esses resultados foram excluídos 7 itens (5 deles não atingiam 0,40 em algum dos seis componentes isolados e 2 apresentavam valores de saturação muito próximos em dois

componentes). Tomando-se os restantes 48 itens, repetiu-se a análise de componentes principais com rotação varimax tomando-se a amostra de estudantes de cada país e retendo-se os primeiros seis componentes. Nos dois países verificaram-se índices de fatorização adequados (no Brasil, KMO de 0,86 e, em Portugal, de 0,78, assim como teste de Bartlett significativo nas duas amostras). No Brasil, os seis primeiros componentes explicam 54,9% da variância dos itens, descendo esse valor para 52% em Portugal (nos dois países, os seis primeiros componentes sempre atingiram um valor próprio superior à unidade). De acordo com os resultados da análise de componentes, verificou-se que alguns itens convergem nos dois países no que se refere às áreas vinculadas aos cursos de graduação – humanas, exatas e biológicas –, ou dimensões da satisfação acadêmica que se pretendia avaliar. Foram elas: Recursos Econômicos, Carreira e Emprego Futuro, Qualidade do Ensino e Relacionamento com os Professores, Relacionamento Interpessoal com Colegas, Aprendizagem e Rendimento Acadêmico e Qualidade dos Equipamentos e Serviços da Instituição de Ensino.

Deste modo, os autores concluíram que estudos qualitativos e quantitativos preliminares tendo em vista a construção e a validação de uma escala de satisfação acadêmica a usar no Brasil e em Portugal junto dos estudantes do ensino superior, apresentam resultados satisfatórios. Assim, assumiram-se seis dimensões descritivas da satisfação académica a avaliar: Recursos Econômicos, Carreira e Emprego Futuro, Qualidade do Ensino e Relacionamento com os Professores, Relacionamento Interpessoal com Colegas, Aprendizagem e Rendimento Acadêmico e Qualidade dos Equipamentos e Serviços da Instituição. A investigação sugere que a insatisfação dos estudantes nessas áreas tende a desencadear o seu insucesso académico e o abandono do ensino superior tendo em vista a implementação de medidas favoráveis ao sucesso académico dos estudantes.

Em outro artigo, Osti et. al. (2020B) dedicam-se a realizar uma investigação sobre a temática da Satisfação Acadêmica no ensino superior (ES), buscando identificar na literatura nacional quais são os fatores relacionados a ela, visto que pesquisas têm afirmado a importância da temática para a compreensão de fatores que influenciam a permanência ou o abandono de estudantes universitários.

A seleção de artigos foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica direcionada para trabalhos que constam no banco de dados do Scientific Electronic Library OnLine (Scielo) e ao acervo das bibliotecas universitárias da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade de São Paulo - USP e Universidade Estadual Paulista - UNESP selecionando apenas trabalhos publicados nos últimos cinco anos.

Os autores apontam que, de modo geral, os estudos acerca da satisfação acadêmica selecionados no levantamento demonstram o compromisso de pesquisadores em tentar compreender quais são os motivos que levam os estudantes a terem experiências positivas ou negativas em suas vivências no ensino superior e como elas influenciam em sua satisfação/insatisfação. Cabe salientar, que quando o discente possui amparo institucional, bem como apoio de amigos e familiares e maior liberdade em sua vivência na universidade, verifica-se um impacto positivo na sua percepção acerca da satisfação acadêmica.

Todavia, a bibliografia utilizada aponta para a realização de mais estudos na área e aplicações periódicas de questionários e/ou escalas que avaliem a satisfação dos estudantes do ensino superior, a fim de identificar as fragilidades presentes nas instituições, para que assim possam ser planejadas medidas de controle e evitar sofrimento por parte dos graduandos que resultem em uma possível evasão escolar. Deste modo, são necessários muitos avanços e aprofundamentos, como por exemplo estudos específicos por área, por curso, instituições privadas e públicas, que poderão contribuir para o ensino superior, tanto nacionalmente quanto internacionalmente.

A pesquisa desenvolvida por Rossato, Pinto e Muller (2020) objetivou identificar o grau de satisfação acadêmica dos alunos dos cursos de Ensino Superior de uma instituição pública do Rio Grande do Sul. A problemática da pesquisa é averiguar a satisfação com o curso, as oportunidades de desenvolvimento e a satisfação com a instituição, bem como diagnosticar os fatores que mais agradam os estudantes, bem como os aspectos que os desagradam na vida acadêmica, a fim de formular estratégias que melhorem a aprendizagem acadêmica dos estudantes e sua satisfação com a universidade.

Ficou definido que o universo de estudo seria constituído por 1.270 pessoas, distribuídas entre alunos dos cursos de Administração Diurno, Administração Noturno, Ciências Econômicas, Ciências Biológicas, Enfermagem, Nutrição e Zootecnia. Por meio de um cálculo amostral o número mínimo de questionários que deveriam ser aplicados equivale a um total de 296. Todavia, após a coleta, a amostra resultou num total de 384 respondentes. Cabe salientar que os estudantes que se encontravam no primeiro semestre na Universidade foram excluídos da pesquisa. Posteriormente, os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. Assim, as informações coletadas são abordadas de forma estatística, e o fornecimento de dados ocorre de forma mais precisa.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o modelo de Schleich, Polydoro e Santos (2006), escolhido para analisar, a partir das respostas dos entrevistados, o grau de satisfação dos acadêmicos. O questionário deste estudo foi composto por 37 questões divididas em blocos, sendo 35 fechadas do tipo likert com cinco possibilidades de resposta, que variaram de 1 (nada satisfeito) a 5 (totalmente satisfeito), de acordo com o grau de satisfação atribuído pelos discentes aos aspectos condizentes com sua experiência acadêmica. As duas questões restantes foram abertas, nas quais os acadêmicos narraram fatores que mais agradam e desagradam sua experiência acadêmica. O processo de coleta de dados iniciou-se em abril de 2018 e estendeu-se até junho de 2018.

Foi utilizado o software Excel para a etapa de tabulação e, após esse processo, ocorreu a geração de dados estatísticos no software Statistical Package for the Social Science (SPSS) 22.0, em que foram realizados alguns procedimentos estatísticos, como a estatística descritiva, distribuições de frequência e testes de confiabilidade para melhor avaliação dos resultados. As duas questões discursivas foram analisadas por meio de uma análise qualitativa. Na primeira etapa, foram transcritas para o software Excel todas as narrativas dos alunos quanto aos aspectos que mais agradavam e desagradavam sua experiência acadêmica. Após esse procedimento, os dados foram repassados para o software Word Art. Com a utilização dessa ferramenta, foram criadas nuvens de palavras, em que os termos que se sobressaíram nos discursos dos alunos apareceram em formato maior, e palavras pouco difundidas, em tamanho menor.

Os resultados apresentados pelos autores afirmam que os estudantes estão satisfeitos em relação ao curso em que estão inseridos, considerando que a escala utilizada varia de 1 a 5 e a média encontra-se no patamar 4,22. Como as respostas denotam uma satisfação positiva acerca do curso, é possível inferir que os alunos têm uma concepção favorável sobre o atendimento de suas necessidades. Em contrapartida, o desvio padrão acerca da satisfação com o curso também é o maior entre todos os quesitos, revelando que alguns cursos se encontram mais satisfeitos do que outros.

Em relação à satisfação com a instituição, a média foi satisfatória e o desvio padrão foi o menor nesse quesito, demonstrando que não ocorrem muitas divergências de percepção dos alunos nesse aspecto. O menor valor de satisfação geral refere-se às oportunidades de desenvolvimento, com a média de 3,72. Esse constructo faz referência aos eventos promovidos pelos cursos, às condições para o desenvolvimento profissional, entre outras circunstâncias. Nota-se que o desvio padrão foi o segundo maior, evidenciando que há divergência entre os cursos nesse quesito.

Em relação a variável sexo, identifica-se que as mulheres obtiveram mediana superior à dos homens em um aspecto, que se refere à realização das tarefas no tempo ofertado. No quesito limpeza da instituição, os homens declararam estar mais satisfeitos com a limpeza da instituição do que as mulheres. Do mesmo modo, a mediana das mulheres quanto ao atendimento da biblioteca foi menor que a dos homens. Pelas evidências dos resultados, na amostra pesquisada, os homens estão mais satisfeitos do que as mulheres com sua experiência acadêmica.

Em relação ao comportamento dos cursos, identifica-se que as maiores medianas se concentram no curso de Ciências Biológicas. Dessa forma, percebe-se que as relações estabelecidas entre os colegas são essenciais para a adaptação do estudante no Ensino Superior. Sobre o envolvimento pessoal com o desempenho acadêmico, nota-se que o curso de Administração Diurno alcançou os maiores patamares, com um valor de 3,83. Esses dados dão sustentação à consideração de que os alunos de Administração Diurno possuem um bom planejamento organizacional, na medida em que se envolvem no curso. A menor mediana se dá pelos alunos de Enfermagem, com um valor de 3,08, apontando que ocorrem fragilidades no engajamento dos alunos para um bom desempenho acadêmico.

No que concerne à assimetria dos gastos investidos com o retorno da formação recebida, notam-se diferenças de comportamento entre os cursos. A maior mediana encontra-se nos alunos de Ciências Econômicas, com 3,89. Tal resultado pode ser ponderado pelo fato de o curso em questão não exigir que o aluno desembolse tanto com materiais pedagógicos, uma vez que as disciplinas se concentram em fundamentos teóricos. Diante de todos os constructos analisados, as instalações físicas da instituição são as que possuem menores índices de medianas de satisfação, com ênfase para o curso de Enfermagem, com um valor de 2,89.

Em relação à idade dos respondentes, apenas uma afirmação obteve diferenças de comportamento, a do “conhecimento dos professores”: os acadêmicos mais velhos sinalizam maior satisfação acadêmica, enquanto os discentes com até 20 anos possuem uma percepção inferior dos professores quanto ao conhecimento que estes detêm, já que a mediana constitui um valor de 3,6. No que diz respeito às pessoas que trabalham e não trabalham ocorreu diferenças estatísticas em dois aspectos: a realização de tarefas em tempo disponível revela que as pessoas que trabalham possuem mais facilidade em realizar tarefas acadêmicas quando comparadas aos que não trabalham e o envolvimento pessoal nas atividades do curso, demonstrou que as pessoas que não trabalham apresentaram uma mediana superior à das pessoas que exercem alguma atividade.

A partir das questões de cunho descritivo nota-se a predominância da palavra “professor”, demonstrando que os docentes exercem um alto poder de influência para a satisfação dos discentes. O segundo vocábulo com maior destaque foi o próprio curso em que os alunos estão inseridos, podendo-se inferir que os estudantes tomaram a atitude correta na escolha da graduação que estão realizando, encontrando-se na profissão. A terceira palavra que mais obteve destaque foi “aula”, vocábulo que apareceu constantemente associado à palavra “prática”, termo este que também se destacou nas pesquisas.

Conclui-se, portanto, que conhecer as satisfações ou insatisfações dos discentes auxilia no entendimento de como o Ensino Superior pode impactar o desenvolvimento dos alunos, tendo em vista que divergências entre a expectativa do aluno e a realidade que a instituição oferece podem provocar baixos indicadores de desempenho e, em alguns casos, levar à desistência do curso.

Diante do cenário pandêmico que impactou as atividades de Osti, Júnior e Almeida (2021) dedicaram-se a investigar as vivências acadêmicas dos estudantes no novo ambiente educacional imposto pela pandemia, seus níveis de satisfação e engajamento a fim de auxiliar no planejamento de ações e serviços de atendimento aos estudantes dentro da nova realidade de distanciamento social e de adoção generalizada do ensino remoto no prosseguimento das atividades letivas.

O estudo contou com a participação de 1.452 estudantes universitários brasileiros, matriculados entre o primeiro e último ano, frequentando cursos das três grandes áreas da CAPES: Ciências Exatas e Tecnológicas, Ciências da Vida e Ciências Humanas. As idades dos participantes foram divididas em quatro faixas etárias: até 20 anos, entre 21 e 24, de 25 a 34 e mais de 35 anos, sendo que 65,7% dos participantes eram do sexo feminino. A ferramenta utilizada para coleta de dados foi um questionário elaborado pelos autores por meio do Google Forms que incluía questões fechadas e abertas com o objetivo identificar como o cenário de pandemia comprometeu o engajamento dos estudantes nas atividades de aprendizagem. A análise dos dados foi realizada essencialmente de forma descritiva e feita por meio de aplicativos estatísticos do Excel e SPSS/IBM.

Os resultados obtidos pelos autores foram divididos em seis categorias: a) capacidade de engajamento, b) estrutura familiar e doméstica, c) tempo dedicado aos estudos, d) informações sobre a situação acadêmica, e) fatores emocionais que afetam o acadêmico e f) diferenças em função da idade e do sexo. Em relação à capacidade de engajamento dos

estudantes em atividades de aprendizagem, constatou-se que 6,1% deles não conseguiram acompanhar nenhuma atividade de forma on-line, 59,6% acompanharam parcialmente as aulas e 34,3% conseguiram continuar com as atividades normalmente.

No que diz respeito à estrutura doméstica, o levantamento revelou que 90,8% estavam vivendo em suas residências junto de seus familiares, 3,9% estavam sozinhos, mas mantinham contato com familiares, 2,8% viviam sozinhos e estavam sem contatos com familiares ou amigos, e 1,9% estavam vivendo com amigos. Além disso, apenas 27,8% dispunham de um espaço totalmente individual e privativo para os estudos. No âmbito do tempo dedicado ao estudo, verifica-se que 22,9% mantiveram até uma hora de estudo semanal, 34,5%, de duas a três horas, 18,8%, entre quatro e cinco horas semanais, e 23,7%, mais de cinco horas semanais. Essa rotina influenciou 82,3% dos estudantes em relação a sua capacidade para estudar e manter os compromissos acadêmicos.

Ao mencionar informações sobre a vida acadêmica, os estudantes tiveram acesso cotidiano às informações sobre o curso e sobre a instituição via e-mail de modo que toda a comunicação oficial foi feita de forma on-line. Em relação aos fatores emocionais, a nova rotina influenciou 82,3% dos estudantes em relação a sua capacidade geral para estudar e manter os compromissos acadêmicos, enquanto apenas 17,7% consideraram que não houve uma mudança direta em sua motivação ou interesse nos estudos. Um fator pessoal de inquietação foi com sua própria saúde mental e/ou física (60,3%), influenciadas pelo isolamento social e pela condição financeira de muitos estudantes, pois a pandemia gerou um número expressivo de demissões e do índice de desemprego, o que afetou parte de suas famílias.

Do ponto de vista da faixa etária, identificam-se diferenças em relação ao acompanhamento das atividades, uma vez que os estudantes mais velhos foram os que mais conseguiram acompanhar as atividades on-line, num crescente em razão da idade: 26% nos que têm até 20 anos, 30,3%, entre 21 e 24 anos, 41,4%, entre os 25 e 34 anos, e 51%, entre os que tem mais de 35 anos. Em relação ao sexo, constatou-se que 61,7 % das mulheres e 54,8 % dos homens tiveram dificuldade para acompanhar as atividades, retratando o que já é de conhecimento acerca da vida tripla que muitas mulheres assumem ao serem ao mesmo tempo estudantes, mães e profissionais.

Com base nos resultados é possível verificar o impacto da pandemia na capacidade de engajamento em atividades de aprendizagem, o que afetou o acompanhamento das atividades universitárias de forma geral, bem como o tempo dedicado ao estudo. A necessidade de

isolamento e ausência de contato com pessoas, sobretudo os colegas e amigos do curso, gerou, para grande parte dos estudantes, um elevado grau de estresse cotidiano comprometendo a saúde física e mental.

Em contexto espanhol, Galve- González et al. (2022) objetivaram analisar a relação entre as variáveis emocionais e motivacionais e a intenção de abandono em um grupo de estudantes, assim como avaliar a percepção de seu rendimento acadêmico durante a pandemia. O estudo contou com a participação de 513 estudantes de diferentes cursos de graduação de universidades públicas espanholas. Os dados analisados foram coletados por meio de um questionário com o intuito de medir a intenção de abandono e sua relação com uma série de variáveis. Os resultados revelam que as variáveis preditoras mais significativas para explicar a intenção de abandono são a satisfação com o curso escolhido, as expectativas e o aprendizado de conhecimentos relevantes para o futuro profissional. Cabe salientar, que a percepção dos estudantes em relação ao seu rendimento acadêmico havia diminuído durante a Covid-19, o que configurava como um dos preditores de evasão.

Tendo sido evidenciado a importância da satisfação acadêmica, Osti et. al. (2020 C) com o intuito de investigar os fatores associados à (in)satisfação de um grupo de estudantes universitários brasileiros, realizaram um estudo com a participação de 136 estudantes universitários matriculados no 1° ano e que frequentavam os cursos de Pedagogia (noturno), Geografia (integral e noturno), Biologia (diurno), Matemática (diurno) e Computação (integral e diurno). As idades variaram entre 18 e 45 anos. A maioria destes estudantes referem frequentar um curso de primeira opção, ao mesmo tempo que referem estar na instituição de sua primeira escolha.

A pesquisa foi realizada por meio de grupo focal e pela aplicação do Questionário de Satisfação com a Experiência Académica (QSEA; Osti & Almeida, 2018) que abarca seis dimensões da satisfação: institucional, profissional, interpessoal, recursos financeiros, ensino, aprendizagem e rendimento académico. Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa em sala de aula e informados dos objetivos do estudo. A coleta de dados teve duração de quatro meses. Os encontros foram realizados semanalmente com dois e até três grupos. A análise foi direcionada para o entendimento por parte dos estudantes das seis dimensões contidas no questionário, já mencionadas anteriormente.

Os resultados indicaram que em relação à dimensão Institucional, constatou-se que a maior insatisfação está entre os estudantes do curso noturno em razão de fatores como

segurança e serviços institucionais prestados no campus, devido à redução no número de funcionários e acesso limitado aos laboratórios e outros equipamentos no período noturno. Na dimensão Profissional, a maior satisfação se concentra nos estudantes do período noturno, tendo em vista que a maioria já está empregada ou em contrato de trabalho. A insatisfação é maior em estudantes do período diurno pois não têm perspectiva de emprego futuro.

Na dimensão Interpessoal, a maior satisfação está no período integral cujos estudantes afirmam ter maiores possibilidades de fazer amizades e frequentar festas e eventos. No que diz respeito à questão dos Recursos Económicos não ficou evidente diferenças entre os grupos. Os estudantes do noturno, por terem renda própria, estão mais satisfeitos quando comparados com os estudantes do período diurno em que a maior parte está sendo custeada pelos responsáveis financeiros ou por bolsas de auxílio.

A dimensão Aprendizagem e Rendimento é fator de maior satisfação entre os estudantes da área humanas e biológicas, enquanto estudantes da área exatas, afirmam terem dificuldades com os conteúdos e em atingir as médias sem refazer os exames. Na dimensão Ensino, constatou-se maior nível de satisfação em todos os estudantes, uma vez que reconhecem a qualidade do ensino ofertado na universidade. Haja vista a percepção dos diferentes grupos de estudantes acerca das dimensões que afetam a satisfação com a experiência acadêmica, os resultados encontrados pelos pesquisadores sugerem diferenças de grupos de estudantes na sua (in)satisfação académica, informação indispensável para uma melhor compreensão dos fenómenos do abandono e evasão no ES, sugerindo a necessidade de implementação de medidas que favoreçam a adaptação dos estudantes ao ingressarem neste nível de ensino e promovam o seu envolvimento nas atividades académicas.

Ao considerar o crescente acesso ao Ensino Superior, Oliveira et. al. (2020) salienta que existe uma constante busca das Instituições de Ensino Superior para compreender os diferentes aspectos que se relacionam à qualidade da formação inicial, ao sucesso acadêmico e à satisfação dos estudantes com o processo formativo. Neste âmbito, a pesquisa desenvolvida pelos autores objetiva analisar a associação entre autoeficácia no Ensino Superior e a satisfação acadêmica de estudantes universitários em Educação Física.

Participaram do estudo 251 estudantes (143 homens e 108 mulheres) ou 50,8% da população, com idades entre 18 e 54 anos matriculados nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física de uma universidade pública de Santa Catarina/ Brasil. No que diz respeito às características acadêmicas, visualizou-se que a maioria dos estudantes

(53,8%) era do curso de Licenciatura em Educação Física e se encontrava na primeira metade da formação acadêmica (57,0%). Para a coleta de dados, foram utilizadas a Escala de Autoeficácia no Ensino Superior e a Escala de Satisfação com Experiências Acadêmicas. A escala de Autoeficácia na formação superior tem como objetivo analisar a percepção de autoeficácia discente por meio de 34 itens, em escala do tipo Likert de 10 pontos, que vai desde um (pouco eficaz) até 10 (muito eficaz). Os itens são organizados em cinco dimensões: acadêmica, social, ações proativas, regulação e gestão.

A Escala de Satisfação com as Experiências Acadêmicas foi empregada buscando avaliar a satisfação dos acadêmicos com as experiências no âmbito universitário. O instrumento é composto por 35 questões organizadas em três dimensões: satisfação com a instituição, satisfação com o curso e oportunidade de desenvolvimento. As opções de resposta para cada questão consideram uma escala Likert de cinco pontos, variando entre o nível um (nada satisfeito) e cinco (totalmente satisfeito).

A coleta de dados foi realizada no término do primeiro semestre letivo de 2016, em sala de aula. O tempo de preenchimento dos instrumentos variou entre 20 e 30 minutos. O tratamento e análise dos dados foram realizados mediante a aplicação de recursos estatísticos descritivos (média, desvio-padrão e mediana; valores mínimos e máximos; frequências absoluta e relativa, resíduos ajustados) e inferenciais (teste Qui-Quadrado; coeficiente V), com auxílio do software Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 25.0.

Os resultados mostraram escores médios superiores a sete em todas as dimensões da autoeficácia, com destaque para as dimensões social e gestão, ao passo que a dimensão ações proativas apresentou os escores médios mais baixos. A análise das respostas dos estudantes referentes à satisfação acadêmica revelou médias semelhantes em todas as dimensões. No que diz respeito às associações encontradas entre os constructos, visualizou-se associação mais forte das dimensões autoeficácia (AE) acadêmica e social com a dimensão satisfação com o curso.

Tais resultados indicam que a satisfação com o curso pode estar sendo influenciada pela capacidade percebida dos estudantes de participar de atividades extracurriculares, de ajudar e ser ajudado pelos pares e professores e de compreender os procedimentos organizacionais gerais adotados pela instituição para a formação inicial. Nesta perspectiva, pode-se refletir que o estudante que possui maiores níveis de AE acadêmica está mais satisfeito com o curso.

Em síntese, os resultados mostraram escores médios superiores a 7,00 em todas as dimensões da AE, com destaque para as dimensões social e gestão. Especificamente, quanto

mais os discentes se perceberam auto eficazes, mais satisfeitos demonstraram estar com a instituição. No que tange às implicações destes achados para a IES investigada, ressalta-se que as instituições, devem atentar-se para a percepção de AE de seus estudantes, necessitam desenvolver ações que permitam maior sentimento de pertencimento do acadêmico em relação às suas escolhas, visando alcançar maiores níveis de satisfação. Cabe salientar, que este estudo se deteve em analisar a realidade de apenas uma instituição, limitando uma análise mais ampla sobre como a AE pode influenciar a satisfação dos alunos na realidade do ensino superior.

Estudos internacionais como o de Campira, Almeida e Araújo (2022) ao considerarem a expansão do ensino superior moçambicano associado à consequente diversificação sociocultural dos estudantes dedicaram-se a averiguar as dificuldades experienciadas na adaptação, sucesso e permanência de estudantes do ensino superior. Haja vista a importância da satisfação acadêmica na aprendizagem, sucesso acadêmico e desenvolvimento psicossocial, o estudo em questão visa explorar as experiências acadêmicas e as condições institucionais que se constituem em fatores de satisfação e/ou insatisfação dos discentes.

Para realização da pesquisa foram entrevistados 30 estudantes (sendo 20 mulheres e 10 homens) de diferentes cursos de graduação ministrados em uma IES pública, na cidade da Beira, Moçambique. Especificando esse número de estudantes pelos cursos, participaram no estudo: Educação Básica, seis alunos; Educação Infantil, cinco alunos; Psicologia, 10 alunos; e Ciências da Educação, nove alunos. Esses discentes tinham idades entre 17 e 42 anos e frequentavam o 1º ano (21 estudantes) e 2º ano (nove estudantes) de seus cursos.

A entrevista semiestruturada foi desenvolvida com o intuito de levantar dados com base na revisão da literatura através de questões que visavam explorar as experiências de satisfação e insatisfação dos estudantes em relação ao curso e à instituição. As respostas tinham o intuito de registrar questões e situações indicadoras da satisfação/ insatisfação com a experiência acadêmica. A análise de dados foi feita a partir da análise de conteúdo, buscando categorias e subcategorias que expressassem satisfação e/ou insatisfação dos estudantes com as suas vivências na universidade.

Os estudantes que participaram no estudo relataram satisfação com aspectos relacionados com o curso, bem como alguma satisfação com a qualidade das relações com colegas e professores. Nas expressões dos estudantes há alguma percepção de mudanças pessoais decorrentes da vivência acadêmica nesse contexto universitário, registrando-se também alguma correspondência entre os conteúdos aprendidos e a futura profissão. Os

discentes também se referem à competência dos professores e à qualidade dos métodos de ensino. No geral, as relações interpessoais, o sentimento de desenvolvimento pessoal e de correspondência das aprendizagens com a futura profissão são as áreas que expressam maior satisfação para os estudantes desta instituição de ensino superior.

Por outro lado, tomando a insatisfação relativa às vivências dos alunos, verifica-se uma maior insatisfação com as infraestruturas da instituição, escassez de recursos de aprendizagem, computador e qualidade de internet, inexistência de serviços de apoio ao estudante, bem como percepção de falta de segurança, limpeza e condições de sala de aulas. Há também alguma percepção de sobrecarga de atividades de aprendizagem, associada à falta de apoio pedagógico dos professores. Neste sentido a insatisfação dos estudantes se concentra nos aspectos relacionados às infraestruturas e aprendizagem, merecendo também atenção a forma como o curso se organiza para atender às necessidades dos discentes.

Neste sentido, os autores concluíram que, nesta universidade, a satisfação dos estudantes esteve concentrada nas áreas de relações interpessoais e acadêmica, bem como nas áreas de desenvolvimento pessoal e de carreira. Por outro lado, surgem as áreas de infraestruturas, como as condições das salas de aula, a limpeza dos balneários ou o acesso ao computador e internet, como os principais motivos de insatisfação. Essas variáveis prejudicam o envolvimento e o desempenho acadêmico, entendido não apenas em termos de resultados escolares, mas envolvendo toda a experiência acadêmica. Neste sentido, aspectos como a boa governança universitária, as infraestruturas, os serviços da instituição, a formação do professor, a qualidade de ensino, o ambiente de aprendizagem, as condições das salas de aula e a qualidade de aprendizagem compõem dimensões que afetam a satisfação dos estudantes.

Ao considerar o impacto da pandemia para a organização do ensino superior, a pesquisa de Nogueira e Osti (2023) objetiva-se investigar junto a um grupo de estudantes da UNESP sobre os seus níveis de satisfação e insatisfação acadêmica no contexto da pandemia do Covid-19, visando identificar em qual grau o atual cenário de pandemia compromete a capacidade de engajamento dos estudantes em atividades de aprendizagem e analisar quais os sentimentos vivenciados pelos alunos em relação a realização de atividades durante o ano letivo.

Participaram da pesquisa 300 estudantes da UNESP, campus de Rio Claro, sendo 100 de cada uma das áreas de Humanas (curso de Pedagogia), Exatas (curso de Geografia) e Ciências Biológicas (curso de Biologia), sendo todos maiores de idade. A seleção foi aleatória e os alunos foram convidados a participar pelo e-mail. Os dados foram coletados por meio de

um questionário elaborado via Google Forms, sendo composto por 14 questões, de modo que 03 questões relativas a idade, sexo e curso, 09 questões fechadas de escolha múltipla que abordam sobre as condições de estudo, sentimentos vivenciados, tempo dedicado aos estudos e mudanças percebidas com a pandemia, dentre outras e 02 questões abertas descritivas para que o estudante explique sobre as transformações ou mudanças, positivas ou/e negativas que vivenciaram com a pandemia.

Em relação à análise de dados, as respostas foram recolhidas junto da amostra e transcritos para uma planilha Excel. Após a planilha estar pronta, os dados foram analisados por estatística descritiva. Os resultados indicaram que a necessidade de isolamento social alterou o estado físico e emocional dos estudantes e o acompanhamento das atividades acadêmicas, em razão de fatores emocionais e materiais, como a falta de recursos para acompanhar as aulas, tal como internet de qualidade, notebook ou computador. O estudo permitiu verificar o predomínio de sentimentos negativos, afetando o engajamento e a rotina de estudos. Cabe também destacar que vivenciar mais sentimentos negativos afeta a questão comportamental, pessoal e cognitiva, o que tem influência direta para a aprendizagem e compromisso acadêmico. No grupo investigado, a maioria dos alunos afirmaram dedicar menos de cinco horas semanais ao estudo. Neste sentido, as autoras concluem que as pesquisas relacionadas à satisfação acadêmica são fundamentais para a compreensão dos fatores que envolvem o sucesso acadêmico e, assim possibilitar a adoção de estratégias que auxiliem os alunos ao longo do percurso acadêmico.

Deste modo, é possível verificar que a satisfação acadêmica influencia diversos aspectos da vivência acadêmica. Assim como concluíram Osti e Almeida (2022), alguma variável, seja socioeconômica, institucional ou relacional são capazes de interferir na satisfação acadêmica dos estudantes. Sendo necessário investigar as vivências e expectativas dos estudantes, pois em um sistema massificado, a falta de amparo institucional pode levar a casos de evasão. Neste sentido, estudar os indicadores de satisfação e insatisfação é crucial para que os universitários sejam beneficiados com políticas de inserção e serviços de atendimento para promover o bem-estar acadêmico.

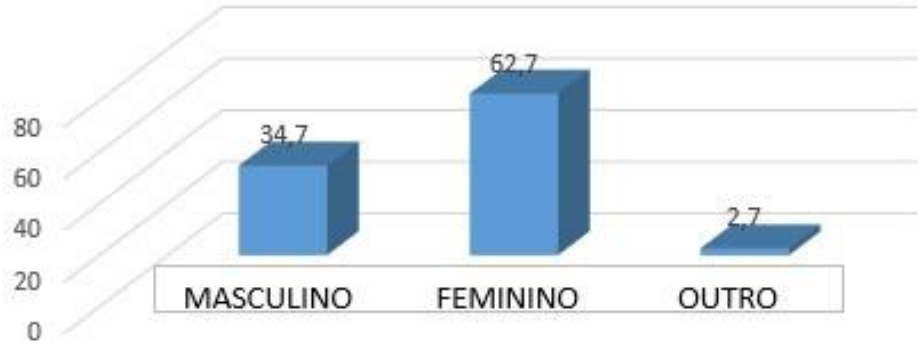
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 75 estudantes de graduação da Unesp- Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro, sendo 38 do curso de pedagogia e 37 do curso de geografia. Todos os estudantes cursaram parte da graduação de forma remota devido à necessidade emergencial de isolamento mediante a pandemia de Covid-19, desta forma, no momento de resposta ao questionário, 32 estudantes estavam no 3° ano do curso, 3 no 4° ano, 37 no 5° ano e 3 em outros anos. Em relação à idade dos participantes 46 se encontravam entre 18 e 21 anos, 22 deles entre 22 e 25 anos, 4 entre 26 e 29 anos e 3 com mais de 30 anos. No que diz respeito ao gênero, 26 responderam masculino, 47 feminino e 2 outros.

Cabe salientar que a participação na pesquisa ocorreu mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo o trabalho aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob Parecer n° 6.304.577. O questionário contou com questões fechadas de múltipla escolha que abordam sobre as condições de estudo, os sentimentos vivenciados durante a pandemia e no retorno presencial. Há também questões abertas com a possibilidade de explicação sobre as percepções e sentimentos positivos ou/e negativos que os estudantes vivenciaram em meio à pandemia e as condições de estudo no contexto de isolamento social e os impactos no retorno presencial.

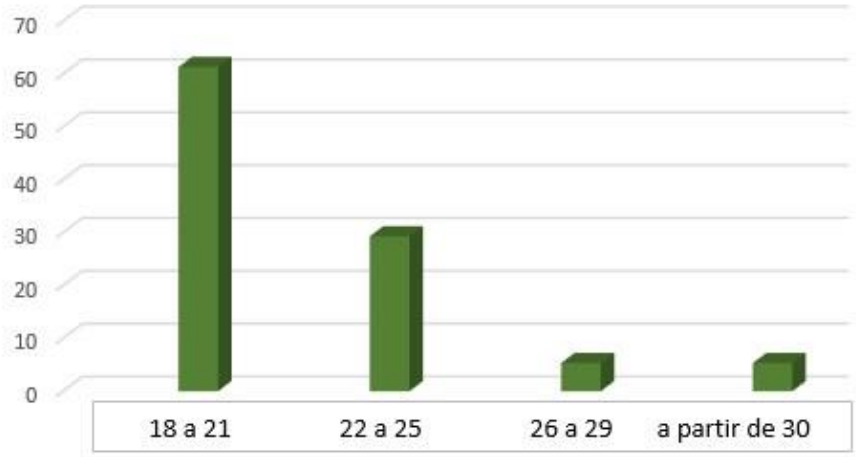
Os Gráficos 1, 2 e 3 mostramos dados demográficos relativos à composição dos participantes segundo o gênero indicado pelos mesmos, a faixa etária e o ano de curso.

Gráficos 1- Gênero



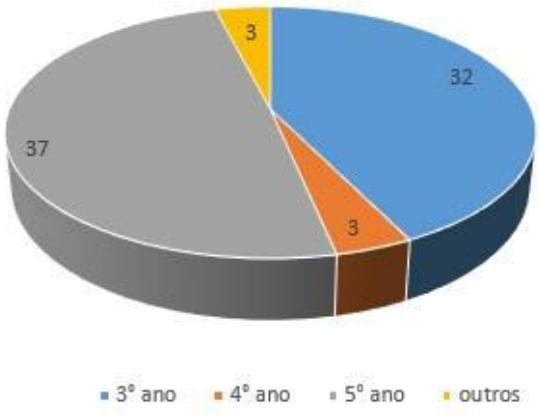
Fonte: Elaboração Própria (2024)

Gráfico 2- Faixa Etária



Fonte: Elaboração Própria (2024)

Gráfico 3 – Ano de Curso



Fonte: Elaboração Própria (2024)

Os questionários com as respostas dos participantes foram organizados, tabulados e, a partir de uma leitura flutuante, foram elaboradas as categorias de análise, com base na Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Nesta pesquisa, a unidade de registro utilizada será o tema, considerada por Franco (2007) como a mais útil unidade de registro de conteúdo. Serão apresentados recortes mais significativos das falas de alguns dos estudantes acerca do tema selecionado e em seguida será feita a discussão com base no referencial teórico utilizado. As categorias de análise relativas aos temas selecionados serão apresentadas em dois momentos: durante a pandemia e no retorno presencial e as categorias de análise em cada momento são: a)

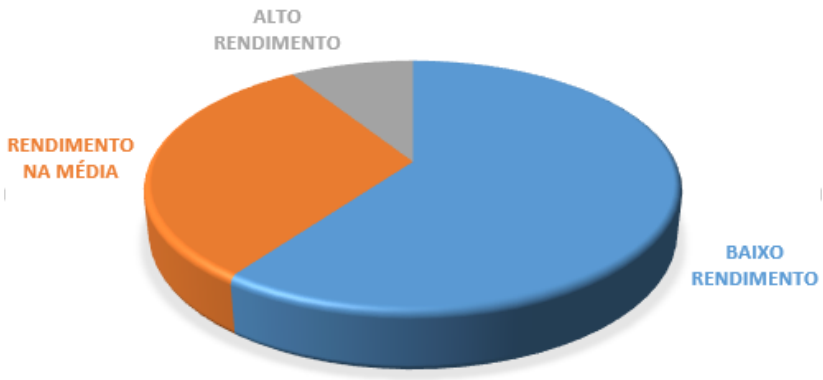
Aprendizagem b) Expectativas dos alunos que iniciaram a graduação online; c) Condições materiais e sociais; d) Sentimentos vivenciados; e) Percepções dos estudantes sobre o ensino remoto.

7.1- Durante a Pandemia

a) Aprendizagem

Os dados apontam que durante a pandemia 60% dos estudantes indicaram apresentar um alto rendimento na realização das atividades acadêmicas, 31% declararam manter um rendimento na média e 9% indicaram possuir alto rendimento. O baixo desempenho percebido por grande parte dos estudantes poder ser analisado a partir da reorganização das atividades acadêmicas para atender a demanda do cenário pandêmico, conforme o gráfico 4.

Gráfico 4- Desempenho geral durante a pandemia



Fonte: Elaboração Própria (2024)

As adaptações no cotidiano dos estudantes resultaram em um impacto no engajamento em atividades de aprendizagem, o que corrobora com a pesquisa de Osti, Pontes Júnior e Almeida (2021) ao identificar que os impactados pela situação da pandemia afetou o acompanhamento de todas as atividades universitárias de forma geral, bem como em relação ao tempo dedicado ao estudo, principalmente, devido aos estudantes vivenciarem situações que alteraram sua forma de aprender e interagir em aula.

No contexto do Ensino Superior espanhol, Galve-Gonzalez et al (2022) demonstraram dados alarmante ao investigar a relação entre a percepção de rendimento e os índices de evasão. Nos resultados obtidos pelos pesquisadores, observou-se que 21,20% dos estudantes têm intenção de abandonar os estudos universitários. Com destaque para o desempenho acadêmico

durante a situação da COVID-19 que se mostrou como uma variável relevante. Os estudantes que consideravam que o seu desempenho acadêmico foi pouco ou nada afetado em resultado do ensino online demonstram pouca intenção de abandonar a universidade, em contraste com o grupo de estudantes que considera que o seu desempenho acadêmico foi prejudicado, apresentando maior intenção de abandono.

Nos discursos dos participantes houve um predomínio da percepção de que a aprendizagem foi profundamente afetada pelo ensino remoto emergencial devido à desmotivação, à falta de interação entre os estudantes e entre professores e estudantes, às falhas dos dispositivos tecnológicos e ao acúmulo de atividades acadêmicas a serem cumpridas. Houve relatos de estudantes que consideraram até trancar o curso e retornar somente na forma presencial. Todos esses aspectos podem ser notados nos depoimentos selecionados a seguir:

> "Com toda certeza o maior prejuízo foi o da aprendizagem. As aulas não eram ruins, porém a desmotivação de estar em casa atrapalhou e muito a absorção dos conteúdos. E claro, o prejuízo social foi enorme, pois o contato online é diferente do presencial onde vínculos são criados com mais facilidade e genuinidade". (Estudante 1)

> "Sinto que nas aulas online a "falta" era mais frequente, visto que, bastava desligar as câmeras e o microfone e já não sabíamos mais quem realmente estava na aula. Também, com a falta de contato físico e visual, algumas aulas se tornaram longos "podcasts" de conteúdos e na maioria das vezes perdiam suas potencialidades. Além disso, havia o obstáculo dos recursos, visto que diversas vezes acontecia de a internet falhar ou a energia cair e longos minutos de aulas eram perdidos. Tudo isso resultou em prejuízos de aprendizagem, já que dificultaram ainda mais o interesse pelos estudos. Mas, para mim, além disso, o maior dos prejuízos foi a falta de interação com meus amigos, senti que perdi grandes oportunidades de criar laços". (Estudante 2)

> "Para mim, os principais prejuízos foram o acúmulo de atividades para serem entregues, a inexistência de contato com as crianças durante o estágio, a falta de acesso a livros da biblioteca, a ansiedade gerada pelo momento fatídico que vivíamos (a ansiedade se duplicou, já que nos preocupávamos com o contexto de pandemia e em entregar trabalhos e atividades). Foram muitos prejuízos". (Estudante 3)

> "A falta de interação do professor com os alunos, em algumas disciplinas, fazia com que a gente não perguntasse/interrompesse a aula e talvez isso tenha sido um fato problemático. Sem contar na questão da internet que às vezes caia e gerava uma montanha russa de altos e baixos". (Estudante 4)

> "Tive que fazer 2 estágios obrigatórios de maneira 100% online o que não condiz em nada com a realidade que vamos trabalhar, então isso pra mim foi um grande prejuízo. Não poder debater tanto, trazer reflexões e diferentes opiniões de colegas porque isso raramente acontecia em aulas online, muita gente nem respondia. Não pude estar com meus amigos e parceiros de sala e isso me deixou muito triste e me afetou bastante, faz falta não ter pessoas por perto que estão passando pela mesma coisa que você". (Estudante 5)

> "Se eu soubesse que iria durar tanto tempo, eu teria trancado o curso e retomado de forma presencial. Achei que tanto os estudantes quanto os professores fizeram o que podiam no momento. Foi um período de muita insegurança, cansaço e baixo aproveitamento". (Estudante 6)

Do ponto de vista do acesso à tecnologia, a baixa qualidade da conexão de internet de grande parcela dos estudantes somado a dificuldade de acesso aos dispositivos tecnológicos como computadores, tablets e notebooks acabou comprometendo o acompanhamento das aulas remotas. Somado a isso, a necessidade de isolamento social acarretou a volta de grande parte dos estudantes para as casas de suas famílias, o que alterou completamente a rotina de acompanhamento das atividades acadêmicas, devido ao convívio familiar e as novas obrigações com o serviço doméstico e o cuidado com familiares. Grande parte dos estudantes relataram que as distrações do novo ambiente diminuíram a concentração durante os compromissos acadêmicos, aliados aos compromissos domésticos reduziram o tempo de dedicação à graduação e levaram ao acúmulo e sobrecarga de atividades a serem cumpridas. Outra queixa importante, presente nos discursos foi a falta de interação entre os alunos e entre professor e aluno, o contato mediado pela tela não substitui a interação e afeto sentidos nas aulas presenciais.

b) Expectativa dos estudantes que iniciaram a graduação online

O ingresso no Ensino Superior significa uma grande mudança na rotina dos estudantes. Na grande maioria dos casos indica mudar de cidade e estar longe da família, além disso adaptar-se ao novo ambiente, aos novos colegas e professores é um desafio. Do ponto de vista acadêmico, a demanda de atividades e de estudos exige uma reorganização do estudante. Essa primeira fase de adaptação é importante para a permanência e sucesso acadêmico no ensino superior. Ao considerar as respostas dos estudantes que iniciaram a graduação de forma remota, destaca-se a dificuldade em lidar com as expectativas de ingresso no ensino superior somadas às dificuldades da pandemia e do ensino remoto, que não permitiu uma maior socialização e adaptação dos estudantes no período inicial da graduação. Os participantes mencionaram a dificuldade de desenvolver planos para o futuro, a insegurança da nova rotina e a falta de contato pessoal com os novos colegas.

> "Entrei com muita expectativa e alegria, mas com a pandemia e tendo que cursar online, senti muita insegurança e medo de não conseguir me adaptar, da qualidade do curso baixar, de não conseguir manter o foco por conta de tudo o que estava acontecendo devido a pandemia". (Estudante 1)

> "A quebra de expectativas e dificuldade em formar planos para o futuro. A experiência na graduação não foi nem na metade do que esperávamos. A carga emocional e de conteúdo por parte dos professores foi surreal". (Estudante 2)

> "A minha expectativa ao entrar na universidade presencial era conhecer meus colegas pessoalmente, ser recebida pelos veteranos e me sentir totalmente integrada na universidade. Ao iniciar o curso online, minhas expectativas mudaram e minha única vontade era voltar para o presencial, encontrar meus amigos e professores. De fato, começar o curso online não fez eu me sentir parte da universidade". (Estudante 3)

> "Estava muito animado com iniciar a universidade presencialmente, tanto para estudar algo em que realmente me interesso quanto para me integrar com as pessoas e com o ambiente universitário. Porém quando tive de iniciar o curso em modo online fui perdendo cada vez mais o ânimo com o curso, sem me integrar e ter a experiência universitária fui perdendo juntamente a vontade de estudar, pelo fato de já ter passado um ano desta maneira, por conta disto, com dores de cabeça, olhos e costas, e por não me sentir motivado o suficiente as vezes nem para terminar de assistir uma aula". (Estudante 4)

> "No início, mesmo com as aulas sendo online, fiquei muito animada com a universidade pois era uma fase nova totalmente diferente do que estava acostumada. Assistia todas as aulas, fazia anotações, me adiantava com os trabalhos... Porém, ao longo do ano, como não voltamos para o presencial, fui perdendo a motivação". (Estudante 5)

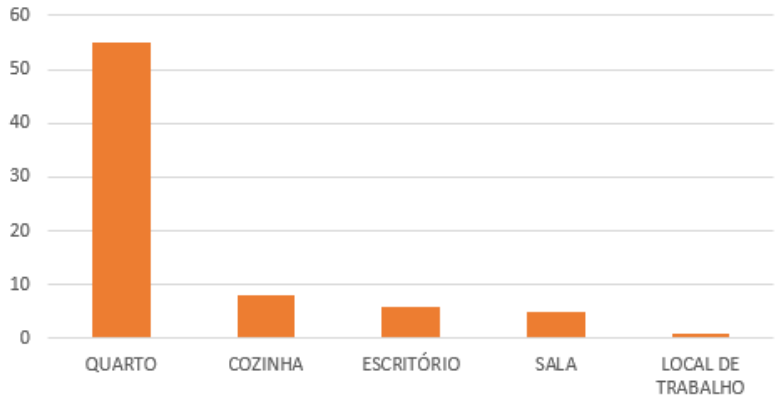
Suehiro e Andrade (2018) ao investigarem a satisfação acadêmicas de universitários no primeiro ano indicam que o envolvimento com os pares, a natureza da percepção em relação aos professores, às aulas e aos conteúdos, a qualidade da formação, além da magnitude da correspondência entre e o envolvimento pessoal e o desempenho obtido, são aspectos importantes na avaliação da sua satisfação acadêmica. No contexto pandêmico, os estudantes ingressantes tiveram de se adaptar à universidade de forma totalmente remota. Os dados coletados nesta pesquisa evidenciaram que a quebra de expectativas quanto ao ingresso na Universidade levou à desmotivação dos estudantes do primeiro ano, devido a fatores como a falta de contato com professores e novos colegas, a preocupação com a qualidade da formação e a falta de expectativa com o futuro em razão da incerteza de quando as aulas presenciais retornariam e, por fim, teriam a oportunidade de vivenciar a universidade.

c) Condições materiais e sociais

Carneiro et. al. (2020) enfatizaram que um grande desafio para a implementação do ensino remoto no Brasil está relacionado ao acesso à internet. Apesar de que o Brasil não apresenta necessariamente um baixo acesso à internet, existe uma grande desigualdade regional quando se trata de acesso dos domicílios à internet. Além disso, observa-se que a maioria das residências possuem somente o celular como meio para acessar a internet. A maior parte da população de baixa renda não tem computador ou tablet em casa, o que explica em grande parte a dificuldade de oferta de ensino à distância pelas universidades brasileiras o que corrobora com os dados encontrados nesta pesquisa.

No que diz respeito às condições materiais dos participantes desta pesquisa, um grande volume de respostas indicou que a dificuldade de acesso à internet e dispositivos tecnológicos para acompanhar as aulas foi um grande entrave para muitos estudantes, aliado a isso foi mencionado a dificuldade de manuseio das plataformas digitais. O local de estudo de muitos graduandos também ficou comprometido, haja vista que o retorno à casa dos familiares fez com que muitos tivessem que dividir o espaço de estudo com parentes impactando a concentração nos estudos, o gráfico 5 apresenta dados sobre o local de estudo dos participantes.

Gráfico 5- Local de Estudo



Fonte: Elaboração Própria (2024)

Em relação às condições sociais, a carga de afazeres domésticos alterou a rotina de estudo e reduziu o tempo dedicado às atividades acadêmicas, muitos graduandos disseram que foi preciso dedicar parte do tempo para cuidado com familiares e tarefas domésticas, além de ter que lidar com dificuldades financeiras.

> “As experiências e vivências que perdemos durante a pandemia não retornarão. Muitas das disciplinas ficaram prejudicadas por conta da pandemia e a relação com a vida acadêmica também foi prejudicada em diversos sentidos. Não existe curso online quando pessoas não têm acesso a internet, quando estudantes e docentes têm dificuldade de manusear as ferramentas disponibilizadas, a dificuldade de dosar a quantidade de tarefas... tudo foi prejudicado, sem contar as condições mentais e físicas de cada um”. (Estudante 1)

> “Sentia que os professores não consideravam que tínhamos afazeres domésticos (como cuidar do irmão mais novo, fazer almoço, limpar a casa, ficar de olho na avó...) a serem feitos também, parecia que a ideia do "mas você só estuda" ficou mais forte nesse período, sendo que, apesar de estar isolada, as tarefas domésticas não pararam e talvez tenham aumentado com toda as pessoas de casa em casa”. (Estudante 2)

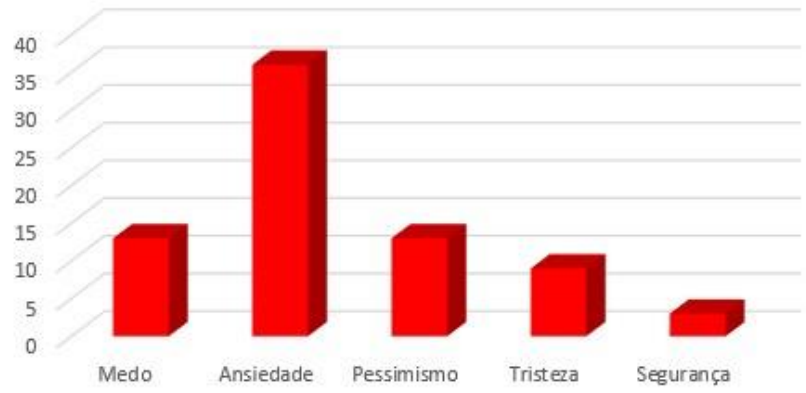
> “Minha aprendizagem foi impactada, principalmente devido: a socialização entre professor/aluno e aluno/aluno; tempo para desenvolvimento das atividades, porque tinha que cuidar do meu irmão que tinha 9-10 anos, limpar a casa e fazer comida para

> as outras 4 pessoas da casa; dificuldade no acesso à internet e computador de qualidade; e questões financeiras da família.” (Estudante 3)
>
> “Minha expectativa foi frustrada porque encontrei vários problemas para conseguir acompanhar as aulas e acredito que não aproveitei as matérias como deveria. Nos primeiros semestres estava sem computador, o que dificultava muito a realização das atividades e trabalhos. Encontrei dificuldade em concentração em casa (que já existia nas aulas antes da pandemia, mas se intensificou). Por esses motivos que dificultou meu aproveitamento, não me sinto segura com a minha formação e quando entrei no curso estava bem confiante por estar na Unesp”. (Estudante 4)
>
> “Eu particularmente não me adaptei, era algo bem incômodo, posto que estudar com a família em casa atrapalha muito na concentração com conversas paralelas e interrupções, além disso tem o fator da internet que pode falhar na conexão, coisa a qual atrapalha toda a dinâmica de estudos online. Outro ponto importante é em relação a concentração na aula estudando no próprio quarto, já que tem muitas distrações para além da família, que no caso seria a cama, o celular entre várias outras coisas. De modo geral, por ser acostumada com o presencial, não gostei do ensino remoto e nem de como passavam trabalhos em quantidades exageradas para tentar "recuperar" a falta do presencial”. (Estudante 5)

d) Sentimentos vivenciados

Em relação aos sentimentos vivenciados durante o período pandêmico, houve um predomínio de sentimentos negativos como medo, ansiedade, insegurança e pessimismo. Alguns participantes mencionaram a depressão que aqui será tratada como sentimento de extrema tristeza, visto que o estudo se limita a investigar os sentimentos vivenciados e não pretende abordar aspectos relativos à área da saúde mental (Gráfico 6).

Gráfico 6- Sentimentos vivenciados durante a pandemia



Fonte: Elaboração Própria (2024)

Os resultados corroboram com outros estudos que investigaram a saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia. Maia e Dias (2020) sugerem um impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes e confirmam um aumento significativo de perturbação psicológica (ansiedade, depressão e estresse) entre os estudantes universitários no período pandêmico em comparação a períodos normais. Os aspectos que explicam as causas desse grande impacto são explorados por Barros et al (2021): afastamento social, a falta de informações claras por parte das autoridades de saúde, prejuízos financeiros, mudanças repentinas na rotina, perdas de produtividade nos estudos e preocupações com a saúde são alguns dos fatores indicados. Somado a isso, a nova rotina levou ao aumento de vivências negativas expressadas através de sentimentos como solidão, desesperança, medo e frustração. Adaptar-se à nova realidade tecnológica de ensino e o acúmulo de conteúdo levou a manifestações de fadiga mental devido às novas demandas. Segue o depoimento de alguns estudantes em relação aos principais sentimentos vivenciados ao longo do período pandêmico em que o ensino passou a ser remoto:

> "Ansiedade, medo, insegurança. Pois não sabia o que esperar, não sabia o que iria acontecer, se um dia íamos voltar presencial. Fiquei muito preocupada em não estar aprendendo o suficiente com as aulas online, entre outros aspectos". (Estudante 1)

> "Passei por uma depressão profunda com crises gravíssimas de ansiedade. Cheguei a tomar 4 remédios diferentes. O fato de eu sentir que não estava dando conta da faculdade contribuiu muito para o meu quadro, pois pela depressão eu não conseguia estudar, e por não conseguir estudar e acompanhar as aulas, eu me sentia pior". (Estudante 2)

> "Com relação às questões emocionais vividas na pandemia, posso destacar: ansiedade, insegurança, angústia, medo e pessimismo. Tive que realizar terapia para que essas questões emocionais não interferissem no meu processo de ensino e aprendizagem". (Estudante 3)

> "O período de isolamento intensificou ainda mais a depressão e ansiedade que venho tratando faz uns anos. Esse fator refletiu diretamente no meu processo de ensino e aprendizagem porque não conseguia me dedicar às aulas e não conseguia realizar as atividades e trabalhos nos prazos definidos pelos professores". (Estudante 4)

> "Na pandemia eu tive depressão e o processo de cura foi longo e doloroso, as aulas iniciaram quando eu estava no fim desse processo, mas tudo isso me custou muitos bons costumes que eu tinha. Como já respondido anteriormente, eu perdi a disciplina que tinha de cumprir com as minhas obrigações, já que não via mais sentido nelas, e retomar tais hábitos foi custoso". (Estudante 5)

> "Tive o emocional bem abalado durante a pandemia, me sentia diariamente frustrada com o fato de ter de estar vivendo uma pandemia durante minha graduação, com as matérias e as perdas de conteúdo assim surgindo um sentimento de inutilidade, de perda e de tristezas que atrapalhavam o meu processo de ensino e aprendizagem". (Estudante 6)

e) Percepções dos estudantes sobre o ensino online

As percepções dos estudantes em relação ao acompanhamento do ensino remoto, validam as dimensões analisadas anteriormente (Quadro 4). Em primeiro lugar o próprio contexto de pandemia com a exigência de isolamento social suspendeu o convívio universitário, o contato entre colegas e com os professores passaram a ser realizados de modo remoto. A rotina acadêmica foi totalmente alterada, tendo em vista que muitos estudantes retornaram para a casa de suas famílias e tiveram de assumir os afazeres doméstico. Além disso, o convívio em um ambiente muitas vezes compartilhado com familiares foi descrito por grande parte dos estudantes como uma distração, atrapalhando a concentração nas aulas e no desenvolvimento de atividades, situação que levou ao acúmulo e sobrecarga de atividades.

Do ponto de vista tecnológico a falta de internet de qualidade e a ausência de dispositivos tecnológicos comprometeu o acompanhamento das aulas, além da falta de familiaridade com as plataformas digitais que passaram a ser utilizados por docentes e discentes. Do ponto de vista do processo de ensino aprendizagem, grande parte dos estudantes estiveram preocupados com a qualidade do ensino, visto que as aulas passaram a ter menor duração ou acontecerem de modo assíncrono, através de vídeo-aulas gravadas previamente, o que reforça a falta de interação evidenciada pelos estudantes, com a falta de atividades em grupo e discussões.

Para os estudantes em estágio avançado da graduação somava a preocupação com o atraso do ano letivo que levaria, consequentemente, ao atraso na conclusão da graduação. Todos esses fatores, causaram alteração na saúde mental dos estudantes que além de enfrentar toda sobrecarga mental de se viver durante a pandemia, tiveram de conciliar a rotina doméstica e de estudo. Desmotivação, ansiedade, estresse e tristeza foram frequentemente relacionados com o acompanhamento das atividades acadêmicas. Sobre os aspectos positivos do ensino remoto, os estudantes mencionaram que as plataformas digitais auxiliam na organização das atividades, como a gestão de prazos de entrega de trabalhos e avaliações e a facilidade de realizar reuniões à distância, além da possibilidade de poder rever as aulas que ficaram gravadas. Do ponto de vista financeiro, apesar da instabilidade econômica agravada pela situação pandêmica, grande parte dos estudantes alegaram que tiveram a redução de gastos com transportes e aluguel, visto que muitos retornaram as suas cidades de origem.

Quadro 4- Principais facilidades e dificuldades do ensino remoto

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Quando questionados sobre quais eram os comentários e a avaliação dos colegas em relação ao ensino remoto e às atividades online, a maioria dos estudantes apontaram para os sentimentos negativos que foram vivenciados, a sensação de que a qualidade da aprendizagem foi prejudicada impactando no rendimento acadêmico, a elevada carga de atividades aliada a falta de ambiente adequado para acompanhar as aulas e a ausência de familiaridade com as plataformas digitais por parte de professores e alunos.

> A maioria deles resume como uma época de extremo cansaço, angústia, medo e exaustão, principalmente pela quantidade de atividades que nos foram propostas, o que resultou na desistência do curso de alguns colegas. Bem como compartilham da minha mesma sensação de momentos de frustração em não aprender e sentimento de "perda de tempo" (tempo que sonhávamos estar em discussões na biblioteca, realizando artes em grupo, aprendendo coisas novas e criativas… enfim, vivendo as belezas da universidade, muito além da teoria.). (Estudante 1)

> Sempre conversamos sobre ser a pior parte da graduação, foi um momento de bastante desgaste psicológico e baixo rendimento. Nos sentimos prejudicados por essa mudança no curso para a modalidade online, principalmente nas disciplinas de estágio, que seria o primeiro contato com a prática para os estudantes que ainda não trabalham em escola. (Estudante 2)

> Ninguém gostou, todos se sentiram sufocados e desesperados com prazos, carga de conteúdos e leituras. A pressão pessoal de cada um. A falta de um ambiente adequado, a convivência ruim com o grupo familiar. Não tinha pra onde fluir, era dormir e acordar pensando em faculdade, não tinha descanso. Foi desesperador ficar em frente do computador durante as aulas, sem perspectiva. (Estudante 3)

> A maioria odeia e odiou. Durante o ensino remoto todos criticavam, alguns criticam até hoje, principalmente pela dificuldade que foi de aprender algumas matérias. Por

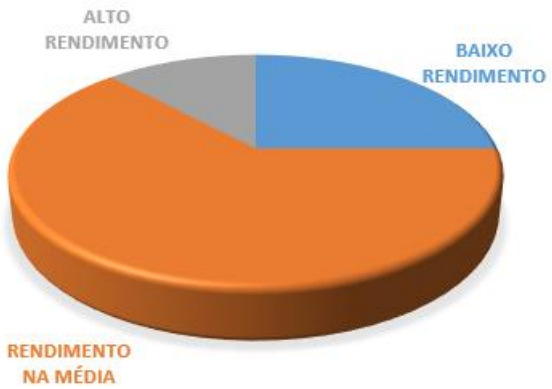
> se sentirem sobrecarregados, cansados, ansiosos, desanimados. Alguns trancaram... (Estudante 4)
>
> Creio que são comentários sobre a falta de organização, as coisas aconteceram meio "jogadas" em diversos momentos. Compreendo pelo fato de não ser algo comum e a pandemia nos pegar desprevenidos, causando muito desconforto para os professores que não sabiam ministrar boas aulas remotamente e para os alunos que não sabiam se portar por trás da tela. (Estudante 5).

7.2- No Retorno Presencial

a) Aprendizagem

No retorno presencial fica evidente a satisfação dos estudantes com a maior interação proporcionada pelo ensino presencial, entre colegas e com os professores. As aulas presenciais proporcionam uma dinâmica que possibilita atividades em grupo, debates e discussões. Além disso, grande parte dos estudantes afirmaram que os níveis de concentração são maiores, pois ao anotar as explicações dos professores durante as aulas os estudos acabam sendo beneficiados por uma maior retenção do conteúdo, aumentando também a percepção da qualidade do ensino ofertado. No que diz respeito às dificuldades, a readaptação à rotina universitária levou à exaustão e o cansaço de alguns estudantes que alegaram não destinar tempo suficiente aos estudos e a insegurança de passar a interagir novamente de modo presencial, falar em público, interagir em sala de aula e realizar provas sem o apoio de consulta a todos os recursos didáticos que estiveram disponíveis durante o ensino remoto. Neste sentido, para uma grande parcela dos estudantes, a percepção de desempenho apresentou um rendimento na média, seguido de um baixo desempenho (Gráfico 7).

Gráfico 7- Desempenho geral no retorno presencial



Fonte: Elaboração Própria (2024)

Em relação ao retorno presencial, a percepção dos estudantes acerca da aprendizagem mudou. Houve um predomínio de discursos que indicavam um período de readaptação à rotina e ao ritmo das aulas presenciais, inseguranças em relação às dinâmicas das atividades acadêmicas presenciais e o benefício da socialização e interação em sala de aula.

> "No meu processo de aprendizagem, eu preciso da aula presencial. Preciso desse momento em que estou totalmente focada no conteúdo, ouvindo e anotando. Em casa, são muitas distrações, não consigo me concentrar. Também, no presencial temos a relação dos professores e alunos que é muito difícil de ser construída no online". (Estudante 1)

> "A principal dificuldade é lidar com a carga horária, o cansaço do dia e a falta de tempo para a leitura e atividades. As facilidades foram estar presente com os colegas compartilhando ideias e criatividade durante as aulas, se reunir de forma presencial para fazer trabalhos mais elaborados". (Estudante 2)

> "Pensando em dificuldades encontradas com o retorno presencial, penso na insegurança como o maior. Sinto que estou precisando recuperar minha confiança em falar em público, discutir e expor minhas opiniões, bem como realizar provas sem consulta em tempo limitado e me reacostumar com a rotina de viajar por tantas horas da minha cidade para Rio Claro, ida e volta, todos os dias. Já pensando em facilidades encontradas com o retorno presencial, penso no privilégio de poder fazer e recuperar minhas amizades. Senti que voltei para as aulas mais disposta a me socializar, arriscar novos grupos e conhecer novas pessoas". (Estudante 3)

> "A dificuldade está em voltar a interagir com as pessoas, na concentração nas aulas e na realização dos trabalhos, principalmente apresentações de seminários. O que facilitou foi conseguir mudar o ambiente de estudo, estar na sala de aula faz toda a diferença, mesmo que ainda tenha dificuldade para me concentrar e interagir". (Estudante 4)

> "Foi difícil no começo me acostumar com a rotina, eu fiquei praticamente dois anos tendo aula em casa (cursinho/faculdade) mas depois desse período de adaptação a volta às aulas presenciais se mostraram muito boas, as matérias têm se tornando mais interessantes, é mais fácil entender que estou na faculdade, minha rotina hoje em dia está girando em volta das aulas, no EAD eu tinha que ajudar em casa e trabalhar". (Estudante 5)

b) Condições materiais e sociais

No que diz respeito às condições materiais e sociais no retorno presencial, os estudantes puderam voltar a se beneficiar da infraestrutura da universidade, tendo acesso aos laboratórios e biblioteca. Muitos estudantes enfatizam que além do apoio didático fornecido pela biblioteca, o ambiente de estudo proporcionado pelas salas de leitura auxilia no desenvolvimento de atividades e estudo, principalmente para os estudantes que residem em moradias compartilhadas. Além disso, frequentar a faculdade auxiliou na diferenciação entre tempo destinado ao lazer e tempo destinado ao estudo, haja vista que durante a pandemia estudos e lazer ocorriam em um mesmo ambiente e mediado pelos dispositivos tecnológicos. Um desafio

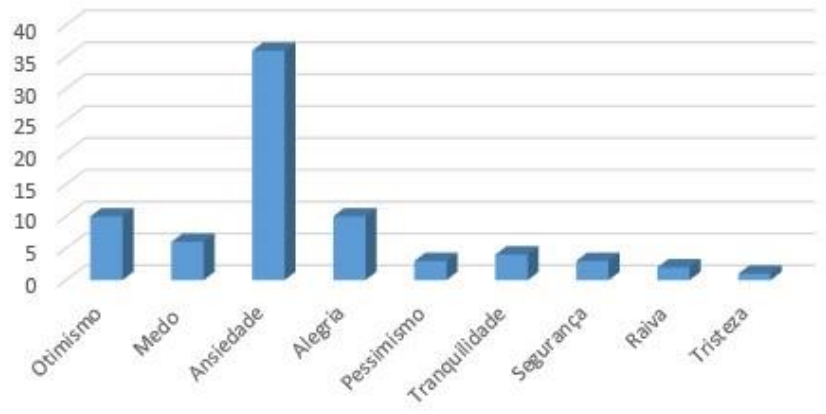
mencionado por parte dos estudantes foi o aumento dos gastos, em razão de que grande parte dos estudantes que frequentam a universidade são provenientes de outras cidades e precisam gastar para se deslocar de van ou ônibus todos os dias e, em casos que as distâncias são longas, pagar um aluguel e arcar com os gastos de viver em outra cidade.

> "Foi um bom período (ensino remoto) em quesitos de não precisar me locomover até outra cidade, nem ter gastos, porém em questões de ensino não foi tão vantajoso quanto está sendo no modo presencial. (Estudante 1)"
>
> "Não precisar sair da minha cidade e me instalar em outra para ter aulas reduziram os gastos financeiros que eram muito menores com aulas online (Estudante 2)".
>
> "A aula presencial exige a convivência com outros alunos, a mudança de cidade, a organização sem a ajuda dos pais e os compromissos sociais, que também considero importante para a graduação (Estudante 3)".
>
> "Preferia o ensino online, ainda que com uma didática terrível dos professores, preferia economizar o dinheiro do gasto com a viagem e ficar em casa estudando sozinha (Estudante 4)".

c) Sentimentos vivenciados

No retorno presencial, o sentimento predominante foi a ansiedade em relação à retomada da rotina na universidade e à oportunidade de rever professores e amigos. Outros sentimentos citados com frequência foram o otimismo e a alegria. Ao comparar o período pandêmico com o retorno presencial é possível verificar que sentimentos positivos foram mais frequentes com o retorno das aulas presenciais, enquanto o período de ensino remoto foi dominado por sentimentos negativos (Gráfico 8).

Gráfico 8- Sentimentos vivenciados no retorno presencial



Fonte: Elaboração Própria (2024)

Cabe salientar que o sentimento de ansiedade foi citado por 35% dos estudantes, provavelmente em razão da expectativa em retornar as aulas presenciais e rever os amigos, retomar a rotina acadêmica e para grande parte dos estudantes iniciar de fato a adaptação para a vivência universitária. Como mencionado nos discursos de alguns estudantes:

> "Foi muito difícil voltar depois de ter me adaptado às aulas online e ficar tanto tempo longe das pessoas da sala. Voltei mais introvertida, insegura e preocupada por ser o último ano. (Estudante 1)"
>
> "Sem dúvidas escolheria as belezas e desafios do ensino presencial. Sinto que me organizo e aprendo mais com a presença concreta dos professores e meus colegas - me sinto mais motivada e feliz. (Estudante 2)"
>
> "Gosto de conhecer gente nova, ir em alguns rolês, ter esse ambiente de faculdade e de agora morar numa república; é como se um novo ciclo tivesse começado e a minha vida fosse se transformando aos poucos, sinto que estou mais feliz agora do que antes. (Estudante 3)"

d) Percepção dos estudantes

O retorno presencial evidencia a ocorrência de fatores positivos e negativos, dificuldades e facilidades na readaptação à rotina acadêmica (Quadro 5). Por um lado, a volta dos contatos presenciais favorece a interação e atividades em grupo somados à sensação de motivação de grande parte dos estudantes. O contato com colegas, professores e o retorno da vivência acadêmica fizeram com que os estudantes tivessem uma percepção de aprendizado maior do que durante a pandemia. Consequentemente, em vários discursos é possível verificar uma melhora na percepção sobre a saúde mental, visto que muitos demonstraram entusiasmo com a retomada presencial.

Por outro lado, no que diz respeito aos desafios, com a readaptação à rotina houve relatos de cansaço e falta de tempo para gerir os compromissos. A insegurança de voltar aos relacionamentos interpessoais presencialmente, interagir e se posicionar após o período de isolamento. Do ponto de vista financeiro, os participantes mencionaram o aumento dos gastos com deslocamentos e aluguel. Ao olhar para o contexto em que foi realizada a pesquisa, nos cursos de Pedagogia e Geografia na Unesp de Rio Claro, ambos ofertados no período noturno (o curso de geografia também é ofertado no período integral) muitos estudantes já possuem emprego e moram em cidades vizinhas e, portanto, se deslocam todos os dias para o acompanhamento das aulas. Com o retorno presencial, os custos com a viagem retornaram e o cansaço de conciliar trabalho e estudo também foi sentido.

Quadro 5- Dificuldades e facilidades no retorno presencial

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Os discursos presentes nas respostas dos estudantes elucidam as dificuldades e facilidades com o retorno das aulas presenciais apresentadas acima:

> "Facilidade, pois em sala de aula com a turma, o aprendizado flui melhor. Dificuldade de ir até a universidade, tendo que dividir o tempo com o trabalho. (Estudante 1)"
>
> "As dificuldades que vieram com o retorno presencial foram causadas pela mudança de cidade, a dificuldade em achar um lugar para morar, se acostumar a cidade nova, organizar um cronograma novo, problemas financeiros, entre outros problemas. (Estudante 2)"
>
> "As facilidades vieram com o retorno ao ambiente da sala de aula, facilitando o desenvolvimento de amizades e a conexão com a matéria. (Estudante 3)"
>
> "As dificuldades são pautadas em menor tempo para estudo, dificuldade em pegar o ritmo do presencial e conciliar cuidar de uma casa-estudar-ser produtivo. As facilidades são pautadas em melhor compreensão em sala de aula, maior troca entre professor e turma e espaço da universidade para uso (biblioteca por exemplo). (Estudante 4)"
>
> "As dificuldades acredito que tenha sido a mudança pra Rio Claro, e os gastos que tive com isso. Além disso, o retorno presencial exigiu muito mais disciplina e estudo que o online, tive que adequar minha rotina a isso. (Estudante 5)"

7.3- Desafios e Possibilidades

De maneira geral os dados apontam para uma variedade de desafios enfrentados durante o período pandêmico e que afetaram o retorno presencial. Estudantes, professores e as instituições de ensino superior na tentativa de adequação à demanda da situação emergencial estiveram diante de situações que alteraram completamente o desenvolvimento da rotina acadêmica.

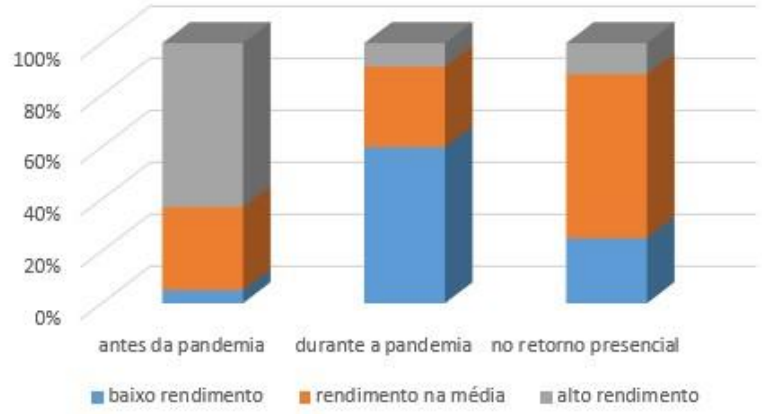
Em primeiro lugar, as condições materiais e sociais de estudo foram totalmente alteradas. Com a suspensão das aulas presenciais muitos estudantes retornaram à vivência com suas famílias e tiveram de assumir responsabilidades em relação ao trabalho doméstico e de cuidado. O tempo dedicado aos estudos e acompanhamento das atividades acadêmicas, consequentemente, foi reduzido. Em casos mais extremos, a crise econômica global, agravada pela pandemia forçou parte dos estudantes a se lançarem ao mercado de trabalho para auxiliar nas despesas de suas famílias.

Além disso, permeado pela imensa desigualdade social no país, desafios já enfrentados se tornaram mais evidentes: com a retomada das atividades acadêmicas em formato remoto, o acesso a tecnologia se tornou primordial para a continuidade dos estudos no ensino superior brasileiro. Apesar dos esforços das instituições de ensino superior públicas para tentar minimizar a desigualdade de acesso aos seus estudantes através da distribuição de chips com acesso a rede de dados móveis, notebooks e outros dispositivos tecnológicos, muitos estudantes não possuíam meios para retomar às aulas. E mesmo quando a tecnologia estava disponível, a falta de familiaridade de discentes e docentes com as plataformas digitais dificultaram o acompanhamento das atividades acadêmicas, ficando evidente a falta de períodos de adaptação e formações destinadas a esses públicos. Ao considerar o retorno presencial, parte dos estudantes relataram enfrentar dificuldades financeiras para retomar devido as despesas necessárias para se fixarem novamente nos municípios onde estão localizadas as universidades.

Do ponto de vista dos sentimentos vivenciados, grande parte dos estudantes relataram vivenciar sentimentos negativos como tristeza, ansiedade e pessimismo, o que corrobora com os estudos de Maia e Dias (2020) e de Freires et al (2023) que verificaram os impactos da pandemia para a saúde mental dos estudantes universitários brasileiros e constataram o aumento dos índices de ansiedade e depressão. Somado a isso, o discurso dos estudantes indicou que a rotina doméstica, o acompanhamento das atividades acadêmicas, tempo de estudo e avaliações levaram a fadiga de grande parte dos estudantes que se sentiram sobrecarregados.

O impacto na saúde mental refletiu na percepção de aprendizado e rendimento. Os dados apontam uma mudança significativa da percepção dos estudantes em relação ao seu desempenho geral antes, durante e depois da pandemia. Antes do período pandêmico havia um maior número de estudantes que percebiam seu rendimento como elevado. Durante a pandemia esse cenário se alterou e grande parte dos participantes responderam que mantinham um baixo desempenho. Com o retorno das aulas presenciais, o maior número de respostas descreveu um rendimento acadêmico na média, como consta no Gráfico 9.

Gráfico 9- Rendimento



Fonte: Elaboração Própria (2024)

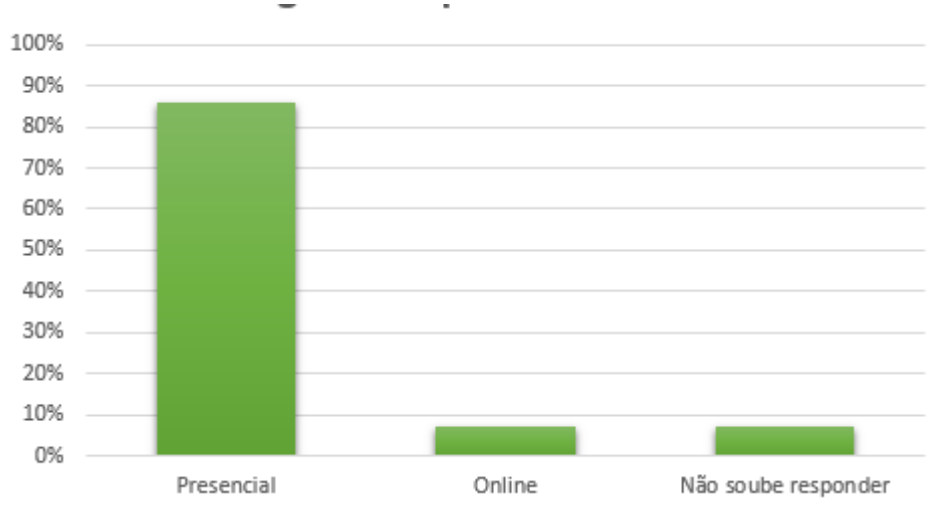
Tal percepção sobre o rendimento, principalmente durante o período de ensino remoto tem sua raiz na defasagem no processo de ensino aprendizagem percebido pelos estudantes. A desmotivação com o isolamento social e as transformações na rotina dos estudantes acarretaram prejuízos na aprendizagem, como a redução do tempo dedicado ao estudo, o enfrentamento de obstáculos devido a falha tecnológica que dificultava o acompanhamento das atividades, bem como a ausência de interação em sala de aula. Em relação à didática empregada nas aulas, a falta de interação e o contato mediado por telas e microfones dos dispositivos tecnológicos foi percebido pelos universitários como uma grande perda da potencialidade das aulas, devido a falta de discussões e debates que ocorriam nas aulas presenciais. O acúmulo das avaliações a serem entregues e a inexistência de contato físico aliado a ausência de infraestrutura como a oferecida pela universidade levaram ao sentimento de insegurança quanto ao aprendizado.

Em relação à percepção dos estudantes que iniciaram a graduação durante a pandemia e, consequentemente, iniciaram as atividades de forma remota, verifica-se o predomínio de sentimentos negativos decorrentes da quebra de expectativa com o ingresso no ensino superior.

Insegurança, medo da adaptação e receio da qualidade do curso foram frequentemente mencionados e contribuíram para a sensação de não se sentir pertencente ao ambiente universitário.

No que diz respeito à percepção dos estudantes que iniciaram a graduação de forma presencial, mas tiveram parte da graduação realizada de forma remota, relataram esse período como uma época de extremo cansaço, angústia, o que resultou na desistência do curso de alguns colegas. Os estudantes compartilharam momentos de frustração com os obstáculos à aprendizagem e a percepção sobre estarem vivenciando a pior parte da graduação, devido ao desgaste psicológico e baixo rendimento. Grande parte dos estudantes mencionaram que muitos colegas tiveram a intenção de trancar o curso, pois não estavam rendendo tanto nas aulas online em comparação com o período presencial. Neste contexto, o Gráfico 10 ilustra a preferência dos estudantes quanto ao formato das aulas.

Gráfico 10- Preferência em relação ao formato das aulas



Fonte: Elaboração Própria (2024)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência da Covid-19 impactou as atividades acadêmicas e obrigou a adoção do ensino remoto a fim de evitar a propagação do novo vírus. A presente pesquisa dedicou-se a investigar junto a um grupo de estudantes da UNESP, que cursaram parte da graduação no contexto da pandemia COVID-19, sobre seus níveis de satisfação e insatisfação acadêmica durante o período de isolamento social e no retorno presencial. Especificamente, a objetivou-se analisar o impacto do cenário pandêmico do COVID para o envolvimento dos estudantes em atividades de aprendizagem e os impactos na retomada presencial; averiguar quais foram as condições materiais e sociais dos alunos para realizar as atividades remotas e para o retorno presencial; identificar quais os sentimentos positivos e negativos dos estudantes em relação ao processo de ensino e aprendizagem ocorrido durante o isolamento social e comparar os sentimentos vivenciados durante o isolamento com o retorno presencial.

A investigação da literatura permitiu identificar que a satisfação acadêmica envolve diversos fatores como recursos econômicos, perspectivas de carreira, qualidade de ensino e o relacionamento interpessoal com colegas e professores. A nova rotina imposta pela vida acadêmica exige uma série de responsabilidades necessitando de uma adaptação ao novo contexto. Neste sentido, as pesquisas relacionadas a satisfação acadêmica são fundamentais para a compreensão dos fatores que envolvem o sucesso acadêmico e, assim possibilitar a adoção de estratégias que auxiliem os alunos na adaptação ao ambiente universitário. Em relação a pandemia foi possível verificar que a necessidade de isolamento social alterou a rotina dos estudantes e evidenciou as desigualdades de acesso à internet e dispositivos tecnológicos para acompanhar as aulas, somado a isso a saúde mental dos estudantes universitários foi alterada devido a ansiedade e estresse gerados pelo contexto pandêmico.

Os resultados indicaram que a capacidade de envolvimento em atividades de aprendizagem foi afetada, em razão de fatores emocionais e materiais, como a falta de recursos para acompanhar as aulas, tal como internet de qualidade, notebook ou computador, além de microfone e câmera. A necessidade de isolamento social alterou o estado físico e emocional dos estudantes e influenciou o acompanhamento das atividades acadêmicas, de modo que grande parte dos participantes não conseguiram cumprir integralmente com as atividades não-presenciais propostas. O estudo permitiu verificar o predomínio de sentimentos negativos, como medo, tristeza, raiva e pessimismo afetando o engajamento e a rotina de estudos. Cabe destacar que vivenciar mais sentimentos negativos afeta a questão comportamental, pessoal e

cognitiva, o que tem influência direta para a aprendizagem e compromisso acadêmico. No grupo investigado, a maioria dos alunos afirmaram que o rendimento acadêmico foi baixo durante a pandemia. Em relação ao retorno presencial, muitos estudantes enfrentaram dificuldades financeiras e emocionais, apesar do alívio do retorno presencial, vários estudantes mencionaram dificuldades de retorno a nova rotina. Por outro lado, as possibilidades das aulas presenciais geraram novo ânimo para retomar o contato físico e os debates em sala de aula, assim como nos outros ambientes disponíveis nas universidades, além disso, na amostra da pesquisa os estudantes mencionaram perceber que o tempo dedicado aos estudos aumentou e, consequentemente, o rendimento acadêmico também se mostrou mais satisfatório. Aliado a isso, verifica-se a necessidade de formação pedagógica dos professores para a utilização das ferramentas tecnológicas, assim como o entendimento da relevância da vivência acadêmica para o êxito dos estudantes, motivo pelo qual iniciativas de permanência estudantil se fazem tão relevantes para apoiar e garantir a plena satisfação dos estudante durante sua jornada acadêmica.

Considera-se que a temática da pesquisa permite continuidade, para levantar dados dos desafios enfrentados em outras universidades e em outras localidades do Brasil, considerando as especificidades de cada região. Além disso, o estudo contribui para a compreensão do impacto que a pandemia teve para a rotina dos universitários, verificar as condições que envolvem o retorno ao ensino presencial, após o período de isolamento, assim como possibilitar à adoção de estratégias que solucionem as dificuldades elencadas e contribuam para uma maior satisfação acadêmica entre os estudantes. É possível também verificar se houve aumento da evasão nas universidades em função da pandemia ou a queda do rendimento acadêmico, a pesquisa também abre possibilidade para investigações sobre as possibilidades do ensino remoto ou híbrido no futuro, considerando as condições materiais e os desafios de ensino aprendizagem nessa modalidade de ensino.

A temática da satisfação acadêmica carece de mais investimentos no Brasil, uma vez que possibilita a análise de situações de permanência ou abandono de estudantes do Ensino Superior e a identificação de variáveis que interferem na (in) satisfação acadêmica, com a finalidade de traçar perfis dos estudantes que proporcionem planos de ação mais eficazes dentro das universidades. Identificar fragilidades que podem ser resolvidas por meio de políticas públicas dentro da universidade auxiliam os estudantes no êxito em seu percurso acadêmico.

9. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro Silva. Ensino Superior: Combinando exigências e apoios. In: Almeida, Leandro Silva (ed.), **Satisfação Acadêmica no Ensino Superior: desafios e oportunidades**. Braga, Portugal: ADIPSIEDUC (p. 17-33) ; 2019.

ARAGÃO, Bruno Saboya, ALFINITO, Solange & LUÍS, Correia José. Satisfação com a Experiência Acadêmica de Estudantes do Ensino Superior. **Consumer Behavior Review**, 2(2), 96-107, 2018.

ARAÚJO, Alexandra Maria. Sucesso no Ensino Superior: Uma revisão e conceptualização. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**. ISSN: 1138-1663; eISSN: 2386-7418 UDC / Uminho, Vol. 4, No. 2, 132-141, 2017. DOI: https://doi.org/10.17979/reipe.2017.4.2.3207

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Gabrielly Maria Mendes de; VALÉRIO, Filipe Carlos Eudes Pinto; SILVA, Maria Helena Franklin Domingos da; PECORELLI, Domennica Gomes; PORTO, Vinicius Urquiza da Nóbrega; SILVA, Luisiane de Avila. Os impactos da Pandemia do COVID-19 na saúde mental dos estudantes. Research, Society and Development, v. 10, n. 9, e47210918307, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18307

BATISTA, Israel Matos. **Equidade no Ensino Superior Brasileiro: Respostas dadas à pandemia da COVID-19**. 2021 (Dissertação). Disponível em: https://repositorio.fgv.br/items/93547462-da06-4650-81b9-1c0a2da43391/full

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo da Educação Superior*. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior. Acesso em: 7 jan. 2025.

CAMPIRA, Farissai Pedro; ALMEIDA, Leandro Silva; ARAÚJO, Alexandra Maria Satisfação acadêmica: um estudo qualitativo com estudantes universitários de Moçambique. Educ. Form., Fortaleza, v. 6, n. 3, e4913, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/4913. Acesso em: 10 de março de 2024. DOI: https://doi.org/10.25053/redufor.v6i2.4913

CARNEIRO, Leonardo de Andrade; RODRIGUES, Waldecy; FRANÇA, George; PRATA, David Nadler. Uso de tecnologias no ensino superior público brasileiro em tempos de pandemia COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, e267985485, 2020 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5485

CARVALHO, Roberto Luís da Silva; LOPES, Lucas Rodrigues; CARVALHO, Angélica Lago; PIRES JÚNIOR, Wanderlei José; GALO, Juliana Minardi. Avaliação da Satisfação Acadêmica, expectativa de futuro e motivação acadêmica em estudantes de graduação do Instituto Federal de Rondônia Campus Ariquemes. **South American Development Society Journal**, *[S. l.]*, v. 5, n. 14, p. 36, 2019. DOI: 10.24325/issn.2446-5763.v5i14p36-52. Disponível em: https://www.sadsj.org/index.php/revista/article/view/231. Acesso em: 14 out. 2024

CHANG, Jinghui; YUAN, Yuxin; WANG, Dong. Mental health status and its influencing factors among college students during the epidemic of COVID-19. Nan Fang Yi Ke Da Xue Xue Bao = **Journal of Southern Medical University**, *40*(2), 171–176, 2020. DOI: https://doi.org/10.12122/j.issn.1673-4254.2020.02.06 Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32376528/

FERREIRA, Denise Helena Lombardo; BRANCHI, Bruna Angela; SUGAHARA, Cibele Roberta. Processo de ensino e aprendizagem no contexto das aulas e atividades remotas no Ensino Superior em tempo da pandemia Covid-19. **Revista Práxis**, v. 12, n. 1 (Sup.), dezembro, 2020.

FIOR, Camila Alves; MARTINS, Maria José. Docência universitária no contexto de pandemia e o ingresso no ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, e024742, p. 1-20, 2020. DOI: https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24742.

FLORES, Maria Assunção; VEIGA SIMÃO, Ana Margarida; BARROS, Alexandra; FLORES, Paulo; PEREIRA, Diana; LOPES FERNANDES, Eva; COSTA FERREIRA, Paula & COSTA, Luís. Ensino e aprendizagem à distância em tempos de COVID-19: um estudo com alunos do Ensino Superior. **Revista Portuguesa De Pedagogia**, *55*, e055001. https://doi.org/10.14195/1647-8614_55_1, 2021.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília, 2ª edição: Liber Livro Editora, 2007.

FREIRES, Leogildo Alves; FERNANDES, Sheyla Christine Santos; CASTRO, Angélica Maria Ferreira de Melo; OLIVEIRA, Leonita Chagas de; TORRES, Luan Filipy Freire; SANTOS, Eduardo Feitosa. Estresse em universitários: conhecendo o efeito das atividades remotas no cotidiano pandêmico. **Revista Brasileira de Educação** v. 28 e280006, 2023. https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280006

GALVE-GONZÁLEZ, Celia; BLANCO, Elena; VÁZQUEZ-MERINO, David; HERRERO, Francisco Javier; BERNARDO, Ana Belén; Influencia de la satisfacción, expectativas y percepción del rendimiento em el abandono universitário durante la pandemia. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**. Vol 9, No 2, 226-244, 2022. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/6952/695273466004/html/

GREBENNIKOV, Leonid; SHAH, Mahsood. Monitoring trends in student satisfaction. **Tertiary Education and Management**, 19 (4), p. 301-322, 2013.

GUNDIM, Vivian Andrade; ENCARNAÇÃO, Jhonatta Pereira da; SANTOS, Flávia Costa; SANTOS, Josenaide Engracia dos; VASCONCELLOS, Erika Antunes; SOUZA, Rozemere Cardoso de. Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19. **Revista baiana de enfermagem,** *[S. l.]*, v. 35, 2020. DOI: 10.18471/rbe.v35.37293. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/37293. Acesso em: 15 out. 2024.

INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS UNESP RIO CLARO. Portaria da Diretoria Nº 39, de 18 de Março de 2020. Disponível em: https://ib.rc.unesp.br/Home/Instituicao/DivisaoTecnicaAcademica/39-2020--suspensao-calendario.pdf Acesso em: 14 de março de 2024.

INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS UNESP RIO CLARO. Portaria da Diretoria n°65, de junho de 2020. Disponível em:

https://ib.rc.unesp.br/Home/Instituicao/DivisaoTecnicaAcademica/65-2020---calendario-parcial-para-retomada-das-atividades-remotas.pdf Acesso em: 14 de março de 2024.

LIMEIRA, George Nunes; BATISTA. Maira Edenilce Peixoto; BEZERRA, Janete de Souza. Desafios da utilização das novas tecnologias no ensino superior frente à pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, *[S. l.]*, v. 9, n. 10, p. e2219108415, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i10.8415. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8415. Acesso em: 12 mar. 2023.

LOBO, Janilce da Silva; RIBEIRO, Jefferson Bruno Pereira; MOREIRA, Jonathan Rosa. Entendendo a insatisfação acadêmica como fator de evasão escolar: percepção dos estudantes evadidos do curso de administração (2017-2018) do Centro Universitário Projeção. **Revista Projeção e Docência**, v10, n°1, p.101-112, 2019.

MA, Z ; ZHAO, J ; LI, Y ;CHEN, D ; WANG, T ; ZHANG, Z ; LIU, X. Mental health problems and correlates among 746 217 college students during the coronavirus disease 2019 outbreak in China. **Epidemiology and Psychiatric Sciences**, 29, e181. Doi:10.1017/S2045796020000931, 2020. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/epidemiology-and-psychiatric-sciences/article/mental-health-problems-and-correlates-among-746-217-college-students-during-the-coronavirus-disease-2019-outbreak-in-china/C453DDF97C20489E1461EAC54AFC4DC8

MAGALHÃES, António; MACHADO, Maria de Lourdes, SÁ, Maria. Satisfação dos estudantes do ensino superior português. Matosinhos, Satisfação dos estudantes do ensino superior português, p. 63-177, **CIPES – Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior**, 2012.

MAIA, Berta Rodrigues; DIAS, Paulo César. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, 2020. http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria n° 343, 17 de março de 2020. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376 Acesso em: 14 de março de 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria n° 544 de 16 de junho de 2020. Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872 Acesso em: 14 de março de 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil**. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acesso em: 15 de março de 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa Nacional de Imunizações**. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/vacinas/pni. Acesso em: 15 de março de 2024.

NEVES, Úrsula. Saúde Mental e Covid-19: universitários brasileiros são os mais afetados pela pandemia. **PEBMED**, 2021. Disponível em: https://pebmed.com.br/saude-mental-e-covd-19-universitarios-brasileiros-sao-os-mais-afetados-pela-pandemia/

NHAMTUMBO, Telma Luís. Capacidade de resposta das instituições educacionais no processo de ensino-aprendizagem face à pandemia de Covid-19: impasses e desafios. **Revista EDUCAmazônia** – **Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá**. Vol XXV, Núm 2, jul-dez, pág. 556-571, 2020.

NOGUEIRA, Bianca Lopes da Cunha; OSTI, Andréia. Os impactos do Covid-19 para a satisfação acadêmica de estudantes da UNESP. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, *[S. l.]*, v. 4, p. e023015, 2023. DOI: 10.51281/impa.e023015. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/impa/article/view/12102. Acesso em: 17 jul. 2024.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré; LIMA, Letícia Mara Cavalcanti; SILVA, Lídia Cristina Monteiro da; NASCIMENTO, Ravena Silva do; ZIESEMER, Ravena Petra Mororó; COSTA, João Breno Cavalcante. Saúde mental de estudantes do ensino superior durante a pandemia da COVID-19: scoping review. **Revista Saúde em Redes** (ISSN 2446-4813), v. 8, n. 3, 2022A. DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8n3p405-421.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré; VASCONCELOS, Maristela Inês Osawa; ALMEIDA, Paulo César; PEREIRA, Paulo Jorge de Almeida; LINHARES, Maria Socorro Carneiro; XIMENES NETO, Francisco Rosemiro Guimarães; ARAGÃO, Joyce Mazza Nunes. Covid-19: Repercussions on the mental health of higher education students. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. Especial 1, p. 206-220, mar. 2022B. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-11042022E114P

OLIVEIRA, Vinicius Plentz; MACIEL, Larissa Fernanda Porto; IAOCHITE, Roberto Tadeu; SALLES, Willian da Neves; NASCIMENTO, Juarez Vieira; FOLLE, Alexandra. Autoeficácia no ensino superior e satisfação com as experiências acadêmicas: percepções de estudantes de educação física. **Movimento (Porto Alegre)**, v.26, p. e26087, jan./dez. 2020. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/ Movimento/article/view/101307. Acesso em: 11 de março 2024. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.10130

OLIVEIRA, Elida. Brasil tem maior índice de universitários que declaram ter saúde mental afetada na pandemia, diz pesquisa. G1, 26 de setembro de 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/02/26/brasil-tem-maior-indice-de-universitarios-que-declaram-ter-saude-mental-afetada-na-pandemia-diz-pesquisa.ghtml Acesso em: 08 mai. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN- AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de Covid-19 – OPAS/ OMS| Organização Pan-americana da Saúde**. Disponível em: https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19 Acesso em: 15 de março de 2024.

OSTI, Andréia, ALMEIDA, Leandro Silva, CHICO, Beatriz Marsili, OLIVEIRA, Vinicius. Satisfação Acadêmica de Estudantes Universitários: construção de uma escala de avaliação. **Educação: Teoria e Prática**/ Rio Claro, SP/ v. 30, n.63/2020. EISSN 1981-8106 e34, 2020A. DOI: ttp://dx.doi.org/10.18675/1981-8106.v30.n.63.s14704

OSTI, Andréia, CHICO, Beatriz Marsili, OLIVEIRA, Vinicius, & ALMEIDA, Leandro Silva. Satisfação académica: Pesquisa com estudantes brasileiros de uma universidade pública. **Revista E-Psi**, 9(1), 94-106, 2020B.

OSTI, A.; CHICO, B. M.; OLIVEIRA, V. de; ALMEIDA, L. S. Investigação de fatores relacionados à satisfação acadêmica no ensino superior brasileiro. **Revista de Instrumentos,**

Modelos e Políticas em Avaliação Educacional, *[S. l.]*, v. 1, n. 3, p. e020015, 2020C. DOI: 10.51281/impa.e020015. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/impa/article/view/3793. Acesso em: 15 out. 2024.

OSTI, Andréia, JÚNIOR, José Airton de Freitas Pontes, ALMEIDA, Leandro Silva. O comprometimento acadêmico no contexto da pandemia da covid-19 em estudantes brasileiros do ensino superior. Revista Prâksis, 3, 275-292, 2021. DOI: https://doi.org/10.25112/rpr.v3.2676

OSTI, Andréia; ALMEIDA, Leandro da Silva. A satisfação acadêmica no contexto do ensino superior brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 3, p. 1558–1576, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17i3.16088. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16088

PEREIRA, Michele Morelo; SOARES, Eliza de Medeiros; FONSECA, Julia Gabriela Antunes; MOREIRA, Juliana de Oliveira & SANTOS, Luara Paiva Rondeli. Saúde mental dos estudantes universitários brasileiros durante a pandemia de Covid-19. **Psicologia: Teoria e Prática**, 23(3), 1–20, 2021 http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPPE13941

PINTO, Nelson Guilherme Machado; QUADROS, Michel Richard Costa de; CRUZ, Fernando Vieira da; CONRAD, Carla Cristina. Satisfação acadêmica no ensino superior brasileiro: uma análise das evidências empíricas. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, Passo Fundo, v. 3, n. 2, p. 3-17, dez. 2017. ISSN 2447-3944. Disponível em: https://seer.imed.edu.br/index.php/REBES/article/view/1600. Acesso em: 10 mar. 2024. DOI: https://doi.org/10.18256/2447-3944.2017.v3i2.1600

RIBEIRO, Wanderson Alves et al. Desafios do processo de ensino-aprendizagem no ensino superior em tempos de pandemia da Covid-19: Uma Revisão de Literatura. **RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar – ISSN 2675-6218**, *[S. l.]*, v. 2, n. 6, p. e26495, 2021. DOI: 10.47820/recima21.v2i6.495. Disponível em: https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/495.

ROSSATO, Vanessa Piovesan; PINTO, Nelson Guilherme Machado; MULLER, Andressa Petry. Satisfação Acadêmica de estudantes de ensino superior: o caso de um campus universitário. **Revista GeSec** São Paulo, SP, Brasil v. 11, n. 3, p. 185-211, set/dez 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.7769/gesec.v11i3.1082

SALOMÃO, Ivo Félix Caroa de Sousa; ABACAR, Mussa; ALIANTE, Gildo. Satisfação acadêmica em estudantes do Curso de Graduação em Ensino Básico da Universidade Pedagógica – Delegação de Nampula. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 24-42, mar. 2018. ISSN 2447-3944. Disponível em: https://seer.imed.edu.br/index.php/REBES/article/view/2239. Acesso em: 14 mar. 2022. DOI: https://doi.org/10.18256/2447-3944.2018.v4i1.2239.

SALVAGNI, Julice; WOJCICHOSKI, Nicole de Souza; GUERIN, Marina. Desafios à implementação do ensino remoto no ensino superior brasileiro em um contexto de pandemia. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 1-12, jul.-dez. 2020 | e-38898. http://dx.doi.org/10.15448/2179-8435.2020.2.38898

SANAR. **Linha do Tempo do Coronavírus no Brasil**- Sanar Medicina. Disponível em: https://sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil/ Acesso em: 15 de março de 2024.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; ZANON, Cristian & ILHA, Vanessa Domingues. Autoeficácia na formação superior: seu papel preditivo na satisfação com a experiência acadêmica. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 36, e160077, 2019. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275201936e160077

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; POLYDORO, Soely. Aparecida Jorge; SCORTGAGNA, Silvana Alba; LINDEN, Maria Salete Sandini. Integração ao ensino superior e satisfação acadêmica em universitários. **Psicologia: Ciência E Profissão**,33 (40), 780-793, 2013. https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000400002

SEMESP, Mapa de Cursos e Escolas de Educação Superior- 14ª edição, 2024. Disponível em: https://www.semesp.org.br/mapa/home/. Acesso em: 7 jan. 2025.

SILUS, Alan; FONSECA, Angelita Leal de Castro; NETO DE JESUS, Djanires Lageano. Desafios do ensino superior brasileiro em tempos de pandemia da COVID-19: repensando a prática docente. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, e5336, dezembro 2020. https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5336

SILVA, Michelli Domingos da; SOARES, Glória Cristina Araújo; CARDOSO, Carla Mara Leandro; GUERREIRO, Thayanne Sa Bezerra; GUIMARÃES, Cyntia Costa; CHICRE, Giovanna Ribas; SIQUEIRA, Luciano Rodrigues Mendes de; SEFFAIR, Rebecca Pereira; DOMINGUES, Nathany do Amaral; TRINDADE, Francilene de França. Coronavírus: consequências da pandemia no ensino superior. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.13, n. 5, p. e7120, 3 de maio 2021. DOI: https://doi.org/10.25248/REAS.e7120.2021

SUEHIRO, Adriana Cristina Boulhoça; ANDRADE, Karla Silva de. Satisfação com a experiência acadêmica: um estudo com universitários do primeiro ano. **Psicologia em Pesquisa**. Juiz de Fora, 12(2). 1-10. Maio-Agosto de 2018. DOI: 10.24879/2017001200200147

SUNDE, Rosário Martinho; GIQUIRA, Sónia; AUSSENE, Manuel Marcos. Efeitos da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos universitários: caso de estudantes da Universidade Rovuma, Moçambique. **Cad. Ibero Am. Direito Sanit. [Internet].** 30º de junho de 2022 [citado 3º de abril de 2023];11(2):88-102. Disponível em: https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/869

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia; WOTTRICH, Shana Hastenpflug; OLIVEIRA, Adriano Machado. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, volume 12, n.1, p. 185-202, 2008.

ZIEGLER, Maria Fernanda. **Variante Gama (P.1) é mais agressiva, mas pode ser contida com vacina e lockdown, comprova estudo**. Agência FAPESP, 09 de agosto de 2021. Disponível em: https://agencia.fapesp.br/variante-gama-p1-e-mais-agressiva-mas-pode-ser-contida-com-vacina-e-lockdown-comprova-estudo/36531

9. ANEXO I

ADAPTAÇÕES ACADÊMICAS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 E OS REFLEXOS NO RETORNO PRESENCIAL [UNESP]

Nome completo:

_____

Qual a sua idade?

_____

Qual o seu gênero?

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não dizer

Qual é o seu curso de graduação?

- PEDAGOGIA
- GEOGRAFIA

1-Em uma escala de 1 a 3, sendo 1=baixo rendimento, 2=rendimento na média, 3= alto rendimento, como você classifica o seu desempenho geral:

	Baixo rendimento	Rendimento na média	Alto rendimento
Antes da pandemia			
Durante a pandemia			
No retorno presencial			

2-Quais sentimentos você percebe que sentiu nesse contexto de pandemia? Assinale quais achar necessários.

- Alegria
- Tristeza
- Raiva
- Segurança
- Medo
- Otimismo
- Pessimismo
- Ansiedade
- Calma/Serenidade

3) Quais sentimentos você percebe que sente agora com o retorno presencial? Assinale quais achar necessários.

- Alegria
- Tristeza
- Raiva
- Segurança
- Medo
- Otimismo
- Pessimismo
- Ansiedade
- Calma/Serenidade

4) Onde você geralmente estudava durante o período de aulas remotas? (ex: quarto, sala, cozinha, escritório, etc.)

5) Como você avalia esse período de aulas online?

6) Aponte quais foram os prejuízos das aulas online.

7) Aponte os benefícios da aula online

8) O que mais diferencia, em sua opinião, a vida acadêmica de um estudante comparando o presencial e o online?

9) Se você puder indicar questões emocionais vividas na pandemia, vinculados ao seu processo de ensino e aprendizagem, quais seriam? Justifique.

10) Sua dedicação aos estudos mudou comparando o período de aulas remotas com o retorno de aulas presenciais? Se sim, quais foram essas mudanças?

11) Quais foram as dificuldades e facilidades com as aulas online?

12) Quais foram as dificuldades e facilidades com o retorno presencial?

13) Se pudesse escolher, após ter passado por um período de aulas remotas, desejaria continuar o curso online ou está mais satisfeito com a volta presencial? Justifique.

14) Quais os principais comentários que seus colegas e amigos fazem sobre esse período de aulas online?